



Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita  
Filho” Faculdade de Ciências e Letras Campus de  
Araraquara - SP

## **Relato e realidade nas cartas brasileiras do Padre Antônio Vieira: uma visão cognitivista e cultural**

MARIA BETÂNIA ARANTES BARROS

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP, campus de Araraquara, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

**Linha de pesquisa:** Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática: Análise de fatos linguísticos em uso na língua em uma ou mais das seguintes dimensões - fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática.

**Orientador:** Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu

ARARAQUARA-SP

2013

MARIA BETÂNIA ARANTES BARROS

## **Relato e realidade nas cartas brasileiras do Padre Antônio Vieira: uma visão cognitivista e cultural**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP, campus de Araraquara, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

**Orientador:** Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu

### **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador:** Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu

Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara.

---

**Membro Titular:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Carolina Crisciolo Sperança

---

**Membro Titular:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marta Maria Pagadigorria Ribeiro

Faculdade de Americana, SP.

---

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras

**UNESP – Campus de Araraquara**

**“Importante é saber traçar uma meta e deixar o nosso  
mais honroso amigo cuidar de tudo “O Tempo”.”**

**Fernando Lapoli**

**RESUMO:** O padre Antônio Vieira, grande escritor português da época do Barroco, mestre da oratória, filósofo, foi um dos personagens mais influentes do século XVII. Defensor dos indígenas e dos cristãos-novos, Vieira é autor de muitos sermões, por meio dos quais pregava ao povo, conseguindo, por sua oratória, unir pessoas de diferentes origens sociais. O poder da sua argumentação era algo divino e, até nos dias de hoje, suas obras são lidas e lembradas. Essa foi uma das razões que motivaram a proposta desta nossa pesquisa. Nosso foco foi analisar a questão da coerência, segundo a metarregra de relação, proposta por Charolles (2002), aplicando-a em uma de suas Cartas do Brasil, a Carta Ânua. Motivou-nos a isso a quase certeza de que, para o entendimento do leitor moderno, especialmente dos jovens, a relação entre o texto e os estados de coisas narrados poderia oferecer obstáculos consideráveis, uma vez que essa relação é necessariamente mediada por fatores históricos e culturais, envolvendo valores da época em que foram escritos. Em outras palavras, é necessário que ações, estados ou eventos narrados em um texto sejam percebidos como congruentes dentro do mundo reconhecido por quem o avalia. A escolha da Carta Ânua deveu-se ao fato de Vieira narrar, segundo seu ponto de vista, os acontecimentos da primeira invasão holandesa no Brasil. Além do trabalho de Charolles (op. cit.), usamos também, como ferramenta teórica, a teoria dos frames, de acordo com a ótica de Kövecses (2006).

**Palavras-chaves:** coerência, cultura, história, Vieira.

**ABSTRACT:** Father Antonio Vieira, great Portuguese writer of the Baroque period, master in oratory, philosopher, was one of the most influent people in the XVII century. Protector of Indians and new-Christians, Vieira is the author of many sermons, by which he preached to people, achieving by his oratory to connect people from different social origins. The power of his rhetoric was divine and, until nowadays, his works are read and remembered. That was one of the reasons that induced the proposal of our research. Our focus was to analyze the issue of coherence, according to the relation rule proposed by Charolles (2002), applying it to one of Vieira's Brazilian Letters, *Carta Anua*. This choice was motivated by the fact that, to the reader's modern understanding, especially the young ones, the relationship between the text and the related state of affairs could impose considerable barriers, because that relationship is necessarily mediated by historic and cultural reasons, encompassing values from the time they were written in. In other words, it is necessary that actions, states, or narrated events in a text be understood as congruent to the accepted world belonging to whom measures it. The choice of *Carta Anua* is also due to the fact that Vieira narrates, according to his viewpoint, the events of the first Dutch invasion in Brazil. Besides using Charolles' theory, we have also used the frame theory, according to the Kovecses (2006).

**Keywords:** coherence, culture, history, Vieira.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	O padre Vieira pregando .....	19
<b>Figura 2</b>	Linotipo e Matriz de chumbo para impressão.....	30
<b>Figura 3</b>	Defunto sendo levado envolto em lençol, no nordeste.....	31
<b>Figura 4</b>	Consultório do sangrador Rodrigo Cervantes.....	50

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo 1 – O padre Antônio Vieira.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 O Barroco.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 As cartas do padre Antônio Vieira.....</b>	<b>18</b>
<b>1.3 As visões brilhantes de Vieira naquela época para o mundo hoje.....</b>	<b>21</b>
<b>1.4 Contexto da carta ânua: os interesses flamengos no Brasil e a invasão dos holandeses à Bahia.....</b>	<b>20</b>
<b>Capítulo 2 - O sentido do texto, história e cultura; A teoria dos Espaços Mentais.....</b>	<b>23</b>
<b>2.1 A coerência do texto.....</b>	<b>25</b>
<b>2.2 Frames.....</b>	<b>31</b>
<b>Capítulo 3 - Em direção a uma linguística cognitiva social.....</b>	<b>33</b>
<b>3.1 Das habilidades cognitivas gerais às habilidades cognitivas gerais sociais.....</b>	<b>34</b>
<b>3.2 Comunidades.....</b>	<b>37</b>
<b>3.3 Coerência e Relação.....</b>	<b>39</b>
<b>Capítulo 4 - Análise da Carta Ânua de Vieira ao geral da Companhia de Jesus, datada de 30 de setembro de 1626.....</b>	<b>42</b>
<b>4.1 Análise de trechos da carta Ânua.....</b>	<b>43</b>

<b>4.1.1 Trecho 1.....</b>	<b>43</b>
<b>4.1.2 Trecho 2.....</b>	<b>44</b>
<b>4.1.3 Trecho 3.....</b>	<b>44</b>
<b>4.1.4 Trecho 4.....</b>	<b>45</b>
<b>4.1.5 Trecho 5.....</b>	<b>47</b>
<b>4.1.6 Trecho 6.....</b>	<b>48</b>
<b>4.1.7 Trecho 7.....</b>	<b>49</b>
<b>4.1.8 Trecho 8.....</b>	<b>50</b>
<b>4.1.9 Trecho 9.....</b>	<b>51</b>
<b>4.1.10 Trecho 10.....</b>	<b>51</b>
<b>4.1.11 Trecho 11.....</b>	<b>52</b>
<b>4.1.12 Trecho 12.....</b>	<b>53</b>
<b>4.1.13 Trecho 13.....</b>	<b>53</b>
<b>4.1.14 Trecho 14.....</b>	<b>54</b>
<b>4.1.15 Trecho 15.....</b>	<b>54</b>
<b>4.1.16 Trecho 16.....</b>	<b>54</b>
<b>4.1.17 Trecho 17.....</b>	<b>55</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>63</b>

## Introdução

O sentido de um texto, sabemos, é construído dialogicamente pelo enunciatário, aquele que o ouve ou lê. A mente humana tem a capacidade de produzir diversos significados com a finalidade da construção de sentidos. Todo esse processo é inerente ao processamento cognitivo. Podemos, muitas vezes, identificar que ocorre uma incompatibilidade no processo de construção dos sentidos por parte do enunciatário. Quando ocorre a leitura ou a audição de um texto, o enunciatário estabelece significados ao que ouviu ou leu, porém, temos que compreender que o autor do texto produzido, quando o produziu, tinha intenções. Sabe-se, também, que embora não tenhamos acesso às intenções reais, em algumas das vezes, essas intenções podem ser influenciadas pelo estado emocional do leitor no dia, seus valores, suas crenças, cultura, etc. É aí que pode ocorrer uma falha no processamento/estabelecimento de sentidos enunciados. No caso do texto falado, ocorre a incoerência do significado, ou seja, ocorre o mal-entendido. Porém, em relação ao texto escrito também é possível ocorrer o mal-entendido. Dentre as explicações para a ocorrência do mal-entendido, está a discrepância entre o conhecimento enciclopédico de mundo do enunciador e do enunciatário. O enunciatário que não compartilha do mesmo conhecimento do enunciador ou interpretou de maneira equivocada os sentidos que foram estabelecidos, atribuindo valores diferentes que os do autor do texto, enfrenta uma falha em seu entendimento. É necessário estabelecer uma relação harmônica entre as partes de um texto, e isso acontece com uma ação conjunta.

Com base nesse ponto de vista, nosso trabalho tem como proposta analisar a Carta Ânua, situada no livro *Cartas do Brasil* (Hansen, 2003) escrita pelo padre Antônio Vieira, durante a primeira invasão holandesa, à luz da metarregra de relação, proposta por Charolles (2002), e dos *frames*, segundo Kovecses (2006). O objetivo da pesquisa é investigar, também por meio de uma pesquisa filológica, em que medida o entendimento de um texto antigo, em sua dimensão de coerência relacionada a estados de coisas do mundo a que se refere, depende, crucialmente, do entendimento da visão de mundo e dos valores compartilhados pelo enunciador e enunciatários a que se dirige. Então, pretendemos analisar aquilo que, do ponto de vista de hoje, seriam transgressões inerentes à metarregra de relação.



No desenvolvimento do trabalho, a abordagem teórica principal será o modelo da Linguística Cognitiva, que se baseia na percepção e conceptualização humana do mundo, e que nos permite buscar fórmulas mais funcionais para auxiliar na educação. Também utilizaremos a relação língua, cultura e os *frames*.

A teoria da metarregra de relação, proposta por Charolles (op. cit.), estabelece que aquilo que se diz tem de estar de acordo com um estado de coisas no mundo real ou em mundos possíveis e, a partir das leituras da Carta, escrita no século XVII, podemos mencionar, que aspectos culturais e históricos são fatores importantes que podem interferir na aplicação da metarregra de relação como parâmetro de coerência de um texto, já que Charolles (op. cit. p.74) diz que num texto coerente, é “necessário que as ações, estados ou eventos que ela [a coerência] denota sejam percebidos como congruentes no tipo de mundo reconhecido por quem a avalia”.

A teoria dos *frames*, uma das teorias que fundamentará a pesquisa, é uma representação de um objeto complexo, ou seja, “um frame é uma representação de uma estrutura mental da categoria conceptual.” (KOVECSES, 2006, p.63). Ela irá nos auxiliar na importante tarefa de mostrar a essencialidade de desabilitar e re (habilitar) os *frames* que estão acarretados de mudanças de significação, devido ao passar dos tempos, para melhor compreender os textos dos séculos passados.

Um dos fatos que motivou a nossa pesquisa foi analisar como ocorre a interferência no estabelecimento de um sentido, ou seja, a “violação da coerência” e obter um melhor resultado de análise. Foi escolhida como *corpus* a Carta Ânua, do padre Antônio Vieira. A escolha da carta se deu por ser ela a mais importante escrita por ele, pois relata o que se passava durante todo um ano e também pelo seu contexto: momento da invasão da Holanda na Bahia. Já a escolha do autor ocorreu pelo fato de o padre Antônio Vieira ser uma das figuras mais célebres do século XVII, e pelo poder de argumentação e oratória com que ele tocava as pessoas.

Devido à preocupação com a qualidade de interpretação dos alunos, anseio a aplicação dos resultados deste trabalho em contribuição com a prática docente, não como parte do trabalho, mas como uma ferramenta que possa auxiliar docentes e discentes na leitura de textos antigos.

O trabalho foi organizado da seguinte forma: no Capítulo 1 haverá a apresentação do autor do *corpus*, o padre Antônio Vieira, seus feitos, suas obras, sua

cultura e crenças, e o tempo vivido por ele. No Capítulo 2, mostraremos as teorias que permeiam a pesquisa: a teoria dos espaços mentais, a coerência do texto com a metarregra de relação, os *frames*, e um pouco de uma abordagem sobre cultura, história e crença. Já, no Capítulo 3, abordaremos mais a fundo a linguística cognitiva como fator social, a ação coordenada, a relação e a coerência. No Capítulo quatro, iniciaremos a análise da Carta Ânua, dividida em trechos, com base nas teorias apresentadas e, logo à frente, haverá a Conclusão, seguida das Referências Bibliográficas e do Apêndice.

## Capítulo 1

### O padre Antônio Vieira

Os pequenos querem ser grandes, os grandes querem ser maiores, os maiores não sei, nem eles sabem o que querem ser. (VIEIRA *apud* BULCÃO, 2008, p.136)

Padre Antônio Vieira foi um religioso, orador da Companhia de Jesus<sup>1</sup> e escritor. Nasceu em Lisboa, no dia 6 de fevereiro de 1608, e faleceu em Salvador, Bahia, no dia 18 de julho de 1697.

No ano de 1614, o padre Vieira iniciou seus primeiros estudos no Colégio dos Jesuítas de Salvador e, em 1623, ingressou na Companhia de Jesus como noviço. A sua vocação missionária surgiu quando estava refugiado no interior da capitania, devido à invasão holandesa, que ocorreu em 1624. Um ano depois tomou os votos de castidade, pobreza e obediência.

Com a mudança política em Portugal depois da Restauração<sup>2</sup> em 1640, Vieira foi para a corte, onde se tornou confessor do rei D. João IV, que o enviou como seu representante a Roma e a Amsterdã. Mais tarde, ele também foi confessor da rainha Christina, da Suécia. Vieira fez longa e difícil jornada marítima entre Portugal e Brasil várias vezes e, ainda em vida, se tornou uma figura célebre. Em decorrência disso, quando foi morar em Portugal, em 1641, tornou-se muito popular. As pessoas apreciavam bastante seus sermões, e as igrejas onde pregava ficavam lotadas (BULCÃO, 2008, p.13).

Entretanto, apesar de sua proximidade aos poderosos de seu tempo, Vieira não conseguiu escapar das perseguições que acometiam aos que não tinham nenhuma proteção. Suas declarações e seus sermões em defesa dos “Cristãos Novos” — Judeus

---

<sup>1</sup>A Companhia de Jesus, cujos membros são conhecidos como jesuítas, é uma congregação religiosa fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, liderados por Inácio de Loyola. A Congregação foi reconhecida por bula papal em 1540. É hoje conhecida principalmente por seu trabalho missionário e educacional.

<sup>2</sup>Restauração é o regresso de Portugal à sua completa independência em 1640, depois de sessenta anos de regime de monarquia dualista (1580-1640). Fim da União das Coroas Ibéricas.

forçados a se converter ao Cristianismo — que formavam grande parte da classe mercantil de Portugal e suas críticas aos excessos da Inquisição terminaram por despertar a fúria da própria Inquisição (BUENO, 2004).

E assim, depois de muitas idas e voltas entre Portugal e Brasil, retornou ao Brasil em 1681, de onde não saiu mais. Dedicou-se à tarefa de continuar a coligar os seus escritos, visando à edição completa em 16 volumes dos seus Sermões, iniciada em 1679.

Padre Antônio Vieira foi um dos mais influentes personagens do século XVII em termos de política e oratória. Também se destacou como missionário em terras brasileiras. Nessa qualidade, defendeu infatigavelmente os povos indígenas combatendo a sua exploração, escravização e prepugnando por sua evangelização. Era por eles chamado de "Paiacu" (Grande Padre/Pai, em tupi).

Dentre suas diversas missões, Antônio Vieira defendeu também os judeus, a abolição da distinção entre cristãos-novos (judeus convertidos, perseguidos à época pela Inquisição) e cristãos-velhos (os católicos tradicionais), e a abolição da escravatura. Criticou ainda, severamente, os sacerdotes da sua época e a própria Inquisição, como já foi citado anteriormente.

O contexto cultural em que o padre Antônio Vieira viveu foi o Barroco, em que se cultivava o excesso, junto ao saber ornamental da palavra. Sua oratória tinha como principal função a propagação da fé e do catolicismo. Priorizava as regras da eloquência e produzia, sempre, um discurso engenhoso. Assim eram seus Sermões que, com os recursos da retórica, tinham o propósito de propagar a fé. O padre Antônio Vieira acreditava ser um homem escolhido por Deus para cumprir uma missão na Terra, que era disseminar a palavra de Deus.

Vieira acreditava que Deus determinava o significado que as palavras continham em si mesmas, na sua própria essência e, também, acreditava que os elementos da língua portuguesa continham o valor universal da verdade. Sendo assim, valia-se do púlpito e pregava aos índios, brancos e negros, aos brasileiros, africanos e portugueses, dominadores e dominados, pondo em prática suas ideias políticas, na defesa do índio e do negro, e na catequese, também na defesa da Colônia e em favor de Portugal, assim sendo, também contra os holandeses. Como diz Moisés (1968, p. 87):

Assistido por inquebrantável dinamismo, o Padre Vieira pensou todas as questões cadentes em seu tempo e procurou agir praticamente para lhes dar rumo compatível com aquilo que julgava correto, numa ânsia de coerência que por si só explica a vastidão da sua obra e da sua ação mental e política. Neste segundo aspecto, destaca-se a campanha em favor dos escravos, dos indígenas e, por fim, dos judeus, bárbara e desumanamente torturados pela Inquisição. É alto o mérito que lhe advém dessa luta travada acima das suas limitações sacerdotais e pondo a humana condição antes de qualquer verdade pragmática ou dogmática. Como seria de esperar, tudo isso lhe valeu fortes e fatais dissabores, mas tornou-o estrela de primeira grandeza do Barroco luso-brasileiro.

“De Vieira ficou o testemunho de um arquiteto incansável de sonhos, também de um orador sutil e complexo, considerado mais conceptista do que cultista, um amante de provar até o sofisma, assim, também, eloquente até a retórica, e conseqüentemente, estupendo artista da palavra.” (BOSI, 1976. p. 48)

Ainda para Bosi (1976) interessa, particularmente ao leitor brasileiro, o Sermão da Primeira Dominga da Quaresma, que foi pregado no Maranhão, em 1653. Nesse sermão, Vieira tenta persuadir os colonos a libertarem os indígenas que lhe fazem evocar os hebreus cativos de faraó. Ele prevenia, assim, as objeções dos senhores:

Quem nos há de ir buscar um pote d'água, ou um feixe de lenha? Que nos há de fazer duas covas de mandioca? Hão de ir nossas mulheres? Hão de ir nossos filhos? Responde virilmente: Quando a necessidade e a consciência obrigam a tanto, digo que sim, e torno a dizer que sim; que vós, vossas mulheres, que vossos filhos, e que todos nós nos sustentássemos dos nossos braços; porque melhor é sustentar-se do suor próprio, que do sangue alheio. Ah! Fazendas do Maranhão, que esses mantos e essas capas se torceram, haviam de lançar sangue! (AZEVEDO apud BOSI, 1976, p.49)

Mesmo após ter conquistado glórias e prestígio internacionalmente, Vieira passou seus últimos dias em Roma, segundo Bulcão (2008, p.205), muito infeliz. É possível destacar isso a partir das leituras de suas correspondências, que eram repletas de angústias. Sua saúde piorava a cada dia e este foi o principal motivo da sua decadência física. Também as combinações dos fatores: saudades de Portugal e o clima frio da cidade contribuíram para essas correspondências angustiantes. O que também o aborrecia era a falta de prestígio junto à Corte de Dom Pedro. “Certa vez dissera que amar a quem aborrece é ato de generosidade, aborrecer a quem se ama é ato de

ingratidão, mas só não disse o que significava aborrecer a quem não amava”. (BULCÃO, 2008. p.205)

Vieira acusou inúmeros problemas de saúde em diversas cartas. Depois de muitas cartas enviadas a Duarte Ribeiro Macedo, criticando o clima de Roma, dizendo que era a causa principal e originária de sua doença e que os médicos lhe receitaram mudar de ares, Vieira começa a se tratar fora da cidade, em Neptuno, a 35 milhas distantes de Roma, porém, segundo escreveu Bulcão (2008, p.207) em uma nota publicada por João Francisco Lisboa, Vieira inventou uma doença para poder voltar para Portugal.

Os diversos relatos sobre a saúde de Vieira lhe renderam um dos mais famosos sermões da série intitulada “As cinco pedras de Davi”, que foi escrito depois de o padre recuperar-se de uma febre que durou exatos 30 dias. Segundo Bulcão (2008, p.208), essa série composta por esse sermão foi realizada na Quaresma, sendo tida como exercício de piedade ao longo da noite. Deixando à parte a veracidade da doença de Vieira, seus interesses foram atendidos: Vieira estava voltando para Portugal. Seu primeiro objetivo, ao retornar a sua terra, era a aproximação com a Corte. Frente a isso, ele fala, por meio de uma carta enviada aos assessores de Dom Pedro, que sempre servira à pátria arriscando a própria vida em missões à Holanda, Inglaterra, França e Itália (BULCÃO, 2008, p.208). Mas nada disso parecia surtir efeito, Vieira era muito prestigiado em Roma e desprestigiado em Portugal, então, sem interlocutores em Lisboa, o padre resolve se refugiar em Carcavelos. Ele quase não conseguia mais ler, pois seus problemas de vista se agravavam cada vez mais. A notícia da sua rejeição em Portugal chegou aos ouvidos do Geral dos Jesuítas, e então, o padre João Paulo Oliva convidou Vieira para voltar para Roma e aceitar ser o confessor da rainha Cristina. Com todo o prestígio internacional, surgiram na Espanha, país que ele nunca visitara, publicações falsificadas de seus sermões. Devido a essa confusão, segundo Bulcão (2008, p.213), Vieira começou a trabalhar na publicação dos seus escritos, o que ele intitulava de “borrões”. Dentre os inúmeros sermões escritos por Vieira, teve um em que ele revelou sua opinião sobre os autores e seus livros.

O livro é a mais perfeita imagem de seu autor; tão perfeita que não se distingue dele, nem tem outro nome: o livro visto por fora, não mostra nada; por dentro, está cheio de mistérios: o livro, se imprimem muitos volumes, tanto tem um, como todos, e não têm todos mais do que um: o livro está juntamente em Roma, na Índia, e em Lisboa, e é o mesmo: o livro, sendo o mesmo para todos, uns percebem dele muito, outros pouco, outros nada; cada um conforme a sua capacidade: o livro é um mudo que fala; um surdo que responde; um cego que guia; um morto que vive; e não tendo ação em si mesmo, move os ânimos e causa grandes efeitos. (VIEIRA apud BULCÃO, 2008, p.214)

Neste outro sermão, que Vieira nunca pensara em publicar, ele emite sua opinião sobre o poder da palavra escrita:

Não há coisa mais escrupulosa no mundo que papel e pena. Três dedos com uma pena na mão é o ofício mais arriscado que tem o governo humano (...) Quantos delitos se enfeitam com uma penada? Quantos merecimentos se apagam com uma risca? Quantas famas se escurecem com um borrão? Para que vejam os que escrevem, de quantos danos podem ser a causa, se a mão não for muito certa, se a pena não for muito aparada, se a tinta não for muito fina, se a regra não for muito direta, se o papel não for muito limpo (...) Todas as penas, como as ervas, têm a sua virtude; mas as que estão mais chegadas à fonte do poder são as que prevalecem sempre a todas as outras. (VIEIRA apud BULCÃO, 2008, p.215)

Já nos tempos de pouco prestígio, Vieira ainda teve a chance de comemorar mais uma vitória, em Roma, da sua incansável luta pelos cristãos-novos. Logo após essa vitória, o quadro físico de Vieira era desalentador. Como se não bastasse sua saúde precária, os assuntos da Corte estavam lhe causando muito desgosto e aborrecimento. Demonstrou, então, novamente, interesse de voltar ao Brasil e, no dia 27 de janeiro de 1681, em pleno inverno na Europa, embarcou para o Brasil. As notícias vindas do Maranhão lhe agradavam, pois como cada vez mais chegavam escravos para as colônias, os índios ficariam livres para ser catequizados pela Companhia. Isso foi o que mais motivou sua volta ao Brasil. Em função dessa mudança na situação econômica do Brasil, conseguiu ele vislumbrar uma nova etapa de trabalho para os jesuítas. Em 1681, regressa definitivamente para o Brasil e, no recolhimento, entrega-se ao trabalho de ultimar a edição de seus sermões e de outras obras já iniciadas. Faleceu em 1697. (cf. MOISÉS, 1968, p.87).

## 1.1 O barroco

O melhor retrato de cada um é aquilo que se escreve. O corpo retrata-se com o pincel, a alma, com a pena. (VIEIRA apud BULCÃO, 2008, p.439)

O Barroco foi um movimento artístico e também cultural que nasceu na Europa no final do século XVI e se estendeu até meados do século XVIII. Esse movimento era de forte expressão nos países da península Ibérica e na Itália.

Tendo como ponto de vista o espiritual, o século XVII é marcado pelos reflexos das crises religiosas que ocorreram no século anterior, que são a Reforma (1517) e a Contrarreforma (1563). A Reforma dá origem ao Protestantismo; e a Contrarreforma, à reação da Igreja Católica que visa restaurar a fé cristã medieval e também combater a expansão do protestantismo e também recuperar as áreas de domínio protestante. (CEREJA; MAGALHÃES, 1997, p.44).

Podemos compreender o barroco, então, como uma contrarreação às tendências das épocas passadas, sob a direção da Contrarreforma católica, na tentativa de reencontrar o fio perdido da tradição cristã procurando, assim, exprimi-la sob novos moldes intelectuais e artísticos. (COUTINHO, 1968, p.145).

O movimento espiritual, de natureza ideológica tinha como intuito aproximar o homem e Deus, o celestial e o terreno, o religioso e o profano, conciliando, assim, as heranças medievais e renascentistas. Sendo assim, resulta disso o dualismo e o contraste que formam o eixo espiritual ou ideológico do Barroco.

O estilo barroco pretende traduzir o estado de conflito ou tensão espiritual do homem, graças ao uso de elementos apropriados, artifícios e figuras, como antíteses, paradoxos, contorções, preciosismos, assíndetos, metáforas, imagens emblemáticas, simbolismos sensuais, sinestesia, hipérboles, catacreses. São as expressões de um estado de tensão inferior, entre a forma e o conteúdo, de um estado de turbulência, de agressividade, de “conflito entre o indivíduo e um mundo inseguro”. (COUTINHO, 1968, p.147)

A literatura Barroca, que surgiu nas décadas de 1620 e 1630 e atingiu seu apogeu por volta de 1660, segundo Skrine (1988, p.4), foi caracterizado por seus efeitos de contrastes e antíteses. Sensível à beleza sensual das coisas, a era Barroca e sua



literatura se questionavam sobre os mistérios angustiantes da existência e da eternidade e eram descritas, na época, com luxo e exagero de detalhes, Nos teatros Barrocos, eram exaltados o heroísmo e a coragem, tidos, assim, como confronto aos corações apaixonados, que sabiam evocar com vigor e eloquência. Em se tratando de eloquência, o sentimento barroco encontrou na literatura e na música uma expressão tão eloquente quanto na pintura e na arquitetura. A tensão dinâmica entre um profundo domínio da forma, o gosto do movimento e o amor pelo detalhe ornamental é a marca mais evidente do Barroco em todas as artes.

A prosa barroca está representada pela oratória sagrada dos jesuítas. E, segundo Bosi (1976, p.47), o nome central é o Padre Antônio Vieira. O autor também cita autores secundários, mas não menos importantes, como: Padre Eusébio de Matos, irmão do poeta Gregório, e o Padre Antônio de Sá.

Centralizando nosso trabalho em Vieira, Bosi (1976, p.47), escreve que existem três Vieiras, um brasileiro, um português e um Vieira europeu, mas não atribui toda essa riqueza de dimensões apenas ao caráter supranacional da Companhia de Jesus, que foi tão bem encarnado por Vieira, mas à sua estatura humana em que o autor diz não ser um exagero reconhecer traços de um gênio. O padre Antônio Vieira tinha desejo por ações, uma religiosidade sólida, uma cultura humanística e o dom verbal. Todas essas qualidades o serviam. Era incansável, fazia projetos grandiosos, na maioria das vezes quiméricos, mas todos emergidos da utopia contrarreformista de uma Igreja Triunfante na Terra. Um sonho Medieval que um império português e missionário tornaria, enfim, realidade. (BOSI, 1976, p.45).

Para Coutinho (1968, p.150), a estética barroca atinge seu ponto alto em prosa, no Brasil, com o padre Antônio Vieira. O que ele fazia era aliar a essência do estilo senecano, “coupé” e setencioso, à ênfase, à sutileza, ao paradoxo, ao contraste, à repetição, à assimetria, ao paralelo, ao símile, ao manejo da metáfora. Como um grande orador sacro produziu páginas que são tesouros da eloquência sagrada, e escrita em língua portuguesa, e muitas dessas qualidades expressadas por Vieira estão expostas nos seus sermões.

Para compreender os sermões do Padre Vieira é preciso ter em mente as fundamentais características propostas pelo movimento do barroco. “De contorno dilemático, contraditório, feito de antíteses e oposições, instável com o próprio ondular das ideias no esforço de orientar e persuadir, os sermões vieirianos correspondem à preocupação de

anular a dicotomia radical existente em cada homem, formado que é de corpo e alma. Entenda-se todavia, o seguinte: o singular orador jesuíta era barroco mas não gongórico, porquanto propugnava pela dialética conceptista e insurgia-se contra os excessos gongóricos. (MOISÉS, 1968, p.88)

Podemos observar em exemplo, disto, citado pelo autor acima, no Prólogo do Autor que abre os *Sermões*:

Se gostas de afetação e pompa de palavras, e do estilo que chamam culto, não leias. Quando este estilo mais florescia, nasceram as primeiras verduras do meu (que perdoarás quando a encontrares), mas valeu-me tanto sempre a clareza, que só porque me entendiam comecei a ser ouvido; e o começaram também a ser os que reconheceram o seu engano, e mal se entendiam a si mesmos. (MOISÉS, 1968, p. 88)

Também no Sermão da Sexagésima, encontramos traços semelhantes do modelo e ratificação das ideias expostas acima, quando o orador diz sobre as causas porque se apartou “do mais seguido e ordinário” e que “por isso se põe em primeiro lugar, como prólogo dos demais”. (MOISÉS, 1968, p.88)

No<sup>3</sup> barroco, o padre Vieira parte sempre de um fato real para galvanizar o ouvinte, fazendo com que ele tenha o dever de pensar e reagir. Esse processo serve para despertar e eletrizar as consciências dos leitores, ligando o presente vivo ao texto evangélico, procurando por analogias e correspondências. É criado, a partir disso, uma espécie de parentesco alegórico entre ambos. A linguagem dos seus sermões, segundo Moisés (1968, p.89), é de recorte clássico, apoiado a um vocabulário restrito e a uma sintaxe riquíssima. O padre Vieira sempre se fez claro e profundo, lógico e convincente ao mesmo tempo, sempre explorando suas fabulosas qualidades de escritor e orador. Devido a isso, o Padre Antônio Vieira é considerado o verdadeiro modelo de purismo da linguagem e fonte de conhecimento do conjunto de expressões, que ele mesmo revelou e fixou pela primeira vez. É, contudo, o melhor representante do Barroco português, para Moisés (1968, p.90).

Os sermões vieirianos seguem a estrutura clássica e também carregam a mesclagem da formação jesuítica com a estética barroca, fazendo deles a expressão

---

máxima do Barroco em prosa sacra e um dos principais meios de difusão da ideologia e da literatura da Contrarreforma.



**Padre Vieira pregando**

## 1.2 As cartas do Padre Antônio Vieira<sup>4</sup>

Nenhum homem é tão sábio que não esteja sujeito ao erro. (VIEIRA apud BULCÃO, 2008, p.17)

Vieira escrevia cartas para a Corte Portuguesa sobre todos os acontecimentos importantes que presenciava. No livro “Cartas do Brasil”, editam-se cartas do Padre Vieira que tratam de temas do Estado do Brasil e do estado do Maranhão e Grão Pará, as duas regiões coloniais administrativas e espirituais de seu tempo. (HANSEN, 2003, p.44).

---

<sup>4</sup> Imagem do padre Antônio Vieira pregando, na reconstituição de João da Cunha Neves e Carvalho, publicada na *Galeria pitoresca da história portuguesa, de 1842*. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/portal/discurso/marco03.html>. Com acesso em 15/12/2012.

As cartas do padre Antônio Vieira foram publicadas entre 1625 e 1928 pelo historiador português João Lúcio d'Azevedo, com 710 cartas de gêneros diversos. Após a morte de Vieira, o padre Antonio Maria Bonucci informou ao Geral da Companhia de Jesus que tinha em seu poder mais de 200 cartas da autoria do padre Vieira.

A primeira carta da obra Cartas do Brasil é a Ânua da Província do Brasil, escrita por Vieira em 1626, quando tinha apenas 18 anos. Ele relata ao padre Muzzio Vitelleschi (Geral da Companhia de Jesus), os acontecimentos da invasão holandesa da Bahia em 1624 e também da sua retomada em 1625. A última carta é datada de 10 de Julho de 1697 e dirigida a Sebastião de Matos e Sousa, clérigo e secretário do Duque de Cadaval, sete dias antes do dia da sua morte.

Segundo Hansen (2003, p.46), obedecendo às prescrições da sua Ordem, Vieira escrevia as cartas aplicando os modelos de composição escrita prescritos por Loyola. A escrita de suas cartas imita o discurso natural de uma pessoa, reproduzindo para o destinatário à presença do corpo e da voz do remetente ausente como *sermo*, fala, por meio de técnicas ensinadas e usadas pelas autoridades antigas da *sermocinatio* latina e da *arsdictaminis* medieval.

O que Vieira fazia naquela época ainda é pensado hoje. Thomas e Turner (2011, p.3) escreveram um texto sobre uma maneira natural para escrever, e eles falam exatamente como Vieira fazia em sua época. Segundo os autores, a escrita não deve ser ensinada como uma convenção. Ela deve acontecer com a interação dos alunos, em atenção conjunta, de uma forma natural.

A narração, ou discurso, definido no século XVII como a parte mais substancial da carta, para Hansen (2003, p.48), é ordenado conforme os gêneros das correspondências, as espécies de temas e os gêneros das matérias. O decoro estilístico utilizado por Vieira evidencia sua equidade. As operações dialéticas, com base no intelectualismo substancialista de Vieira, atuam sempre como uma técnica da disposição do discurso – a dialética é entimemática – e da elocução – a dialética opera sobre uma metáfora que, dividida e classificada, é substituída a cada vez por novas metáforas redivididas.

Na narração de Vieira, ele obtém a persuasão do destinatário ética e pateticamente. Um exemplo dado na introdução de Cartas do Brasil, é que é corrente nas cartas a aplicação de um carácter eticamente grave, que pondera as matérias e analisa

os temas de maneira adequada à moral, propondo a justiça, a prudência, a temperança, a fortaleza, virtudes cardeais, e a fé, a esperança e a caridade, virtudes teológicas, pois é mais adequado à persuasão.

### **1.3 As visões brilhantes de Vieira naquela época para o mundo hoje**

(...) de maneira que não há dúvida que os homens são os piores inimigos que os demônios. (VIEIRA, apud BULCÃO, 2008, p.405)

O padre Antônio Vieira acreditava que com o passar do tempo iria surgir uma nova religião que seria capaz de unir todos os povos, uma inexorável fusão de fé entre católicos e judeus.

Há pouco mais de 400 anos, Vieira tinha uma análise econômica e política brilhantemente visionária. Naquela época, ele pôde perceber que hoje o mundo seria dominado pelo que chamamos de capital financeiro e que seriam ignoradas as fronteiras nacionais, religiosas e militares. (BULCÃO, 2008, p.195).

Vieira ainda dizia que chegaria um dia em que ninguém mais perguntaria a qual religião pertenceriam os detentores das riquezas. Escreveu que quem controlasse todo esse processo ocuparia uma posição estratégica, porque venceria economicamente todos seus adversários. Bulcão (2008, p.203), ainda escreve que com o dom tão divino que Vieira sentia ter, ainda vislumbrou que, no mundo de hoje, os homens caminhariam na direção de um materialismo mais acentuado e que os capitais só seriam aplicados em praças totalmente confiáveis.

### **1.4 Contexto da Carta Ânua: os interesses flamengos no Brasil e a invasão dos holandeses à Bahia**

Toda a desunião quanto há no mundo, e muito mais nas Cortes, ou nasce do vício vil da ambição, ou do vício vil da inveja, ou do Vício vil da vingança. (VIEIRA apud BULCÃO, 2008, p.142)

O interesse dos holandeses pelo Nordeste decorreu de uma situação política mais ampla, que envolvia a Holanda, Espanha e Portugal. Silva (1997, p.6) nos mostra que, até o século XVI, os chamados Países Baixos (Bélgica e Holanda) constituíam possessões espanholas. Entretanto, devido ao crescimento dos grupos burgueses e do desenvolvimento comercial de várias cidades naquela região, foi se iniciando um sentimento de revolta contra a dominação espanhola. Foi uma longa luta, que começou por volta de 1556, quando então, finalmente, a Holanda proclamou sua independência. Logo em seguida, aconteceu a União das Coroas Ibéricas (1580-1640).

Em 1624 ocorreu a invasão da Bahia pelos holandeses. Quando a Holanda proclamou sua independência em 1581, libertando-se do domínio da Espanha, Filipe II fechou os portos de Portugal e Espanha para os navios holandeses. Cobra (2010) nos mostra que essa medida constituiu um violento golpe na economia holandesa. Nessa época, a Holanda é que refinava o açúcar bruto vindo do Brasil via Portugal e o distribuía comercialmente para toda a Europa. Diante disso, a Holanda criou a Companhia das Índias Ocidentais, com o objetivo de conquistar diretamente as fontes produtoras do Nordeste Brasileiro.

Quando os holandeses invadiram Salvador, quase toda a população da cidade fugiu para as aldeias indígenas. Diogo de Mendonça Furtado, Governador Geral, foi preso e levado para a Holanda. Foi quando D. Marcos Teixeira <sup>5</sup>, o quinto bispo do Brasil, assumiu o governo e comandou a guerrilha ao invasor, preparando emboscadas e pequenos ataques. D. Marcos Teixeira, por meio de sua oratória e poder de argumentação, conseguiu também unir, por intermédio da religião, todas as classes sociais baianas para lutar contra os holandeses.

A guerrilha e a pregação do Bispo funcionaram e, em 1625, auxiliados por uma esquadra espanhola que havia chegado a Salvador, retomaram a cidade. Todos os bens dos holandeses foram confiscados e seus barcos devolvidos a eles com apenas o necessário para a sobrevivência durante a viagem.

Em 1630, os holandeses invadiram novamente o Brasil, chegando pelo Recife, um pequeno vilarejo de Olinda e lá permaneceram até 1654.

---

<sup>5</sup>Dom Marcos Teixeira de Mendonça, (1621-1624),foi o 5º, Quinto Bispo de Salvador da Bahia,Brasil.

“Dessa forma, os colonos portugueses e as pessoas nascidas no Brasil pegaram em armas mais uma vez e lutaram bravamente contra os flamengos. Assim, reiniciaram-se os conflitos visando à expulsão dos estrangeiros. Entre 1645 e 1648, diversas batalhas foram travadas, tendo os holandeses sofrido sucessivas derrotas”. (SILVA, 1997, p.43)

Em 27 de Janeiro de 1654 foi assinada a rendição. “Pôde-se cantar: À liberdade restaurada canto obrada por a espada Portuguesa, Guiada pela luz do Pólo” (idem, *ibidem*).

Diante destes relatos que permeiam a história de Vieira, podemos perceber que a época que ele viveu, essencialmente no ano de 1626, foi conturbada de acontecimentos. Pensa-se, então, que isso pode ter ajudado na intensidade da Carta Ânua, principalmente, porque Vieira passou por momentos difíceis que foram narrados na Carta e, graças a eles, pudemos fazer nossa análise buscando as “transgressões” da época.

## Capítulo 2

### O sentido do texto, história e cultura

#### Teoria dos Espaços Mentais

A teoria dos espaços mentais proposta por Gilles Fauconnier (2002, p.21), que será empregada na análise da carta de Vieira, foi feita a partir da constatação de Turner de que a linguagem não veicula sentidos, ela apenas os induz.

Para Turner:

Expressões linguísticas não significam; elas são propostas de significação para que nós construamos os significados trabalhando com processos que já conhecemos. De maneira alguma o significado de [uma]... enunciação está “diretamente nas palavras”. Quando nós entendemos uma enunciação, nós, de maneira alguma, estamos entendendo “exatamente o que as palavras dizem”; as palavras por si mesmas não dizem nada independentemente do conhecimento magnificamente detalhado e dos eficientes processos cognitivos que trazemos como suporte. (TURNER, 2002 *apud* FAUCCONNIER, 2002, p.22)

Quando alguém diz que assistiu ontem, pela televisão, à reprise do 11 de setembro, é preciso para atribuir sentido a essa frase, abrir um espaço mental para estabelecer relação metonímica entre a data que consta no texto e o atentado que ocorreu nesse dia. Assim o ouvinte precisa abrir um outro espaço mental para lembrar o ocorrido e fazer uma integração de tempo e espaço. Caso o interlocutor não tenha conhecimento do ocorrido em 11 de setembro, isso não fará nenhum sentido a ele.

Um exemplo clássico exposto na obra de Abreu (2010) apresenta uma frase que pode ter três sentidos, dependendo do espaço mental que seja aberto. O contexto se passa em uma casa com uma babá e uma criança. A criança acaba de destruir todos seus brinquedos por causa de uma birra.

Diante disso, a babá exclama:

*Se eu fosse seu pai, daria uma surra em você!*



### Primeiro Espaço Mental

A babá faz uma crítica ao comportamento do pai, pois sabe que o pai não tem autoridade sobre o menino.

### Segundo Espaço Mental

A babá quer dizer que o menino tem sorte de ela não ter o mesmo temperamento do pai, pois sabe que o pai do garoto é muito radical e autoritário, logo não ter nenhuma vontade de repreendê-lo batendo.

### Terceiro Espaço Mental

A babá está com vontade de dar uma surra no garoto, sem levar em conta o temperamento do seu pai.

Os Espaços Mentais, que se abrem em nossas mentes, atribuem sentidos aos textos, e dependem dos estados de coisas do mundo real.

Segundo essa teoria, quando pensamos e falamos montamos espaços mentais, que são parcelas de tempo de curta duração em que abrimos pequenos espaços “online” vinculados ao nosso conhecimento de mundo. Espaços Mentais são criados pelos *Space Builders*, unidades linguísticas que solicitam a construção de um novo espaço mental ou o deslocamento ao passado em busca de espaços já construídos. *Space Builders* podem ser expressões como locuções prepositivas (*em 1996, a partir do seu ponto de vista*), advérbios (*na verdade, provavelmente*), conectivos (*se, em seguida*), etc. O que é interessante sobre os *Space Builders* é que eles exigem que o ouvinte crie um cenário além do aqui e agora. Esse cenário pode refletir a realidade do passado, futuro, situações hipotéticas, situações que refletem ideias e crenças, e assim por diante. (EVANS; GREEN, 2006, p.271). Quando alguém diz, por exemplo:

- 1- Governo aumentaria novamente o preço dos combustíveis após o Carnaval.

o emprego do futuro do pretérito, em *aumentaria*, funciona com um *spacebuilder*, sinalizando ao leitor de que não se trata, na visão do enunciador, de um fato definitivo. Vejamos um outro exemplo:

- 2- No século XVIII, na Alemanha, as crianças nascidas de mães solteiras eram encaminhadas a um orfanato, uma vez que, não tendo pai, eram consideradas órfãs.

Nesse texto, o adjunto adverbial de tempo (no século XVIII) funciona como *spacebuilder*, situando essa medida — que no mundo contemporâneo seria tida como absurda — dentro de uma outra cultura, em uma outra época.

## 2.1 A coerência do texto

Na importante tarefa de estabelecer parâmetros de coerência de um texto que não fossem meramente impressionistas, Charolles apud Galves (2002, p.44) propôs quatro critérios ou metarregras, imanentes ao texto, de cuja estrita observação dependeria a coerência: repetição, progressão, não contradição e relação. Referindo-se a essa última metarregra, diz ele que: “Para que uma sequência ou um texto sejam coerentes, é preciso que os fatos que se denotam no mundo representado estejam diretamente relacionados”. (CHAROLLES *apud* GALVES, 2002, p.76) Acrescenta também que, num texto coerente, é “necessário que as ações, estados ou eventos que ela [a coerência] denota sejam percebidos como congruentes no tipo de mundo reconhecido por quem a avalia”. Em outras palavras, num texto coerente, o que se diz ou se escreve dever estar relacionado com um estado de coisas no mundo real, ou em mundos possíveis, caso o enunciador esteja, por exemplo, escrevendo um conto de fadas. Dessa maneira, uma sequência como:

- 3- Maria da Silva, 92 anos, estava amamentando seu filho de seis meses, quando tocou a campainha da casa.

é incoerente, se publicada em jornal diário, porque, no mundo real atual, uma mulher não pode ter filhos biológicos aos 92 anos de idade. Embora a observação dessa regra pareça uma coisa simples, na prática, há uma série de fatores que entram em cena. Um deles são as implicaturas conversacionais descritas por Grice (1982). No início de seu romance *A Cidade e as Serras*, Eça de Queirós descreve da seguinte maneira o caráter bem-aventurado do seu herói, Jacinto de Tormes:

Quando um dia, rindo com descrido riso da Fortuna e da sua roda, comprou a um sacristão espanhol um Décimo de Lotaria, logo a Fortuna, ligeira e ridente sobre a sua roda, correu num fulgor, para lhe trazer quatrocentas mil pesetas. E no céu as Nuvens, pejudas e lentas se avistavam Jacinto sem guarda-chuva, retinham com reverência as suas águas até que ele passasse. (GRICE, 1982)

Embora esse trecho contrarie uma das máximas de qualidade de Grice (op. cit.) (Não diga o que você acredita ser falso), o leitor facilmente se submete a uma implicatura conversacional e entende que se trata de uma maneira bem-humorada de Eça usar as nuvens para descrever a boa sorte de seu protagonista.

Aspectos culturais e históricos são outros importantes fatores que interferem na aplicação da metarregra de relação como parâmetro de coerência de um texto. Uma frase como:

4- Ontem, em Riad, Arábia Saudita, a jovem Kemal (23) dirigiu seu carro até a Kingdome Tower, com a habilitação vencida.

violaria essa metarregra, uma vez que, segundo as leis daquele país, as mulheres são impedidas de ter carteira de habilitação.

Levando em conta o contexto histórico, se lemos uma notícia dizendo que Maria votou em São Paulo em 1925, essa notícia está incoerente, pois as mulheres brasileiras só tiveram a permissão para votar após o Decreto nº. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, em que é instituído o Código Eleitoral Brasileiro, e o artigo 2 disciplinava que era eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma do código. Esse decreto foi de autoria do então Chefe de Governo Provisório Getúlio Vargas. Hoje, qualquer notícia que for lida a respeito de mulheres nas urnas estará de pleno acordo e

coerente com os dias atuais, pois hoje, as mulheres maiores de 18 e que têm menos de 70 são obrigadas a votar, assim também, como todos os homens dessa faixa etária.

Há quem diga que, desde que o leitor consiga atribuir um sentido ao texto que seja coerente para ele, a metarregra de relação estaria satisfeita. Meu ponto de vista é totalmente contrário a essa afirmação. Para isso apoio-me na visão de Croft (2009, p.398), de que a linguagem humana é uma ação conjunta coordenada, e que, portanto, o sentido que se atribui a um texto deve levar em conta a situação em que é produzido. Diz Croft que:

A linguagem é uma ação conjunta, como muitas outras ações humanas. Muitas vezes ela é vista como algo individual: o falante e ouvinte estão juntos se engajando em uma ação conjunta. Um falante fala com um público em mente. [...] Comunicação linguística é uma instância da mais geral habilidade social cognitiva humano de se engajar em uma ação conjunta.<sup>6</sup>

Um exemplo bastante ilustrativo dessa necessidade foi uma experiência feita com alunos universitários de primeiro ano da UNESP, em 2012. Foi dada a eles a tarefa de ler e interpretar dois poemas de João Cabral de Melo Neto: *Catar Feijão* e *A Morte dos Rios*.

### **CATAR FEIJÃO**

Catar feijão se limita com escrever:  
jogam-se os grãos na água do alguidar  
e as palavras na da folha de papel;  
e depois, joga-se fora o que boiar.  
Certo, toda palavra boiará no papel,  
água congelada, por chumbo seu verbo  
pois para catar esse feijão, soprar nele,  
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

---

<sup>6</sup> *Language is a joint action, like many other human actions. All too often it is thought of as something individual: the speaker and hearer are together engaging in a joint action. A speaker speaks with an audience in mind. [...] Linguistic communication is an instance of the more general human social cognitive ability of engaging in joint action.* A tradução é minha.

2

Ora, nesse catar feijão entra um risco:  
 o de que entre os grãos pesados entre  
 um grão qualquer, pedra ou indigesto,  
 um grão imastigável, de quebrar dente.  
 Certo não, quando ao catar palavras :  
 a pedra dá à frase seu grão mais vivo:  
 obstrui a leitura fluviante, flutual,  
 açula a atenção, isca-a com o risco.

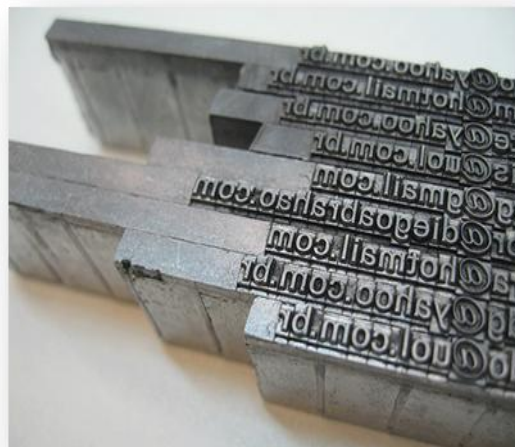
### NA MORTE DOS RIOS

Desde que no Alto Sertão um rio seca,  
 a vegetação em volta, embora de unhas,  
 embora sabre, intratável e agressiva,  
 faz alto à beira daquele leito tumba.  
 Faz alto à agressão nata: jamais ocupa  
 o rio de ossos areia, de areia múmia.

2

Desde que no Alto Sertão um rio seca,  
 o homem ocupa logo a múmia esgotada:  
 com bocas de homem, para beber as poças  
 que o rio esquece, e até a mínima água;  
 com bocas de cacimba, para fazer subir  
 a que dorme em lençóis, em fundas salas;  
 e com bocas de bicho, para mais rendimento  
 de seu fossar econômico, de bicho lógico.  
 Verme de rio, ao roer essa areia múmia,  
 o homem adianta os próprios, póstumos.

Em relação ao primeiro poema, no trecho — *Certo, toda palavra boiará no papel, / água congelada, por chumbo seu verbo*— o trecho *por chumbo seu verbo* foi interpretado pelos alunos da graduação como se as palavras fossem pesadas, tivessem muito peso, o que, certamente, não faz sentido com as condições em que o texto foi produzido por João Cabral. A referência a chumbo, que se encontra no texto, leva em conta a tecnologia de impressão que, na época do autor, era feita por uma máquina chamada Linotipo que, usando chumbo derretido como matéria prima, fornecia matrizes de chumbo que eram usadas na impressão.



### Linotipo<sup>7</sup>

### Matriz de chumbo para impressão<sup>8</sup>

Em relação ao segundo poema, todos os alunos da graduação acharam impossível interpretar o trecho:

a que dorme em lençóis, em fundas salas;  
e com bocas de bicho, para mais rendimento  
de seu fossar econômico, de bicho lógico.  
Verme de rio, ao roer essa areia múmia,  
o homem adianta os próprios, póstumos.

Afinal, o que são *próprios póstumos*? Depois de esclarecido que, no nordeste do Brasil, era e ainda é costume entre gente pobre enterrar pessoas apenas embrulhada em lençóis, não foi difícil entender que *póstumos* significa *lençóis póstumos* e que, portanto, *póstumos* modifica a palavra *lençóis*, retomada anaforicamente do primeiro verso desse trecho.

---

<sup>7</sup> Imagem disponível em: <http://www.catracalivres.folha.uol.com.br/2009/4/o-paraiso-de-adao-esta-numa-grafica/linotipo1/>. Com acesso em: 07/08/2012.

<sup>8</sup> Imagem disponível em: <http://www.formaturando.com/page/3/>. Com acesso em: 07/08/2012.



### **Defunto sendo levado envolto em lençol, no nordeste<sup>9</sup>**

Minha posição, portanto, é que os leitores não tornam um texto coerente quando atribuem qualquer sentido a ele. Quando algum autor de alguma obra literária escreveu seu livro, no século XVIII, por exemplo, ele tinha a intenção de dizer algo, ele estava colocando sua identidade, seus valores, os valores propostos pela época, as crenças, as culturas e, principalmente, a motivação que o fazia escrever sobre determinado tema. Se acontecer de alguém pegar essa obra para ler e não atribuir os sentidos da época em que a obra foi escrita, a leitura que essa pessoa fará será incoerente em relação ao momento em que foi produzido. O leitor não atribuirá os valores e os sentidos que o autor colocou dentro de sua obra e que presumiu passar para seus leitores.

Em se tratando também de uma prova de vestibular, em que se pedem muitas obras de séculos passados, se um vestibulando interpretar os sentidos do texto, segundo sua própria visão, vinculada aos valores dos dias de hoje, com os sentidos que ele atribui às coisas de hoje, ele interpretará incoerentemente esses textos, pois as ideias dele terão que ser compatíveis com as do autor, daquela época, não com as suas, dos dias de hoje.

Então, pensando em evitar esses mal-entendidos e uma compreensão equivocada, precisamos estar conscientes da época em que se constroem os textos que precisamos interpretar. Precisamos analisar os valores que conduziam a sociedade, as

---

<sup>9</sup> Imagem disponível em: [www.santacruzagreste.com.br](http://www.santacruzagreste.com.br). Com acesso em 10/12/2012.

crenças que eram seguidas e os valores e a cultura que permeavam essa época. Lembrando que a coerência é uma importante condição para uma produção e interpretação de textos.

## 2.2 Frames

Para Kövecses (2006) “Frames são definições constituídas por um número de partes diferentes, objetos e predicados, ambos os objetos e predicados podem funcionar como atributos e valores. Um frame é uma representação de uma estrutura mental da categorial conceptual.” (KÖVECSES, 2006, p.63)

É a forma de representar o conhecimento de um objeto por meio da "observação visual", ou seja, tendo uma ideia do objeto pré-definida na memória fazer a comparação desta ideia, ou conjunto de ideias, com aquelas propriedades que podemos observar visualmente. O uso de frames foi recomendado como básico para se entender a percepção visual, os diálogos em linguagem natural e outros conceitos complexos.

O frame é uma representação de um objeto complexo. Ele é identificado por um nome e consiste em conjunto de slots. Cada frame possui ao menos um frame hierarquicamente superior e, portanto, constitui uma base com mecanismo de herança. Um frame especial é a raiz desta hierarquia de herança.

Sistemas baseados em cadeias semânticas e sistemas baseados em frames podem ser considerados semelhantes com respeito às suas estruturas, mas diferem no que representam. Isso quer dizer que, enquanto cadeias semânticas representam objetos simples, um sistema de frames pode representar objetos complexos.

Uma importante propriedade dos *frames* é que eles são idealizados de diversas maneiras. Segundo Lakoff (1987), os frames são modelos cognitivos idealizados. Exemplo: Friday (Sexta-Feira) pode ser um frame dessa maneira. Ele pode ser um frame supersticioso, como um dia de azar, um frame de uma parte da semana, um frame de um dia anterior ao final de semana, ou um frame de uma parte de um dia de trabalho, e até mesmo um frame do último dia da semana em que se trabalha. Ou seja, o significado de uma palavra depende do tipo do frame com o qual nós a conceptualizamos (KOVECSES, 2006, p.65).



Diante dessas teorias expostas neste capítulo, sabe-se que cada uma terá um importante papel na análise dos trechos da Carta Ânua, cada uma com suas contribuições fundamentadas.

## Capítulo 3

### Em direção a uma linguística cognitiva social

Croft (2009, 397) cita quatro princípios da linguística cognitiva. O primeiro princípio que ele aponta é a respeito da linguística cognitiva e suas deficiências. Ele diz que a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma. E o ponto negativo para Croft e Cruse (2004, p.98) é explicitamente uma rejeição da premissa filosófica fundamental da gramática gerativa. A formulação positiva tem sido extremamente proveitosa, permitindo que os linguistas cognitivos desenhem importantes pesquisas permeadas pela psicologia cognitiva, psicologia de Gestalt, categorização, protótipos, memória, atenção, e assim por diante, a fim de iluminar os fenômenos linguísticos.

Um segundo princípio que guiou muito os trabalhos em linguística cognitiva é que a gramática é simbólica e, portanto, o significado é uma parte essencial da gramática.

O terceiro princípio é que o significado é enciclopédico. Este princípio implica que não se pode separar um subconjunto da semântica ou predicados em mínimas características como se estivesse constituindo "o sentido" de uma palavra ou uma construção. Em vez disso, tudo o que o falante sabe sobre a experiência do mundo real é denotado pela palavra ou construção e desempenha um papel no seu significado. Uma forma importante que o conhecimento enciclopédico desempenha é um papel na aceção da palavra, e é descrito pelo modelo de frame semântico.

O quarto e último princípio é que o significado envolve conceptualização. Ou seja, o significado linguístico incluía nossa perspectiva sobre um determinado estado de coisas.

Todo o foco desses quatro princípios é entender a linguagem como uma habilidade cognitiva, em termos de como a linguagem é representada na mente, o que é representado, e que processo cognitivo está envolvido na produção e compreensão da linguagem. É por isso que essa abordagem é chamada de linguística cognitiva: um modelo da linguagem como habilidade cognitiva. Mas a linguagem não é apenas uma capacidade cognitiva, uma constelação de estruturas e processos mentais. Se fosse

apenas algo mental, não precisaríamos falar. O motivo claro é que a linguagem é uma característica central da interação social humana. (CROFT, 2009, p.395).

## **Repensando a linguística cognitiva socialmente**

### **3.1 Das habilidades cognitivas gerais às habilidades cognitivas gerais sociais**

O primeiro princípio básico da linguística cognitiva descrito na seção anterior é que as estruturas gramaticais e processos na mente são instâncias de habilidades cognitivas gerais. As habilidades cognitivas gerais que são objetos de recursos para linguistas cognitivos podem ser encontradas em livros sobre psicologia cognitiva sob os títulos de percepção, memória e categorização. Princípios de percepção estão envolvidos na representação semântica e na compreensão de enunciados. A memória é envolvida na organização do conhecimento gramatical e produção de enunciados. A categorização está envolvida em todos os itens acima, uma vez que desempenha um papel central e penetrante na cognição humana.

Para Croft (2009, p.397) a linguagem é uma ação conjunta, como muitas outras ações humanas. O orador formula um pensamento e produz um enunciado. Ou uma pessoa ouve um enunciado e ativa um significado como consequência. Embora essas ações individuais sejam certamente uma parte da linguagem, não captam o que é especial sobre ela, ou seja, que falante e ouvinte estão juntos se engajando em uma ação conjunta. Um orador fala com um público em mente, pensamos em alguém falando sem uma audiência como um indivíduo desordenado. A comunicação linguística é um exemplo mais geral da habilidade social cognitiva humana de se engajar na ação conjunta.

Croft (2009, p.398) ilustra a ação conjunta com dois casos: duas pessoas que carregam um aparador em uma sala de jantar, e duas pessoas que exerçam uma sonata para violoncelo e piano. Argumenta que uma ação conjunta como estes dois devem ter as seguintes características específicas:

- 1- Cada um de nós tem a intenção de executar a ação conjunta. Como o pianista, eu pretendo que eu e meu violoncelista devamos realizar a sonata para*

violoncelo juntos. Essa é, naturalmente, mais do que a minha intenção apenas para realizara parte do piano. Da mesma forma, pretendendo que levemos o aparador para a sala de jantar, pois a minha ação individual não faz sentido por si só.

- 2- *Cada um de nós tem a intenção de fazê-lo nos termos por causa de cada um dos nossos subplanos engajados.* Eu pretendo executar a sonata para violoncelo, realizando a parte de piano, mas a maneira que eu toco a parte do piano, o ritmo, interpretação emocional, etc se destina a engrenar com o desempenho do meu violoncelista, a parte do violoncelo. Por sua vez, o meu desempenho de cada movimento da parte de piano, cada medida de cada movimento e cada batida de cada medida deve engrenar com a medida do movimento correspondente, e a batida da parte do violoncelo. Isto é, os subplanos podem ser sequenciados e aninhados, e todos eles devem engrenar como outros subplanos do indivíduo. Da mesma forma, pretendo que devemos mover o aparador, levantando um determinado fim dele e mover na direção certa, mas que a ação deve engajar com ações correspondentes ao do meu colega.
- 3- *Nenhum de nós está coagindo o outro.* Algumas situações envolvem coerção, sem qualquer intenção por parte do outro: eu sequestro você e o jogo no portamalas do carro, e "nós" vamos para Nova York. Esta não é claramente uma ação conjunta. Mas eu poderia alternativamente apontar uma arma para sua cabeça e forçá-lo a ir comigo para Nova York, ou coagi-lo a fazer algo comigo. Uma vez que o assunto está resolvido, então você vai engajar seus subplanos com o meu, goste ou não.
- 4- *Cada um de nós tem um compromisso de apoio mútuo.* Ou seja, cada um de nós tem o compromisso de ajudar uns aos outros em seus subplanos. Se o meu violoncelista perde uma nota, ou vacila de alguma forma, eu posso tentar preencher, manter o ritmo, ou qualquer uma de uma série de coisas que eu posso fazer para garantir que a ação conjunta seja realizada com sucesso para

a melhor de nossas habilidades. É talvez uma das etapas evolutivas significativas para a atividade cooperativa entre os seres humanos.

- 5- *Este é um terreno comum entre os indivíduos.* Ou seja, as intenções descritas acima devem ser um terreno comum entre os indivíduos realizando a ação conjunta. Deve ser um terreno comum entre nós que pretendemos realizar a ação de execução em conjunto, do aparador, e eu vou engrenar minhas ações individuais com a sua, e o mesmo, você para mim.
- 6- *Há receptividade mútua em ação.* Isto é, na execução da ação conjunta, vamos coordenar as nossas ações individuais, a fim de assegurar que elas engajem umas com as outras em execução e, conseqüentemente, a ação conjunta será realizada com sucesso. A coordenação é essencial na realização de ações conjuntas com sucesso.

Todos esses recursos são, ou dependem das habilidades sociais gerais cognitivas. A capacidade de conceituar uma ação conjunta é uma habilidade cognitiva social.

O uso da língua pressupõe uma ação conjunta. A ação conjunta é a comunicação, que é frequentemente descrita como a função da linguagem. A coordenação desempenha um papel particularmente importante no desempenho de ações conjuntas de sucesso. Sem isso, nossas intenções para manter a nossa malha de subplanos falhará. Por exemplo, no transporte do aparador, é inevitável que soltá-lo é não coordenar nossas ações individuais. Os humanos começam a ter um número de dispositivos de coordenação para permitir que as ações conjuntas aconteçam. Um dos entes mais importantes é a capacidade para o estabelecimento de atenção conjunta. Na passagem do aparador na sala, nós podemos participar em conjunto com a posição do aparador, a localização da porta e do batente da porta com que não se quer bater e assim por diante. A capacidade para o estabelecimento de atenção conjunta é também algo aparentemente único para os seres humanos, ou pelo menos os seres humanos têm a máxima facilidade em estabilizar a atenção conjunta (TOMASELLO, 1999, p.56).

### 3.2 Comunidades

O texto introdutório proposto por Croft (2009, p.395) nos abre caminhos para pensarmos na comunidade na época de Vieira. No século XVII os habitantes da Bahia (e do Brasil em geral) deveriam ser totalmente crentes em Deus. Eles acreditavam que tudo que acontecia era por intermédio de Deus, e que essa vida era uma passagem, uma experiência, e que o melhor ainda estava por vir, depois da morte, no paraíso. E, não acreditavam que Deus apenas os beneficiava, mas que também os castigava.

Quem auxiliou os povos habitantes do Brasil nessa crença em Deus foram, sobretudo, os jesuítas. Diante da primeira invasão holandesa, (1624-1625), o bispo Dom Marcos Teixeira de Mendonça e também Vieira conseguiram, com a retórica dos seus sermões, unir pessoas bastante diferentes, brancos, negros, índios, ricos, pobres, por meio da fé católica, contra os hereges que tinham invadido a então capital do Brasil.

Alguns dos sermões de Vieira eram escritos para tocar essas pessoas a estar sempre buscando Deus, para encontrar a salvação. Um exemplo disso foi um dos últimos sermões escritos por Vieira, o sermão do Bom Sucesso Das Armas de Portugal Contra As De Holanda, que ele fez depois de uma última tentativa de invasão dos holandeses, após 15 anos da primeira invasão, que foi um fracasso, porque a maior parte dos habitantes, unidos, os expulsaram de lá. Nesse sermão, ele se voltava a Deus, pregava para ele, pedindo proteção a todos. Fazia uma súplica a Deus que protegesse os portugueses situados na Bahia diante de uma outra provável invasão holandesa. Sua argumentação se faz em torno do agrado (ou não) que o homem desperta em Deus. (BARROCO, 2009, p.7).

(...)

Muito honrastes, Senhor, ao homem na criação do Mundo, formando-o com vossas próprias mãos, informando-o e animando-o com vosso próprio alento e imprimindo nele o caráter de vossa imagem e semelhança. Mas parece que logo desde aquele dia vos não contentastes dele, porque de todas as outras coisas que criastes, diz a Escritura que vos pareceram bem: *Vidit Deus quod esset bonum*<sup>10</sup>; e só do homem o não diz. Na admiração desta misteriosa reticência andou deste então suspenso e vacilando o juízo humano, não podendo

---

<sup>10</sup> E Deus viu que isto era bom. (Gn 1, 10) (Nota do Editor doravante **N. do E.**)

penetrar qual fosse a causa por que, agradando-vos com tão pública demonstração todas as vossas obras só do homem, que era a mais perfeita de todas, não mostrásseis agrado. Finalmente, passados mais de mil e setecentos anos, a mesma Escritura, que tinha calado aquele mistério, nos declarou que vós estáveis arrependido de ter criado o homem: *Paenitueum quod hominem me fecisseos*<sup>11</sup>; e que vós mesmos dissestes que vos pesava: *Paenitet me fecisseos*<sup>12</sup>; e então ficou patente manifesto a todos o segredo que tantos tempos tínheis ocultado. E vós, Senhor, dizeis que vos pesa e que estais arrependido de ter criado o homem; pois essa é a causa por que logo desde o princípio de sua criação vos não agradastes dele, nem quisestes que se dissesse que vos parecera bem, julgando, como era razão, por coisa muito alheia de vossa sabedoria e providência, que em nenhum tempo vos agradasse nem parecesse bem aquilo de que depois vos havíeis de arrepender e ter pesar de ter feito: *Paenitet me fecisse*<sup>13</sup>. (BARROCO, 2009, p.8)

Isso nos mostra o valor da cultura na comunidade, como eram unidos em um único objetivo: buscar sua salvação, ir desse mundo para um melhor. Era uma comunidade que acreditava em milagres, em salvação, em castigo e até mesmo na autoflagelação como um meio para chegar à salvação da alma. Uma comunidade que foi unida por uma pessoa que tinha o dom de falar por Deus, que tocava as pessoas, e que o que ele falava é proposto até nos dias de hoje, ou seja, a crença dessa comunidade não está tão incoerente assim nos dias de hoje, pois o que Vieira escreveu no século XVII ainda é muito utilizado hoje.

A coordenação, a ação conjunta exposta no texto de Croft (2009, p.390) está entrelaçada com o poder da oratória do padre Vieira. Eles nos mostram a importância das ações feitas por mais de um indivíduo. Como é imprescindível a coordenação entre as pessoas, a união, a própria ação conjunta.

---

<sup>11</sup>O Senhor arrependeu-se de ter criado o homem na terra (...) (Gn6, 6a) (N. do E.)

<sup>12</sup> (...) porque eu me arrependo de os haver criado. (Gn6, 7b) (N. do E.)

<sup>13</sup> (...) porque eu me arrependo. (Gn6, 7b) (N. do E.)

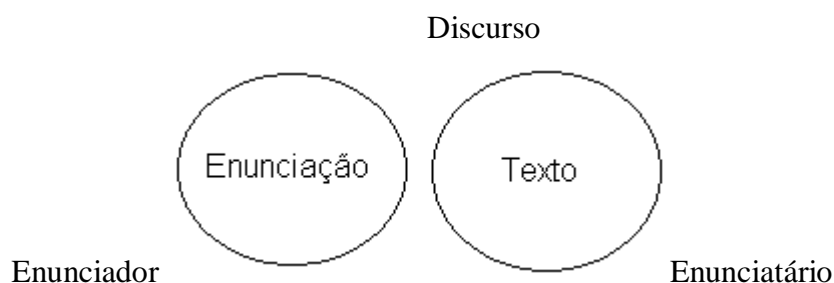
### 3.3. Coerência e relação

Segundo a pesquisa de Martins (2003) a coerência do texto é produzida pelo enunciatário (leitor). Frente a isso, uma pergunta muito pertinente ao nosso trabalho e que nos pode auxiliar é:

1- Atribuir um sentido qualquer é tornar o texto coerente?

Para responder essa pergunta, faremos uma breve exposição sobre alguns fatores que permitem o sentido do texto e também podem causar o temido mal-entendido.

- Evitando mal-entendidos



O enunciador é quem produz o enunciado. A enunciação é o ato individual de produção do enunciado num dado contexto comunicativo. O enunciado é uma manifestação linguística das ideias de um enunciador. Essas ideias poderão ser interpretadas pelo enunciatário a partir do seu conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico. O texto pode ser uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. O enunciatário é a quem a enunciação é dirigida.

Atribuir um sentido (coerente com a metarregra de relação) é, obrigatoriamente, levar em conta as condições de produção do texto, como dissemos há pouco. Estabelecer uma relação harmônica entre as partes de um texto, em um contexto específico, que é responsável pela percepção de uma unidade de sentido. Senão, aquilo que é chamado de coerência é apenas um mal-entendido.

Como vimos a ação conjunta coordenada depende de ambos os interlocutores. A capacidade de conceituar uma ação conjunta, as ações não são apenas individuais, é uma habilidade cognitiva social.



Quando o enunciador emite um enunciado, ele tem a intenção de dizer algo único, porém quem ouve (enunciatário) pode ter uma interpretação errada do que foi dito, mas a intenção do enunciador continua a mesma, mesmo com o mal-entendido do receptor. Essa ação de fala acontece por meio de uma ação coordenada, que mesmo ocorrendo um mal-entendido ela pode ser compreendida após uma ação conjunta.

Um exemplo disso inerente ao nosso trabalho é quando Vieira escreve aquelas cartas, narrando os acontecimentos ao seu superior. Para que Vieira compartilhasse todos esses fatos com seu superior, imaginamos que eles estavam em uma ação coordenada, pois compartilhavam das mesmas ideias, crenças e valores.

Na linguagem escrita, como há usualmente diferença de tempo e espaço, a ação coordenada conjunta depende, sobretudo, do leitor.

As pessoas que têm acesso aos textos de Vieira, produzidos no século XVII, precisam abrir espaços mentais coerentes com as condições de produção do autor em seu contexto histórico, cultural e de crenças.

Respondendo à pergunta número 1, pensamos, a partir da proposta desse trabalho, que as pessoas não tornam um texto coerente quando atribuem qualquer sentido a ele. Quando algum autor de alguma obra literária escreveu seu livro, no século XVII, por exemplo, ele tinha a intenção de dizer algo, ele estava colocando sua identidade, seus valores, os valores propostos pela época, as crenças, as culturas e, principalmente, a motivação que o fazia escrever sobre determinado tema. Se acontecer de alguém pegar essa obra para ler e não atribuir os sentidos da época em que a obra foi escrita, a leitura que essa pessoa fará será incoerente em relação à intenção do autor. Ela não atribuirá os valores e os sentidos que o autor colocou dentro de sua obra e que presumiu passar para seus leitores.

Em se tratando também de uma prova de vestibular, em que são pedidas muitas obras consideradas hoje antigas, que foram escritas em séculos passados, se um vestibulando for interpretar da sua maneira os sentidos inerentes ao texto, com os valores dos dias de hoje, com os sentidos que ele atribui às coisas de hoje, ele interpretará incoerentemente esses textos, porque as ideias dele terão de ser compatíveis com as do autor, daquela época, não da sua, de hoje. Assistindo outro dia a uma minissérie alemã sobre a vida de Johann Sebastian Bach, em uma das cenas do primeiro episódio, o Duque de Weimar Willhelm Ernest gaba-se de ter conseguido uma lei que

internava em um orfanato todos os filhos de mães solteiras, imediatamente após o nascimento. Afinal não tinham pai. Vista essa lei sob os valores de hoje, ela seria absurda. Mas, no século XVIII, na Alemanha, era muito melhor para uma criança ser vista como órfã, do que como bastarda. Além disso as mães, após o parto, eram presas e tratadas apenas a pão e água, como forma de punição.

Então, pensando em evitar esses mal-entendidos e uma compreensão equivocada, precisamos estar conscientes da época em se que passam os textos que precisamos interpretar. Precisamos analisar os valores que conduziam a sociedade, as crenças que eram seguidas e os valores e a cultura que permeavam essa época. Lembrando que a coerência é uma importante condição para uma produção e interpretação de textos, ou seja, para que um texto esteja coerente, o que se diz ou se escreve dever estar relacionado com um estado de coisas no mundo real, ou em mundos possíveis, segundo a metarregra de relação.

## Capítulo 4

### Análise da Carta Ânua de Vieira ao Geral da Companhia de Jesus, datada de 30 de setembro de 1626

A carta Ânua se inicia como um prefácio atenuador. Padre Antônio Vieira narra as dificuldades encontradas por falta de embarcações e dificuldades das navegações. Logo no primeiro parágrafo, Vieira emprega a palavra *sucesso* — “Ainda que a guerra algumas vezes não impede a pena com que se exprimem os *sucessos* dela..”<sup>14</sup> —. Já aqui, o leitor precisa entender que essa palavra, na época de Vieira queria significar tão somente o decorrer de acontecimentos e não algo positivo, como significa nos dias de hoje. Esse sentido perdurou até o século XIX. Para significar algo positivo havia a necessidade do adjetivo bom, como em<sup>15</sup>:

“Assegurai à casadinha um *bom sucesso!*” (Artur Azevedo)

Essa palavra podia também receber o adjetivo *mau*, como em:

“... não havia de querer voltar para o reino com tão *mau sucesso...*” (Joaquim N. S. Silva).

Segundo Abreu (op. cit), existe no Rio de Janeiro um bairro chamado *Bonsucesso*, nome que provém de uma capela lá construída em louvor a Nossa Senhora do Bom Sucesso. O nome original, em Portugal era *Nossa Senhora do Bom Sucesso dos Agonizantes*, uma variante da *Nossa Senhora da Boa Morte*, que assegurava aos que morriam um desenlace sem sofrimento.

---

<sup>14</sup>HANSEN, João Adolfo (org.) Cartas do Brasil, p. 77.

<sup>15</sup> Cf. ABREU, Antônio Suárez, *Sucesso, bom sucesso...* Carta na Escola, 2011.

Como a palavra *sucesso* era mais frequentemente empregada modificada pelo adjetivo *bom*, esse sentido, por contiguidade e repetição, acabou incorporado a ela, a partir do século XX. Mas, mesmo hoje, quando empregamos o particípio *sucedido*, temos de empregar o advérbio *bem*. Para dizer que alguém teve êxito em alguma coisa não basta dizer que alguém foi sucedido. Temos de dizer que foi *bem sucedido*.

#### 4.1 Análise de trechos da carta Ânua

##### 4.1.2 Trecho 1

Com o grande trabalho e má vida destes tempos caíram enfermos quase todos os deste Colégio: mas, de tal maneira os repartiu a Divina Providência que nunca faltaram sãos que servissem os doentes no corporal e no espiritual, e acudissem aos próximos. Destes enfermos, passou a melhor vida o padre Fernão Cardim. (VIEIRA, 2003, p. 77)

Esse trecho nos mostra a crença, cultura e valores daquela época. Tudo que acontecia era atribuído a Deus. Na parte em que diz: “*de tal maneira os repartiu a Divina Providência que nunca faltaram sãos que servissem os doentes no corporal e no espiritual, e acudissem aos próximos*”, Vieira atribui a Deus o fato de que, embora a maioria estivesse doente, sempre havia companheiros sãos para cuidar dos enfermos. É preciso entender que, naquela época, a medicina ainda era muito precária, não havia antibióticos, e que a cura de uma enfermidade estava vinculada ao desejo divino. O remédio mais eficaz eram as preces. Um fato que corrobora essa ideia é o fato de que, mesmo nos dias atuais, o critério para que um fiel católico seja beatificado e, depois, canonizado, é que, pelo seu intermédio de sua invocação, tenha havido três curas de doenças.

Naquele tempo e, de acordo com as convicções religiosas, morrer era também uma graça providencial, dado que a expectativa de vida humana girava ao redor dos 30 anos, e todos acreditavam que quanto mais leve e pura estivesse sua alma, seu espírito, mais cedo aconteceria sua ascensão aos céus.

Vejamos o seguinte trecho da carta em que Vieira narra a morte do Padre Fernão Cardim:

## Trecho 2

“... depois que entrara na Companhia, tivera má vontade a pessoa alguma, nem escrúpulo de tratar seus súditos com paixão. Estendia-se esta sua caridade também aos de fora, como o experimentaram, e mas particularmente, os presos da cadeia e os pobres do hospital; porque a estes visitava a miúdo, remediando suas necessidades com esmolas; por aqueles intercedia, solicitando suas causas como próprias; e a todos finalmente ajudava com grande amor. E era porque o Divino ardia tanto em seu peito, porque Deus os servia, em Deus os representava, e a Deus neles. A seu corpo tinha ódio santo, castigava-o com disciplina de cada dia, sendo, como era fraco e carregado de anos”.( VIEIRA, 2003, p. 78)

Essa parte da carta nos mostra como aqueles homens eram crentes nos valores da época. Padre Fernão Cardim, após sua entrada para a Companhia, tinha o Divino ardendo dentro do seu peito, era só corpo, pois Deus estava nele, e também naquele que ele estava cuidando. Podemos pensar que antes ele era um pobre pecador, como nós, mas no fim de sua vida, ele estava a serviço de Deus, representava Deus em seu corpo. Quando ele diz que seu corpo tinha ódio santo, remetemos às flagelações que os padres cometiam e ainda cometem em algumas seitas, como a *Opus Dei*, pois tinham que vencer as tentações, porque quem estava em sofrimento, acreditava que venceria melhor as dificuldades do voto de castidade.

Pensando nos *frames*, no trecho acima, analisamos a palavra *corpo*, que pode ter como frames: movimento, pensamento, sentimento, sexualidade, etc., ou definições e representações diversas.

Fazendo um paralelo daquela época com a de hoje, vemos que a sexualidade, que hoje é vista como algo bom, era vista como fonte de pecado. Comparando:

**Frame atual ligado ao corpo humano:** estrutura feita de carne e ossos; atividade vital; capaz de reprodução sexuada.

**Frame de corpo humano em 1623:** estrutura feita de carne e ossos; atividade vital; capaz de reprodução sexuada; coisa impura, fonte de pecado.

## Trecho 3

Na mesma tarde saiu o sr. bispo D. Marcos Teixeira, com uma companhia de eclesiásticos, armados, não só para animar a gente, mas

para com a espada na mão se defender, e ofender, se fosse necessário, ao inimigo; e, correndo todas as estâncias, exortava a todos, como verdadeiro prelado e pastor, a pelejarem até à morte por sua fé e rei, e que vencendo ou morrendo por esta causa sempre venceriam. (VIEIRA, 2003, p. 83)

A análise desse trecho também deve levar em conta o cumprimento da metarregra de relação, segundo os valores da época. Naquela época, como já mencionado anteriormente, as pessoas atribuíam tudo a Deus, mesmo as coisas ruins, pois achavam que o castigo também era bom para eles, para a salvação da alma, para chegar mais rápido ao reino dos céus. E na parte em que Vieira escreve que: “*e que vencendo ou morrendo por essa causa sempre venceriam*”, ocorre a transgressão vista pelos dias de hoje. Naquela época as pessoas acreditavam que, se vencessem uma batalha defendendo a fé católica, seriam julgados como heróis da fé e que, se morressem, também seriam heróis no outro mundo, tendo sua alma salva. “Exagerando um pouco” ousou dizer que esse é o mesmo argumento utilizado hoje em dia pelos islamitas fanáticos, para recrutar seus homens-bombas.

Vejamos agora o trecho da carta, que nos fala da providência divina em deter os navios holandeses, para que os navios da marinha de guerra portugueses tivessem a oportunidade de chegar antes para a defesa da cidade:

#### **Trecho 4**

Aliviava-nos tudo a alegria, que tínhamos, de estar de posse da cidade e do Colégio, senão quando, a 26 de maio, chegaram trinta e três ou trinta e quatro velas holandesas, em socorro dos que já se tinham entregues. Demos graças a Deus pelas desviar e deter, de maneira que, se chegassem antes da nossa armada, então custaramuito mais sangue e restauração da cidade, e nos alegramos muito, cuidando que nos acrescentasse. (VIEIRA, 2003, p.103)

Comparemos esse trecho com as seguintes oitavas de *Os Lusíadas*:

## Lusíadas, Canto VI

74

Os ventos eram tais, que não puderam  
 Mostrar mais força do ímpeto cruel,  
 Se para derribar então vieram  
 A fortíssima torre de Babel.  
 Nos altíssimos mares, que cresceram,  
 A pequena grandura dum batel  
 Mostra a possante nau, que move espanto,  
 Vendo que se sustém nas ondas tanto.

75

A nau grande, em que vai Paulo da Gama,  
 Quebrado leva o masto pelo meio.  
 Quase toda alagada: a gente chama  
 Aquele que a salvar o mundo veio.  
 Não menos gritos vãos ao ar derrama  
 Toda a nau de Coelho, com receio,  
 Conquanto teve o mestre tanto tento,  
 Que primeiro amainou, que desse o vento.

Essas duas estrofes narram uma situação de perigo de vida da frota de Vasco da Gama, atingida pela fúria dos ventos ordenada pelo deus Baco. É interessante que os marinheiros pedem a proteção do Cristo:

(...) a gente chama  
 Aquele que a salvar o mundo veio

Vejamos agora, estas outras estrofes:

85

Mas já a amorosa estrela cintilava  
 Diante do Sol claro, no Horizonte,  
 Mensageira do dia, e visitava  
 A terra e o largo mar, com leda fronte.  
 A densa que nos céus a governava,  
 De quem foge o ensífero Oriente,  
 Tanto que o mar e a cara armada vira,  
 Tocada junto foi de medo e de ira.

86

"Estas obras de Baco são, por certo,  
 Disse; mas não será que avante leve  
 Tão danada tenção, que descoberto  
 Me será sempre o mil a que se atreve."

Isto dizendo, desce ao mar aberto,  
 No caminho gastando espaço breve,  
 Enquanto manda as Ninfas amorosas  
 Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

87

Grinaldas manda pôr de várias cores  
 Sobre cabelo; louros à porfia.  
 Quem não dirá que nascem roxas flores  
 Sobre ouro natural, que Amor enfia?  
 Abrandar determina, por amores,  
 Dos ventos a nojosa companhia,  
 Mostrando-lhe as amadas Ninfas belas,  
 Que mais formosas vinham que as estrelas.

Diante destes dois trechos acima, podemos sugerir uma intertextualidade. No primeiro, escrito por Vieira, nas cartas do Brasil, ele atribui a Deus os ventos estarem soprando devagar, atrasando assim a chegada dos holandeses e, com isso, protegendo a vida dos cristãos. Já no segundo trecho, escrito por Camões, em *Os Lusíadas*, na primeira parte, Baco ordena que os ventos destruam a frota de Vasco da Gama, e na segunda, Vênus ordena às ninfas que abrandem os ventos, salvando os navios portugueses do naufrágio. Camões ao escrever tudo isso, sabia que a proteção divina estava ligada, na cultura da época, a uma visão mitológica<sup>16</sup>. Mas, para Vieira, a proteção divina com a ação de Deus sobre os ventos acontecia porque Deus queria que fosse assim.

### **Trecho 5**

A outra e maior dificuldade, que nestes contra a lei natural reina, é o haverem de deixar as suas muitas mulheres que têm. Mas todos o que se batizaram repudiaram as que tinham, recebendo a primeira, segundo o uso da Santa Igreja Católica Romana. (VIEIRA, 2003, p.107)

Nesse trecho temos a metarregra de relação violada na mesma época. Quando os índios ainda não conheciam a catequização, nem os padres que pregavam para eles e

---

<sup>16</sup> Mitologia grega é o estudo dos conjuntos de narrativas relacionadas aos mitos dos gregos antigos, de seus significados e da relação entre eles e os povos — consideradas, com o advento do cristianismo, como meras ficções alegóricas.



para os outros povos, tinham o costume (era uma crença da comunidade indígena) de ter muitas mulheres. Quando eles conheceram a chamada “lei natural”, proposta pela Igreja, que naquela época, acreditavam eles, era quem estava sempre certa, começaram a repudiar as mulheres subsequentes à primeira, ficando assim, apenas com a primeira. Hoje, tanto seria insólito ter várias mulheres, com também repudiam outras mulheres subsequentes, em detrimento de uma primeira esposa. Que culpa tinham elas? De nada sabiam sobre leis, doutrinas, etc.

A “incoerência” nesse trecho, é que para os índios era comum ter várias mulheres, mas para os portugueses católicos, não. Isso se dá pela cultura, pela crença de cada comunidade. Cada comunidade, independentemente de país, nação, tem suas leis, suas regras. Da mesma forma que quando estudada a história do Brasil na escola, as pessoas aprenderam-na de diversas formas. O valor da crença pode mudar a maneira de ver e entender as coisas, por isso a importância de estudar textos antigos, relacionando-os com o mundo possível de hoje, e mostrar que desabilitando e reabilitando frames podemos compreender melhor tudo isso.

Contudo, para entendermos o que se passava com os índios naquela época, precisamos desabilitar os *frames* dos valores que conhecemos e compartilhamos nos dias de hoje, onde um homem se casa apenas com uma mulher, e reabilitar os *frames* daquela época, quando os índios tinham várias mulheres e achavam isso muito normal. Os *frames*, como ferramenta de análise, nos auxiliam nessas transgressões de sentidos que foram mudando de acordo com a época, cultura e valores.

## Trecho 6

Nas mais aldeias por onde os dois padres passaram até chegar à última do Caibi, o seu cuidado principal era fazer a todos uma prática tocante à importância da salvação, e visitar logo os enfermos, provendo-os com o que podiam e sangrando-os, se não havia outro sangrador, com suas próprias mãos, e, quando estavam em perigo, depois de instruídos, os batizavam. (VIEIRA, 2003, p. 107-108)

Uma das diferentes crenças daquela época era sangrar os homens quando estavam doentes. A sangria ou flebotomia era realizada pela incisão em uma artéria, feita por uma lanceta ou bisturi. O sangue era colhido em uma tigela. Há 2000 anos A.C., acreditava-se que a maioria das doenças poderia ser curada por uma pequena perda de sangue, talvez por relacionar esse evento à menstruação, por meio da qual as

mulheres ficam livres, mensalmente, de um sangue impuro o que lhes devia trazer saúde. Esse ofício, trazido de Portugal para o Brasil era realizado por um Sangrador ou Barbeiro-Sangrador, com autorização de um cirurgião-mor.<sup>17</sup>

Apenas por curiosidade, o pai de Miguel de Cervantes, o célebre autor do *Dom Quixote*, tinha a profissão de sangrador, na cidade de Alcalá de Henares, Espanha, onde nasceu Cervantes, e exercia a profissão na sua própria casa, em um cômodo preparado para isso, como se pode ver na ilustração a seguir:



**Consultório do sangrador Rodrigo Cervantes, pai de Miguel de Cervantes, em Alcalá de Henares**

## Trecho 7

Arremeteram os nossos com os rebeldes às frechadas; resistiram eles ao princípio com igual valor, mas, como nossas frechas iam guiadas pela razão, sempre acertaram mais e fizeram grande estrago nos inimigos, não obstante serem estes os nossos da mesma nação, e muitos de estreito parentesco, porque o capitão da aldeia de S. Miguel, de três tios, que tinha da parte contrária, deixou dois mortos. Tanto estimaram a fidelidade que a antepuseram ao próprio sangue. (VIEIRA, 2003, p.115)

---

<sup>17</sup>Cf. Carolina Faria, disponível em: <http://www.infoescola.com/medicina/sangria/>. Acesso em 15/02/2013

Por meio da metarregra de relação, também podemos perceber aqui uma incoerência com os dias de hoje. Vieira acreditava que Deus guiava as flechas dos católicos cristãos, e as fazia acertar mais os inimigos, do que as flechas destes, que causavam menos danos. Acreditavam nisso, pois os inimigos eram hereges e eles eram católicos, batizados, e Deus estava sempre com eles. A razão dos povos dessa época era ser católicos.

Este trecho se torna incoerente nos dias de hoje porque eles acreditavam que Deus guiava as flechas que eles atiravam. Hoje em dia, além de não ser mais tão utilizada esse tipo de arma, as pessoas que precisam ir à guerra, ou combater algo, têm treinamentos e boa instrução sobre como utilizar as armas, contudo, é difícil encontrar alguém que irá dizer que Deus é que guia as balas ou munições que saem das suas armas.

## **Trecho 8**

Alguns dias antes da chegada dos inimigos, estando no coro em oração dois dos nossos padres, viu um deles a Cristo Senhor Nosso, com uma espada desembainhada contra a cidade da Baía, como quem a ameaçava. Ao outro dia apareceu o mesmo Senhor com três lanças, com que parecia que atirava para o corpo da igreja. Bem entenderam os que isto viram que prognosticava algum castigo grande; mas de qual houvesse de ser estavam incertos, quando, em dia da Aparição de S. Miguel, que foi a 8 de maio de 1624, apareceram de fora, na costa, sobre esta Bahia, 24 velas holandesas de alto bordo, com algumas lanchas de gávea, as quais fizeram crer aos cidadãos, costumados a viver em paz, o que lhes não persuadiram de todo os avisos que dois ano antes mandara Sua Majestade, nem a nau capitania desta mesma armada, que quase todo o mês passado tinha andado na barra, e roubado um navio que de Angola vinha carregado com negros para o serviço e maneo desta capitania. (VIEIRA, 2003, p. 82)

Esse trecho representa a visão da Igreja, naquele momento, a respeito da origem do mal. Se Deus amava e protegia os católicos e odiava os hereges, por que motivo permitiria que os hereges holandeses invadissem uma terra governada por católicos? Segundo Vieira, isso somente acontecia porque Deus tinha intenção de castigar católicos por seus pecados “prognosticava um castigo grande”.

Cabe aqui fazer algumas considerações sobre modelos mentais. Segundo Lakoff (2009), por tradição, o Ocidente toma por base um modelo familiar chamado de *strict father model* (*Modelo do pai rigoroso*), e o projeta em suas várias instituições. Segundo o autor,

Você precisa de um pai rigoroso porque as crianças nascem más, no sentido de que elas apenas fazem o que elas querem fazer e não sabem distinguir entre o certo e o errado. Elas precisam ser punidas rigorosamente e dolorosamente quando elas agem de modo errado, assim elas terão um incentivo para agir corretamente, com objetivo de evitar punição. (LAKOFF, 2009, p. 78)<sup>18</sup>

Na época — e acredito que isso ocorra até os dias de hoje — a Igreja projeta Deus como um pai rigoroso que castiga seus filhos para que eles ajam de modo correto. Afinal, todos nascemos com o chamado pecado original, segundo a própria Igreja. Naquele momento, era perfeitamente plausível e coerente que, se Deus permitia aos holandeses que invadissem Salvador, era porque Ele queria impor disciplina a seus fieis. Logo à frente, isso se justifica, na própria carta, quando comenta a reação dos habitantes de Salvador, nos momentos que precediam a luta contra o invasor:

### **Trecho 9**

Aqui tiveram fim ódios muito antigos, descobriram-se pecados encobertos com o silêncio de muitos anos, e, na verdade, foi tal a mudança presente que, só por razão dela, pareceu a muitos conveniente dar Deus este castigo. (VIEIRA, 2003, p. 83)

Em um outro texto, mais à frente, relatando um momento quando os holandeses já tinham vencido os defensores da cidade, tinham saqueado a cidade e profanado os templos católicos, aparece a ideia de Deus também como um pai benevolente:

### **Trecho 10**

Desarvoram e quebram as cruces, profanam altares, vestiduras e vasos sagrados; usando dos cálices, onde ontem se consagrou o sangue de

---

<sup>18</sup>LAKOFF, George. *The policial Mind*, p. 78. No original: *You need a strict father because kids are born bad, in the sense that they just do what they want to do, and don't know right from wrong. They need to be punished strictly and painfully when they do wrong, so they will have an incentive to do right in order to avoid punishment.* Atradução é minha.

Cristo, para em suas desconcertadas mesas servirem a Baco, e dos templos e mosteiros dedicados ao serviço e culto divino, para suas abominações e heresias. Tal foi a misericórdia do nosso Deus que quis então tomar em si a maior parte do castigo, por não nos castigar com outro maior, como nossos pecados mereciam. (VIEIRA, 2003, p. 86)

Fica patente, nesse trecho, o modelo mental ainda medieval vivido na época, a respeito dos símbolos. Hoje, sabemos perfeitamente que, com exceção dos índices, que têm uma relação direta, portanto metonímica, com seu referente — como nuvens negras prenunciando chuva, ou marcas de pneus indicando que houve uma freada brusca — os ícones e símbolos não têm relação direta com o referente. Uma imagem, por exemplo, tem apenas uma relação analógica com aquilo que representa e os símbolos (as palavras, por exemplo), uma relação arbitrária. Na Idade Média, contudo, tanto os ícones quanto os símbolos eram vistos como partes de seus referentes. Desse modo, agredir a estátua de um santo era agredir o próprio santo. Agredir uma bíblia ou um missal era agredir a própria palavra de Deus. Nesse trecho de Vieira, portanto, Deus se deixa agredir, metonimicamente, por meio da cruz, dos altares, dos cálices e das vestes sagradas, martirizando-se, também, no lugar daqueles que mereciam esse castigo, por seus inúmeros pecados: os habitantes da cidade invadida.

Até mesmo a prisão de alguns padres, e do próprio governador da cidade, Diogo de Mendonça Furtado, embarcados posteriormente para a Holanda, aparece como um castigo de Deus e, ao mesmo tempo, como uma oportunidade de martírio para os aprisionados:

### **Trecho 11**

Tudo isto leváramos bem contanto que escaparam das mãos do inimigo o nosso padre provincial Domingos Coelho e o padre Antônio de Matos, que lhe havia de suceder, com nove companheiros, que do Rio de Janeiro traziam, porém ainda nisto foi Deus serviu castigarnos, porque, além de os tomarem, nunca os largaram, sendo assim que a todos os mais religiosos e seculares deram liberdade; e a causa a que disto davam era porque os nossos em suas terras lhe fazem muita guerra com as pregações do Sagrado Evangelho. Daqui os embarcaram para Amsterdão, com o sr. governador e mais cativos que atrás dissemos, dando-lhes o mau trato a que o ódio de muitos anos concebido aos da Companhia os incitava. Ditosos eles, que por tal causa padeceram e padecem. (VIEIRA, 2003, p. 88)

O emprego do adjetivo *ditosos* é um indicador eloquente de que, naquela época e sob o domínio da Igreja católica, o sofrimento era uma caminho rápido em direção à salvação.

### Trecho 12

Feito digno de ânimo não menos pio que esforçado! O que vendo o povo, e reconhecendo nele, agora mais que nunca, um extremado zelo, não só para as coisas da honra do seu Deus, mas também para as do serviço do seu rei, todos a uma voz o aclamaram por capitão-mor, e que a ele seguiriam e obedeceriam em tudo. Eleito que foi nesta forma, mandou logo sob pena de vida que ninguém trate com o inimigo, antes que se ajunto toda a gente e preparem armas contra ele; e tanto que teve um moderado número de soldados, assinalou capitães e repartiu companhias, com ânimo de tornar a entrar e cobrar a cidade aos 13 de junho. E parece que se punha o céu da nossa parte, porque no mesmo tempo viu Sua Senhoria no ar uma bandeira com Cristo crucificado de uma parte, e da outra Santo Antônio, cuja festa naquele dia celebrava a Igreja. (VIEIRA, 2003, p. 89)

Mais uma vez, no “mundo real” vivido por Vieira, aparece uma bandeira no ar, prognosticando a vitória e celebrando uma festa religiosa. É interessante assinalar a curiosidade da expressão *sob pena de vida* empregada por Vieira, querendo dizer *pena de morte*. Trata-se da abreviatura da expressão *sob pena de perder a vida*. Por ignorar esse tipo de emprego, fundamentado na tradição, muitos jornais brasileiros, substituíram há algum tempo a expressão *risco de vida*, que quer dizer *risco de perder a vida*, por *risco de morte*.

### Trecho 13

Tinham eles saído da ilha de Itaparica, fronteira à Bahia, e aqui, levados de furor herético, deram muitos golpes uma cruz que à porta de uma ermida estava arvorada. Tornando poucos dias depois, os nossos, como era costume, os esperaram, e, encontrando com eles ao saltar em terra, a cruz, que antes estendia os braços de leste a oeste, se foi torcendo do meio para cima, ficando o pé imóvel, até que os braços se puseram de norte a sul, abertos para os que pelejavam. Parece dava mostras de que os ajudava a vingar suas injúrias. (VIEIRA, 2003, p. 91)

Dentro da realidade criada por Vieira, um objeto inanimado, a cruz, adquire vida para proteger aqueles que professam a fé católica, assumindo a forma de um pai protetor que estende os braços a seus filhos. Conclui Vieira este trecho, dizendo: “É esta cruz

santa agora mui venerada e celebrada dos moradores, porque, além do primeiro milagre, obra Deus de presente muitos outros por seu nome e por seu meio.” (p. 92)

#### **Trecho 14**

...foram sempre muito favorecidos por Deus. Bem claro se viu isto nos evidentes perigos em que os nossos se acharam matando e ferindo muitos contrários sem dano algum seu; e aconteceu muitas vezes darem os pelouros neles desarmados, e caírem-lhes aos pés, como se os peitos de carne, em que davam, fossem de aço ou diamante, o que tudo procedia dos merecimentos do seu bom capitão e santo prelado, porque enquanto eles com as armas combatiam o inimigo, ele dizia missa todos os dias e, em oração, com outro Moisés, com lágrimas e suspiros lhes negociava o favor do céu para alcançarem vitórias quase milagrosas. (VIEIRA, 2003, p.93-94)

Vemos aqui o milagre operado por Deus, “fechando” o corpo dos combatentes católicos às balas (pelouros) das armas do inimigo herege.

#### **Trecho 15**

...pedindo a misericórdia a Deus, até que o mesmo Senhor, no dia da Redenção do Mundo, nos quis mostrar a nossa, antecipando-nos as aleluias com a primeira vista da nossa armada, a qual, dia de Páscoa e Ressurreição, primeiro de abril de 1625, amanheceu toda dentro da baía, posta em ala, para que as velas inimigas que no porto estavam não pudessem sair, nem escapar. (VIEIRA, 2003, p.99)

Esse trecho se refere à vinda da esquadra espanhola <sup>19</sup>, sob comando do almirante castelhano D. Fradique de Toledo, que selou a vitória final dos portugueses contra os holandeses. Mais uma vez, o próprio Deus, no dia da Páscoa, presenteia os cristãos católicos com a vitória definitiva.

Vejamos, a seguir, um trecho da carta cujo assunto é a catequização dos índios:

#### **Trecho 16**

---

<sup>19</sup>O emprego do termo *nossa armada* justifica-se, porque havia também algumas naus portuguesas e, principalmente, porque ainda estava em pleno vigor a união ibérica.

No ano depois de 1624 se partiram desta sua estância para a Alaguna, com determinação de os abalarem e trazerem consigo para aquela igreja, chegados à primeira daquelas aldeias, ainda que ao princípio se mostraram os índios mais duros e menos tratáveis, contudo, num dia solene, lhe fez um dos padres uma prática sobre a importância do Santo Batismo e do que para ele se requer, e mostrando-lhe também de uma parte as penas do Inferno, da outra os bens da Glória, e como depois da sua partida ficaram arriscados a, morrendo, perder estes e a ser condenados àquelas, pois não teriam ordem nem ocasião de ser batizados, ainda que muito o quisesse. Pôs Deus nestas palavras tal eficácia que, rendidos muitos, com grandes desejos no coração e lágrimas nos olhos, começaram a pedir que os fizessem cristãos, de modo que em oito dias foram suficientemente catequizados, e receberam a água do Sagrado Batismo perto de duzentas almas, e tal afeição tomaram, depois de serem batizados, às coisas divinas que, morando muitos deles uma légua distante da igreja, continuaram com muito fervor a ouvir missa todos os dias santos, e ainda em tempo de grandes frios e chuvas, não obstante a declaração que se lhe fez de ficarem totalmente desobrigados. (VIEIRA, 2003, p. 106-107)

Retorna, aqui nesse trecho, o modelo mental do pai rigoroso na figura de Deus, que é capaz de prometer o reino dos céus, mas também é capaz de punir com o fogo do inferno aqueles que não seguirem seus ditames.

### **Trecho 17**

Sucedeu aqui um caso milagroso, e foi que pôs o padre na câmara da popa uma relíquia do santo padre José Anchieta; e, sendo assim que todos os pelouros, que deram nas outras partes da nau, passaram fazendo muito dano e matando alguns, quantos deram o lugar, onde estava a santa relíquia, resvalaram para fora, sem prejuízo da nau naquela parte, e das vidas dos que na mesma estavam, antes dando um de mosquete, no peito desarmado de um soldado, lhe caiu aos pés. Tudo se atribuiu, com muita razão, aos merecimentos do santo padre José Anchieta. (VIEIRA, 2003, p.117)

Mais uma vez, a intervenção divina, por meio de uma relíquia do padre Anchieta, protege os portugueses, fechando-lhes o corpo. A bala de mosquete, em vez de atingir um soldado próximo à relíquia, lhe cai aos pés.

A análise dos trechos se encerra aqui. Pensa-se que as teorias fundamentadas no decorrer do trabalho contribuíram muito para uma análise precisa, conseguindo, por meio delas, o objetivo geral da pesquisa, que era analisar as transgressões decorridas da época da carta de Vieira para os dias de hoje, buscando notáveis incoerências que podem não fazer sentido hoje em dia ou confundir o leitor.



## Conclusão

Procuramos, nesta dissertação, demonstrar que, para que leitores modernos sejam capazes de atribuir sentido a textos antigos, de maneira a obedecer à metarregra de relação, é preciso que eles tenham acesso à história, cultura e valores da época. Tudo isso tem de estar armazenado na memória a longo prazo do leitor (conhecimento enciclopédico de mundo), para que ele possa, ao ler um texto de uma época antiga, abrir espaços mentais que lhe propiciem entender o que lê, dentro do momento em que foi produzido. O leitor precisa, portanto:

- I. Desabilitar elementos de frames atuais.
- II. Habilitar (reabilitar) elementos de frames da época.

Procuramos, nesta dissertação, demonstrar essa necessidade comentando trechos da Carta Ânua ao geral da Companhia de Jesus escrita pelo Padre Antônio Vieira, em 1626. Como vimos, o desconhecimento de fatos da época, sobretudo dos valores da época, pode interferir no entendimento de leitores atuais dessa carta, levando-os, em certas ocasiões, a bloqueios consideráveis no entendimento daquilo que Vieira escreveu.

Isso pode ocorrer em textos de qualquer época ou de cultura diversa da que se situa um leitor. A título de exemplo, fazendo menção a uma obra mais próxima a nós, *Dom Casmurro* de Machado de Assis, muitos dos seus leitores atuais avaliam, erradamente, a figura de Capitu como uma espécie de “alpinista social”. Consultando, porém, o momento histórico e a cultura de quando foi publicado o romance (1900), veremos que Capitu é um arquétipo bem brasileiro das meninas pobres que procuram ascender de classe à custa do casamento, arquitetado maliciosamente e por mero interesse em muitos casos. Capitu não mediu esforços e artimanhas para vencer todos os obstáculos à união com Bentinho, desafiando superstições, convenções e desigualdades financeiras. Seu objetivo era claramente subir de situação, entrando para o nível superior em que se encontrava financeiramente a família de Bentinho.

De acordo com Coutinho (1970), a mulher brasileira no século XIX não tinha saída para afirmar-se como pessoa independente e para tornar-se um indivíduo vivendo

por si e de acordo com a sua individualidade. Só o casamento lhe propiciava essa chance na sociedade. Ela não podia fazer o que lhe aprouvesse, era obrigada a adaptar-se ao código social vigente e fazer parte daquela sociedade, vivendo conforme os seus valores. Ao lermos a obra nos dias de hoje podemos interpretar Capitu como uma menina que quer dar o chamado “golpe do baú”.

Sendo de agora, deixando-os livres de quaisquer valores que possam alterar seus sentidos. Não há só uma leitura possível para os textos, muito menos para os textos literários. Assim, quando reabilitamos os frames da época em que passou o romance de Machado de Assis, entendemos claramente seu sentido. Para isso precisamos desabilitar os frames.

Reputo, pois, que é importante incentivar os docentes a esclarecer seus alunos sobre os contextos sociais e históricos em que um determinado autor construiu os sentidos de sua narrativa. O exemplo dado sobre *Dom Casmurro*, uma obra literária, tem grande importância, pois relaciona-se o estudo da literatura com a história e a cultura, atribuindo assim um valor mais significativo à literatura no contexto escolar. Acredito que a minha pesquisa contribuirá para alunos e docentes atribuírem valores mais significativos aos textos antigos e obras literárias.

Em referência ao meu *corpus*, penso que foi essencial para obter os satisfatórios resultados da análise. Além de Vieira ser uma figura célebre até os dias de hoje, seus textos são encantadores e de fácil leitura, porém, como objeto de estudo, encontramos muitas transgressões daquela época, em contraste com a visão de hoje. Junto à teoria da metarregra de relação, satisfaço-me com os resultados obtidos e com as descobertas de diversos *frames* que precisaram ser desabilitados e reabilitados para compreender os sentidos que estavam inerentes ao texto, além das retomadas e construções dos Espaços Mentais, propostas pela teoria dos *Spaces Builders*.

Pretendemos, em uma futura pesquisa de doutorado, trabalhar esse tema nos livros exigidos como leitura obrigatória para os vestibulares das universidades estaduais paulistas, também como uma forma de ampliar o conhecimento de mundo dos alunos que é algo tão importante para a leitura e a interpretação de textos.

## Referências

- ABREU, Antônio Suárez. *Linguística Cognitiva, uma visão geral e aplicada*, São Paulo: Ateliê, 2010.
- AGOSTINHO. Santo, *O livre Arbítrio*. Tradução: Nair de Assis Oliveira. 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Klick Editora, 1997.
- BARROCO. *Clássicos da Literatura brasileira*. São Paulo: Harbra, 2009.
- BEAUGRANDE, R. & DRESSLER, W. *Introduction to Text Linguistics*. Nova York: Longman, 1980.
- BOSI, Alfredo. A história concisa da literatura brasileira. 2ªed. São Paulo: Cultrix, 1976.
- BUENO, Eva Paulino. *O Padre Antônio Vieira e a escravidão negra no Brasil*. Revista Espaço Acadêmico – Nº 36 – Maio de 2004 – Mensal – ISSN 1519.6186.
- BULCÃO, Clóvis. *Padre Antônio Vieira: um esboço biográfico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. 1.ª Ed. Lisboa: Rei dos Livros, 2002. ISBN 972-51-0186-3.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Mesa-redonda sobre lingüística cognitiva tradição funcionalista*- Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, FFLCH/USP, 23-25 de maio de 2002. Disponível em [http://www.gel.org.br/estudos\\_linguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr002.htm](http://www.gel.org.br/estudos_linguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr002.htm) - Acesso em: 12 agosto 2010.
- CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza. *Panorama da literatura portuguesa*. Editora Atual, 1997.

- CHAROLLES, Michel. *Introdução aos problemas da coerência dos textos*. In: GALVES, C. et al. (org.). *O texto: escrita e leitura*. 3ªed. revisada. Campinas: Pontes, 2002.
- COBRA, Rubem Queiroz. *Padre Antônio Vieira*. Brasília, 1997. Disponível em [www.cobra.pages.nom.br/fmp-vieira.html](http://www.cobra.pages.nom.br/fmp-vieira.html) - Acesso em: 08 junho 2010.
- COSTA VAL, Maria da Graça. *Repensando a textualidade*. IV Fórum de Estudos Lingüísticos. Instituto de Letras da UERJ. 21/10/1999 (conferência).
- COULSON, S. (2001) *Semantic Leaps: frame-Shifting and Conceptual Blending in Meaning Construction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil* (teatro, crônica, a nova literatura). 2.ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1971. V. VI.
- CROFT, Willian. *Toward a social cognitive linguistics*. In: *New Directions in Cognitive Linguistics*, 2009.
- CROFT, W & CRUSE D.A. 2004. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- EVANS, Vyvyan& GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: an introduction*, New Jersey, London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2006.
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*, New York: Basic Books, 2002.
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Vilaça. *Linguística textual: introdução*. [n.s.]. São Paulo: Cortez, 2002.
- FILLMORE, C.J. Frame semantics. In: *The Linguistic Society of Korea*. *Linguistics in the morning* Calm Soeul: Hanshin, p. 111-137, 1982.
- GRICE, H. Paul. *Lógica e Conversação*. In: DASCAL, Marcelo (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Campinas: Unicamp, 1982.

KÖVECSES, Zoltan. *Language, mind, and culture*, Oxford: Oxford University Press, 2006

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago, 1987.

\_\_\_\_\_ *The political Mind: a cognitive scientist's guide to your brain and its politics*, New York: Penguin books, 2009.

LIMA, Manoel Nilson de. *Linguística textual e seus avanços*. Mossoró, 2003.

Disponível em <http://www.webartigos.com/articles/16368/1/linguistica-textual-e-seus-avancos/pagina1.html#ixzz10SY3bjcH> – Acesso em: 28 agosto 2010.

LLOYD-JONES, David Martin. *Sermões Evangelísticos*, Editora PES, 1985.

MARTINS, Helena Contaldo Ferreira. *A referenciação de instâncias enunciativas e a construção da coerência textual em narrativas escolares*. 2003. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Língua Portuguesa)–Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MOISÉS, Massaud. *A literatura Portuguesa*. 6ªed. São Paulo: Editora Cultrix, 1968.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (orgs). *Introdução a Linguística: domínios e fronteiras*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, v. 01. 2008.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/. *Secretaria de Educação Fundamental*, Brasília, 1998.

NEILL, A. S.. *Liberdade sem medo*. São Paulo: IBRASA, 1977

SOARES, Gilson. *Teologia e Filosofia*. Disponível em:

[www.pastorgilsonsoares.blogspot.com.br/2012/05/omaleolivrearbitrioemsanto.html](http://www.pastorgilsonsoares.blogspot.com.br/2012/05/omaleolivrearbitrioemsanto.html).

Com acesso em: 05/12/2012

QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. São Paulo: Ática. (Série Bom Livro)

Sermões Escolhidos. v.2, São Paulo: Edameris, 1965. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf> Com acesso em: 12/12/2012

SILVA, Augusto Soares da. *Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva*. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu & GONÇALVES, Miguel (orgs.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, vol. I, 2004, pp.1-18.

SILVA, Luiz Geraldo. *O Brasil dos holandeses*. São Paulo: Atual, 1997.

SKRINE, Peter. *Era barroca: a exuberância e a angústia*. In: *O correio da Unesco*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1988.

TAYLOR, R. John. *Cognitive Grammar*, Oxford: Oxford University Press, 2003.

THOMPSON, Geoff. *Introducing functional grammar*, Oxford: Oxford University Press, 2004.

TOMASELLO, M. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.

TURNER, Mark. *The Literary mind: the origins of thought and language*, Oxford: Oxford University Press, 1996.

TUNER, Mark and THOMAS, Francis-Noel, *A natural way to write*. Originally published as an op-ed piece on the Princeton University Press Blog, 24 June 2011.

VALENTE, André. *Coesão e Coerência em Textos Jornalísticos, Comum*. Rio de Janeiro. Vol. 6, nº 16, Jan/Jul, 2001, PP. 5-53.

VIEIRA, Antonio. *Cartas do Brasil*. (org) João Adolfo Hansen. São Paulo: Hedra, 2003.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. In: Eugênio Gomes, org. 6 ed. Rio de Janeiro, Agir, 1972, p. 94-9.

VOLTAIRE, *Candide*, Classiques Bordas, s/l, Abril, 2003.

## Apêndice<sup>20</sup>

### **Carta Ânua ao geral da Companhia de Jesus, enviada em 30 de setembro de 1626**

#### *Pax Christi*

Ainda<sup>21</sup> que a guerra algumas vezes não impede a pena com que se exprimem os sucessos dela, contudo, é ela outras vezes tal (como esta em que nos achamos) que tudo perturba e não dá lugar a escrituras; pelo menos as que são mais largas, e requerem tempo e algum descanso. Por esta razão, até agora se não escreveu nem mandou ânua a Vossa Paternidade, desde o ano de 1624 para cá; e também porque não vieram relações dos outros colégios e casas; e algumas vieram tarde por falta de embarcações, e pelas dificuldades das navegações, que, neste tempo tão trabalhoso, foram maiores que nunca. Pelo que sou forçado a dar a Vossa Paternidade conta nesta do que sucedeu nos dois anos de 1624 e 1625, e ainda não de tudo; porque em todas as partes do Brasil houve tais sobressaltos que impediram a notar e não deram lugar a escrever.

Sustenta esta província do Brasil, pouco mais ou menos, 120 padres da Companhia: 90 sacerdotes, dos quais 31 são professores de quatro votos, de três solenes, 2, coadjutores espirituais formados, 20; 62 estudantes; coadjutores 50, e destes, 30 formados. Estes todos divididos em três colégios, seis casas, e treze aldeias anexas às mesmas casas e colégios. No colégio Bahia residem comumente, 80; no de Pernambuco, 40; 35 no do Rio de Janeiro; na Residência do Espírito Santo, 12; na de Santos, 5; na de S. Paulo, 7; na Casa dos Ilhéus, 4; em Porto Seguro, 4; e 4 no Maranhão. Todos eles se ocupam em procurar de alcançar a salvação e perfeição própria e das almas, que é o fim da nossa Companhia.

---

<sup>20</sup>A digitação da Carta Ânua, inserida no livro de referência: *Cartas do Brasil*. (org) JoãoAdolfo Hansen. São Paulo: Hedra, 2003, não permaneceu com a mesma paginação, diante disso, colocarei um nota de rodapé ao início de cada palavra contida na página do livro de origem, para assim, facilitar a localização dos textos inseridos no decorrer do trabalho.

<sup>21</sup> Página 77 da Carta Ânua.



Colégio da Bahia<sup>22</sup>

Com o grande trabalho e má vida destes tempos caíram enfermos quase todos os deste Colégio: mas, de tal maneira os repartiu a Divina Providência que nunca faltaram sãos que servissem os doentes no corporal e no espiritual, e acudissem aos próximos. Destes enfermos, passou a melhor vida o padre Fernão Cardim, natural de Viana de Alvito, arcebispo de Évora, professo de quatro votos, varão verdadeiramente religioso e de vida inculpável; mui afável e benigno, e em especial para com seus súditos. A todos parece que queria meter na alma, de todos se compadecia e a todos amava. Prova estas suas grandes entranhas o que poucos dias antes da sua morte, por ocasião de repreender um súdito, disse: que nunca, depois que entrara na Companhia, tivera má vontade a pessoa alguma, nem escrúpulo de tratar seus súditos com paixão. O que, bem considerado, tanto mais é quantos foram os anos que viveu na Companhia, nos quais ordinariamente governou; e só os anos em que foi providencial e reitor passaram de vinte. Estendia-se esta sua caridade também aos de fora, como o experimentaram, e mais particularmente, os presos da cadeia e os pobres do hospital; porque a estes visitava a miúdo, remediando suas necessidades como esmolos; por aqueles intercedia, solicitando suas causas como próprias; e a todos finalmente ajudava com grande amor. E era porque o Divino ardia tanto em seu peito, porque Deus os servia, e Deus os representava, e a Deus neles. A seu corpo tinha ódio Santo: castigava-o com disciplina de cada dia, sendo, como era, fraco e carregado de anos. Mas a fraqueza do corpo sustentava com esforço do espírito, madrugando todos os dias uma e duas horas antes dos outros, as quais gastava na presença de Santíssimo Sacramento, a quem tinha muito particular afeto e devoção. Comunicava-lhe Deus aqui uma insigne magnanimidade, com que padecia trabalhos, resistia às tentações e venciam grandes dificuldades. Nesta desgraça da Bahia era reitor; e por isso quebravam nele mais todas as ondas das adversidades: mas, como rocha viva, sempre se conservou em paz, esteve muito firme e conforme com a vontade divina. Na sua última enfermidade, além das dores e grande fraqueza, padeceu muita falta de todo o necessário. Chegou, pois, aquela ditosa hora de se partir, a que ele todos os dias convidava sua alma, repetindo com muita devoção o *proficiscere anima Christianie* exercitando-se e actuando-se na lembrança da morte.

---

<sup>22</sup> Página 78 da Carta Anua.

Faleceu com grande<sup>23</sup> dor e sofrimento de todos, por se verem juntamente órfãos de pai e mãe. Nele tudo tinha; porque, como pai, os criava com sua doutrina e exemplo, e, como mãe piedosa, entranhavelmente os amava. Contudo, por outra parte, sendo que lhe queriam todos como filhos, ainda que com perda sua, se alegraram de ver fora deste terreno. Entrou na Companhia no ano de 1556, de 15 anos de idade; viveu nela 60, e faleceu de 75, aos 27 de janeiro de 1625.

Teve a mesma sorte o padre Gregório da Rocha, natural da capitania de Pernambuco. Tinha, ao tempo em que Deus o chamou para si, 30 anos de idade. Entrou no ano de 1611, de 15 anos, na Companhia, e nela viveu outros 15 com satisfação e observância religiosa. Sabia bem a língua da terra; e melhor exercitava nas aldeias, cultivando os índios. Era enfermo de ordinário, e nas enfermidades mui animoso e paciente; em especial na última, que foi muito trabalhosa e de grandíssimas dores; entre as quais, com muita devoção e consolação da sua alma, recebeu todos os Sacramentos e faleceu a 9 de maio de 1625.

No mesmo ano levou Deus para si o irmão Antônio Fernandes, natural da ilha da Madeira, coadjutor temporal, com 29 anos de idade e 10 na Companhia, na qual entrara de 19, no ano de 1615. Neste tempo viveu uma vida tão perfeita e exemplar, com as paixões do corpo e alma tão mortificadas e sujeitas à razão, que não parecia homem, mas, como muitos lhe chamavam, Anjo encarnado. Foi neste Colégio, perto de oito anos, enfermeiro com caridade espantosa. Trabalhava de dia e noite, sem descansar. Assistia e acudia com maravilhosa e incansável continuação a todos, sendo, como era fraco de compleição. Neste último trabalho da Bahia se apurou mais e resplandeceu sua caridade. Entre tantos enfermos e tanta falta do necessário, mostrava quão engenhoso era; porque sendo, além dos doentes das casa, que foram muitos, muito mais os portugueses saídos da cidade, e os índios da aldeia de Espírito Santo, onde resisiu, para todos achava mezinhas, a todos acudia, a todos visitava; e finalmente fazia tudo a todos com tal espírito que, ainda aos mesmos índios, com serem menos entendidos, se não escondia e lhe chamavam santo.

Não só curava com remédios humanos seus enfermos, mas igualmente lhes applicava os divinos, fazendo devoções particulares por cada um, e assim fazia curas

---

<sup>23</sup> Página 79 da Carta Anua.

mais que naturais; como depois da sua morte se achou apontado, em um livrinho seu, que o santo Anchieta dera saúde milagrosa a um padre, o qual<sup>24</sup> estava tão perigoso, e em tais termos, que ninguém julgou poder escapar. Faltando a fala, para se confessar, a uma índia que estava na hora da morte, com suas orações lhe alcançou de Deus.

Não foi menos admirável a sua grande paciência e mortificação. Enter outros muitos, que curou de chagas asquerosas, foi um índio ferido de um pelouro, com uma chaga tão podre e de tão mau cheiro que ninguém, nem mesmo o doente, o podia sofrer; nem seus parentes se atreviam a curá-lo. Mas, como a graça é mais poderosa que a natureza, tinha este irmão tão vencida a sua que, com suas próprias mãos, tratava aquela podridão, mostrando tão pouco asco, mas antes tanto gosto, como se a matéria fora de rosas e flores mui cheirosas. E, na verdade, como tais estimava ele todas as coisas de mortificação, porque só a estas se pegava com muito gosto, estas eram seus passatempos, estas, suas delícias; e já, com o contínuo exercício delas, parecia totalmente insensível, em particular nas mãos, as quais tinha tão calejadas que, quando o açúcar estava no ponto mais alto, metia os dedos nele como em água fria, e, como se admirassem alguns, ele, para dissimular, respondia, com sua costumada prudência, que lhe procedia do uso e continuação do fogo. Mas, que isto fosse graça mais que natural, deixo ao juízo de quem o considerar, sendo experimentado. Nunca ao doente, por inoportuno e mal sofrido que fosse, disse uma palavra; antes a todos consolava, condescendendo com eles no que não encontrava saúde. Por embaraçado que estivesse e afogado com ocupações, estava sempre a sua alma tão livre e pouco perturbada que, por outras muitas que sobrevivessem no mesmo tempo, a todas acudia o melhor que era possível, sem mostrar enfadamento algum, antes com maior alegria; e a mesma tinha quando eram muitos os enfermos.

Nunca se pôde enxergar nele um mínimo sinal de pouco sofrimento, ainda nas ocasiões em que corria perigo qualquer boa paciência; e, se porventura alguém em alguma coisa o encontrava, só para com este se mostrava particular; porque com particular vontade e amor buscava ocasiões de o servir. Com ser tanto e tão continuado o trabalho deste irmão, quando as ocupações lhe davam algumas breves tréguas, não o achariam senão na capela de joelhos; e aqui sem dúvida ganhava forças para outros

---

<sup>24</sup> Página 80 da Carta Anua.

trabalhos maiores. Na modéstia e recolhimento foi raro, porque, além de em casa ser um espelho de compostura religiosa, quando convinha sair fora enxergava-se-lhe no rosto um grande pejo, fazia-se como uma papoula, todo se perturbava; e o mesmo padecia quando por razão do seu ofício acompanhava o médico até à portaria, se era visto por gente; e dava por causa disso sua pusilanimidade, que com esta e semelhantes capas cobria e disfarçava suas virtudes. Destas e de outras muitas que sua humildade nos encobria tinha lavrada sua coroa, que a 13 de junho, dia de Santo Antônio, cujas pisadas com nome seguira, foi possuir a glória.

Entre<sup>25</sup> as coisas mais notáveis que deste bem-aventurado se contam, foi uma que, partindo-se daquela aldeia em que estivera, como se chegassem a ele alguns índios em reconhecimento do que da sua caridade receberam, ele se perturbou e, perguntada a causa, respondeu que era porque não os havia de ver mais. E assim sucedeu, porque chegando à cidade, caiu enfermo e disse que aquela era a última da sua vida, como foi; e só sentia que os enfermos haviam de padecer.

Três dias antes da sua morte, perguntando-se-lhe se queria se confessar, pois estava no último, respondeu que o escusava, quando por via de escrúpulo, porque depois que entrou para a Companhia, todas as confissões fizera como se cada uma fora a última da sua vida.

Sendo ainda noviço, andava um nosso mui atribulado, e de modo que bem mostrava ao exterior o que no interior trazia. Viu-o este irmão, entendendo seu enfadamento, chamou-o à parte, perguntou-lhe a causa; mas, não lha querendo descobrir, ele, como se mui de raiz soubera, lhe foi dando tais razões e tão eficazes, todas ordenadas à causa do sentimento, que ficou dali por diante livre da tentação. O que na verdade parece coisa divina, por um irmão sem letras lhe dar o remédio que muitos padres doutos e graves, com quem o comunicara, não puderam. E, como era tão observante, não se atreveria a falar tão livremente sendo noviço, se não fora mandado de Deus, como ele confessou ao mesmo.

Outra vez acaso encontrara um dos nossos padres, que mostrava andar enfadado; e, sabida a causa, era por ter perdido um dente do santo José de Anchieta, que muito estimava. Consolou-o dizendo que o encomendaria a Deus, e, detendo-se um pouco sem

---

<sup>25</sup> Página 81 da Carta Anua.

se mover do lugar, o levantou do chão, em parte onde se tinha buscado com muita diligência.

Além dessas graças particulares, tinha outra maior e mais universal, e era, sem ter estudo, entender com suficiência qualquer livro latino; e nas mais ciências, particularmente em matérias espirituais, dava tão acertados pareceres que pareciam de homens de muitas letras. A todos estes dons ajuntou o da pureza virginal, que guardou inviolável até à morte, e com a qual mereceu assistir agora diante do trono de Deus, seguindo ao cordeiro sagrado para onde quer que vai.

A estes três foi o Senhor servido dar na outra o prêmio das obras que nesta vida fizeram. Os mais todos se ocuparam nos ministérios da nossa Companhia, segundo a vocação e talentos de cada um, e, pela divina bondade, com proveito seu e dos próximos.

A quarenta horas do primeiro destes dois anos se celebraram com o costumado aparato e concurso grande de confissões e comunhões. As do segundo, conforme o estado e trabalho das coisas, mais umas e outras com notável fruto das almas; e, como o principal fruto espiritual destes tempos se colheu na tomada e recuperação da cidade da Bahia, é necessário relatá-la brevemente, e dizer também a certeza do que se passou na realidade, para que<sup>26</sup> a verdade tenha lugar e se não creiam algumas falsidades que do caso se contem.

Abre esta costa do Brasil, em treze graus da parte do sul, uma boca ou barra de três léguas, a qual, alargando-se proporcionalmente para dentro, faz uma baía tão formosa, larga e capaz que, por ser tal, deu o nome à cidade, chamada, por antonomásia, Bahia. Começa da parte direita em uma ponta, a qual, por razão de uma igreja e fortaleza dedicada a Santo Antônio, tem o nome do mesmo santo; e, correndo em meia lua espaço de duas léguas, se remata em uma língua de terra, a que se deu o nome de Nossa Senhora de Monserrate uma ermida consagrada à mesma Senhora. No meio desta enseada, com igual distância, de ponta a ponta, está situada a cidade, no alto de um monte, íngreme e alcantilado pela parte do mar, mas por cima chão e espaçoso; rodeiam-na por terra três montes de igual altura, por onde estende seus arrabaldes, dos quais o que fica no sul tem por remate o Mosteiro de S. Bento, e nos que lhe responde a

---

<sup>26</sup> Página 82 da Carta Ânua.

norte, está situado o de Nossa Senhora do Carmo; o terceiro está ao leste e menos povoado. É a praia da cidade em baixo estreita, e defendem-na três fortes, dois em terra e um no mar, avantajado ao mais por razão do sítio e fortaleza.

Alguns dias antes da chegada dos inimigos, estando no coro em oração dois dos nossos padres, viu um deles a Cristo Nosso Senhor, com uma espada desembainhada contra a cidade da Baía, como quem a ameaçava. Ao outro dia apareceu o mesmo Senhor com três lanças, com que parecia atirava para o corpo da igreja. Bem entenderam os que isto viram que prognosticava algum castigo grande; mas qual houvesse de ser estavam incertos, quando, em dia da Aparição de S. Miguel, que foi a 8 de maio de 1624, apareceram de fora, na costa, sobre esta Bahia, 24 velas holandesas de alto bordo, com algumas lanchas de gávea, as quais fizeram crer os cidadãos, costumados a viver em paz, o que lhes não persuadiram de todos os avisos que dois anos antes mandara Sua Majestade, nem a nau capitania desta armada, que quase todo mês passado tinha andado na barra, e roubado um navio que de Angola vinha carregado com negros para o serviço e manejo desta capitania.

Mandou logo o Sr. governador Diogo de Mendonça Furtado da rebate; ajuntou-se a gente, que foram mais ou menos três mil homens, e, armados, cada um pôde, se repartiram em companhias, deram cargos e assinaram estâncias. Na mesma tarde saiu o Sr. bispo D. Marcos Teixeira, com uma companhia<sup>27</sup> de eclesiásticos, armados, não só para animar a gente, mas para com a espada na mão defender, e ofender, se fosse necessário, ao inimigo; e, correndo todas as estâncias, exortava a todos, como verdadeiro prelado e pastor, a pelejarem até à morte por sua fé e rei, e que vencendo ou morrendo por esta causa sempre venceriam. Saíram com a mesma pressa os nossos soldados, e o mesmo fizeram muitos dos outros religiosos. Prepararam-se como não menor cuidado as almas para a morte que os corpos para a guerra. Aqui tiveram fim ódios muitos antigos, descobriram-se pecados encobertos com o silêncio de muitos anos, e, na verdade, foi tal mudança presente que, só por razão dela, pareceu muito conveniente dar Deus este castigo.

Com a luz do dia seguinte apareceu a armada inimiga, que repartida em esquadras vinham entrando. Tocavam-se em todas as naus trombetas bastardas a som de

---

<sup>27</sup> Página 83 da Carta Ânua.

guerra, que com o vermelho dos pavese vinham ao longe publicando sangue. Divisavam-se as bandeiras holandesas, flâmulas e estandartes que, ondeando das antenas e mastaréis mais altos, desciam até varrer o mar com tanta majestade e graça que, a quem se não temera, podiam fazer uma alegre e formosa vista. Nesta ordem se vieram chegando muito a seu salvo, sem lho impedirem os fortes, porque, como o porto é tão largo, tinham lugar para se livrar dos tiros.

Tanto que emparelhou com a cidade de almiranta, a salvou sem bala, e despediu um batel com bandeira de paz. Mas a salva, e à embaixada antes de a ouvirem, responderam os nossos com pelouros, o que vendo os inimigos, se puseram todos a ponto de guerra. Viraram logo as naus enfiadas sobre a terra, e, por onde iam passando, descarregavam os costados na cidade, fortes e navios que estavam abicados na praia, o que continuaram segunda e terceira vez, até que, depois do meio-dia puseram todos a proa em terra, e as três dianteiras em determinação de abalroarem a fortaleza, mas, impedidas dos baixos, lançaram ferro, e em árvores secas, como se foram todas de fogo e ferro, começaram a desfazer tanto nele que parecia pelejava nelas o inferno. E foi tal a tempestade de fogo e ferro, tal o estrondo e confusão, que a muitos, principalmente os poucos experimentados, causou perturbação e espanto, porque por uma parte os muitos relâmpagos fuzilando feriam os olhos, e com a nuvem espessa do fumo não havia quem se visse; por outra, o contínuo trovão da artilharia tolhia o uso das línguas e orelhas, e tudo junto, de mistura com as trombetas e mais instrumentos bélicos, era terror a muitos e confusão a todos.

Respondiam-lhe da terra o forte e as nossas naus, ainda que desigualmente, por ser a artilharia pouca, e andar já quente com o avantajado emprego.

Mas, enquanto nos ocupávamos em defender a praia, duas ou três naus holandesas, que ficavam na retaguarda, despejaram na ponta que dissemos, de Santo Antônio, muita gente, e dizem seriam quinhentos para seiscentos soldados<sup>28</sup>. Vendo isto duas bandeiras nossas, que lá estavam em guarda, não aguardaram que chegassem, antes, não se atrevendo a resistir, voltaram para a cidade, esquecidos daquele nome português que ainda em nossos tempos fez tremer e fugir exércitos inteiros; e, posto que um padre nosso os animava para que tornassem, adiantando-se com ânimo de

---

<sup>28</sup> Página 84 da Carta Anua.

verdadeiros portugueses e verdadeiros soldados de Cristo, até chegar cara a cara com os inimigos; armados só da confiança em Deus, contudo estavam tão do medo que não foi parte os apertar o fervor e espírito do padre.

Entretanto não cessava a bateria, antes cada vez se acendia mais. Entendendo, pois, o inimigo que os nossos largaram as naus que estavam mais ao pego e se meteram nas que estavam mais junto à terra, para dali pelejarem mais seguros, botou um bom número de batéis providos de soldados e marinheiros, para que senhoreassem as que estavam sem gente. Começaram a subir a elas e, adiantando-se um soldado para arvorar a bandeira holandesa, um homem do mar, português, que estava numa nau das mais vizinhas à praia, não lhe sofrendo o ânimo ver tal ousadia, leva o arcabuz ao rosto e, fazendo tiro, dá com ele morto e com a bandeira no meio do convés; o mesmo fez ao segundo e terceiro, que pretenderam executar na bandeira o mesmo intento que o primeiro, e fê-lo tão destramente que, não errando nem um só tiro, todos três empregou.

Enquanto os três acabaram desta maneira, começaram os demais, uns a levar as naus para o pego, outros a defender-se com os mosquetes, o que vendo os nossos, e que não lhes podiam ser bons, acudiram ao último remédio, que foi arrombar umas e queimar outras, carregadas como estavam, tendo por melhor entregá-las ao mar e ao fogo que ao inimigo. Isto foi causa de se estender o dia e a guerra, porque, ainda que era noite, venciam as trevas dela a claridade do fogo, que ateando-se no breu e açúcar, lançava grandes labaredas, as quais, embebendo-se e transformando-se nas nuvens, que lhe ficavam em cima, dava tão grande luz a todo o porto que se podia muito bem ver e atirar de parte a parte, como fizeram enquanto durou o fogo.

Com esta ocasião, o inimigo, a quem o incêndio das naus acendera mais, determinou render a fortaleza, que, como ainda então não estava acabada, e só igual com as ondas, sem mais outro reparo que uns cestões, parte cheios de terra, parte vazios, era a entrada fácil. Saíram logo das naus inimigas muitos batéis com os soldados em pinha, e, cercando o forte, depois de muitas cargas de mosquetaria o abordaram, para entrar com os nossos. Mas eles resistiram valorosamente, não os deixando pôr o pé em cima, antes os lançaram a todos fora, matando e ferindo a muitos; e soldado houve que, com a espada feita, foi de mergulho atrás do inimigo, que por debaixo de água lhe fugia. Não desistiu com isto o Holandês; antes, animado com o novo socorro do mar, insistiu



com maior força<sup>29</sup>, carregando tanto uns sobre os outros que, não podendo os nossos por estarem já cansados, ter o reencontro, depois de mortos alguns se retiraram para terra, donde, amiudando os tiros, de tal maneira sacudiram os inimigos que, em breve tempo, cederam a fortaleza, à qual se foram logo dois soldados lançar ao mar a artilharia, que naquele entremeio tinham eles cravado.

Era já nesse tempo alta noite, quando, de improviso, se ouviu por toda a cidade (sem se saber donde teve princípio) uma voz: *já entraram os inimigos, já entram, os inimigos já entram*; e, como no meio desse sobressalto viessem outros dizendo que já vinham por tal e tal porta, e acaso pela mesma se recolhesse neste tempo uma bandeira nossa com mechas caladas, como o medo é mui crédulo, verificou-se esta temeridade; e assim, pelejando a noite pela parte contrária, ninguém se conhecia, fugiam uns dos outros, e quantos cada um via tantos holandeses se lhe representavam.

Instava, entre tanta confusão, o cansado e afligido governador, nesta noite com o outro Enéias na do incêndio, juntando e animando os soldados a morrer antes como honra que a ter vida sem ela; mas não aproveitavam estas vozes, porque estavam já do medo e das trevas da noite tão cegos que, não vendo quanto se inflamavam a si e a todo Portugal, desampararam totalmente a cidade, fugindo cada um por onde pôde, deixando todos suas casas e fazendas, e muitos, para mais ligeireza, as próprias armas, que parece cuidavam que estas se haviam de converter contra eles, como escreveu o cronista de el-rei de Macedônia em semelhante caso, dos soldados persas, que *pavor etiam auxilia formidat*.

Vendo este desamparo o Sr. bispo, veio-se ao nosso Colégio, deu conta do que se passava e, ainda que dois padres dos nossos lhe lembraram que ninguém esperaria se tivessem notícia da saída de S. Senhoria, contudo, ouvindo a outros dois padres, e a muitas pessoas de fora, que a cidade estava já entrada dos inimigos, e vendo que só não podia já defendê-la, se saiu. Consumidas, pois, algumas fórmulas do Santíssimo Sacramento, porque as mais eram já levadas para fora em outra custódia, com a devoção que o tempo e a ocasião pedia; e tendo já tirada a mais da prata e os ornamentos postos em cobro, que não deu o tempo lugar para mais, seguiram ao prelado os nossos, que estavam em casa, e os que se recolhiam do forte e mais estâncias, aonde até então

---

<sup>29</sup> Página 85 da Carta Anua.

assistiram a pé queto, animando e confessando a gente. Detiveram-se na quinta do Colégio, meia légua da cidade, e, não havendo esperança de defesa, se puseram antemanhã a caminho.

Mas quem poderá explicar os trabalhos e lástimas desta noite! Não se ouviam por entre os matos senão ais sentidos e gemidos lastimosos das mulheres que iam fugindo; as crianças choravam pelas mães, elas, pelos maridos<sup>30</sup>, e todos e todos, segundo a fortuna de cada um, lamentavam sua sorte miserável. Acrescentava-se a este outro trabalho não menor, que, como forçadamente, para passarem avante, iam demandar um rio a que chamam rio Vermelho, aqui se viam no aperto em que se viram os filhos de Israel no outro mar Vermelho, quando fugiam de Faraó: porque o medo lhes representava os holandeses já nas costas, o rio lhes impedia a passagem, a noite dificultava tudo, e o susto chegava a todos. Pelo que, vendo-se em tanto aperto e perplexidade, sem tomar conselho, tudo eram romper em ais e gemidos, com que feriam o céu e os corações dos que os ouviam.

Tanto que o sol saiu em 10 de maio, julgando os holandeses, da muita quietação da cidade, estar sem defensores, deliberaram-se a entrar nela. Entraram, não sem receio de alguma cilada; mas a cidade (ou para melhor dizer, deserto) lhe deu entrada franca e segura. Vão-se logo tomar posse das casas reais, onde estava o governador, desamparado de todos e acompanhado de só um filho e três ou quatro homens. Presos estes e postos a recato na almiranta, correm todos os despojos, que tanto as mãos lavadas lhes ofereciam deliberadamente as casas com as portas abertas. Tudo roubam e, a nada perdoando, empregam-se no ouro, prata e coisas de mais preço, e, despedaçando o mais, o deitam pelas ruas, como a quem custaram tão pouco.

Saqueadas já e destruídas as casas, vão-se aos templos os sacrilégios, e aqui fazem o principal estrago. Arremetem-se com furor diabólico às sagradas imagens dos santos e do mesmo Deus: *quis tália fando temperet a lacrimis*. A esta tiram a cabeça, àquela cortam os pés e mãos, uma enchem de cutiladas, a outra lançam no fogo. Desarvoram e quebram as cruces, profanam altares, vestiduras e vasos sagrados; usando dos cálices, onde ontem se consagrou o sangue de Cristo, para em suas desconcertadas mesas servirem a Baco, e dos templos e mosteiros dedicados ao serviço e culto divino,

---

<sup>30</sup> Página 86 da Carta Anua.

para suas abominações e heresias. Tal foi a misericórdia do nosso Deus que quis então tomar em si a maior parte do castigo, por não nos castigar com outro maior, como nossos pecados mereciam.

Depois desta entrada não se ocuparam todos nos despojos, mas a alguns deu a nossa fugida ousadia para saírem da cidade; entre estes vieram ter à nossa quinta sete, mas sem arma de fogo. Estava aqui um padre grave, que se deixava ficar em companhia de alguns enfermos, com esperança de uma gloriosa morte por seu amor, se Deus fosse servido. Este não deixou passar a ocasião<sup>31</sup> de se confessar a si e aos companheiros, em presença dos hereges, por católicos romanos, que eles tanto aborrecem: como foi que, indo um com a espada nua para um crucifixo, o padre lhe foi à mão dizendo que aquela era a imagem verdadeira do filho de Deus Jesus Cristo, digna de toda a veneração; e pedindo-lhe eles carne lha negou, e disse que a Igreja Católica e Romana a proíbe a seus fiéis nas sextas-feiras, qual aquele dia era, e portanto lha não havia de dar. Deu-lhes, porém, outras coisas de comer, e antes, no benzer da mesa, e depois, no dar graças, nomeou distintamente as pessoas da Santíssima Trindade, ao que eles cobriram o rosto, e logo, com grande fúria, quebrando tudo e deitando com desprezo por terra as imagens, relíquias e ornamentos de altares, fizeram presa nos cálices e lampadários e outra prata, e a levaram consigo.

Sabendo, porém, o caso dois ou três escravos nossos, e não sofrendo que fossem tão carregados, os determinaram aliviar, saindo-lhes ao encontro com arcos e flechas, e tanto que eles as começavam a sentir, vendo que lhes saía mui caro comprar prata por sangue, quiseram antes largá-la que as vidas.

Enquanto os holandeses se ocupavam nestes sacrilégios, cobriam os matos e praias os desterrados, que só dos portugueses seriam dez ou doze mil almas, servindo de casa a uns as árvores agrestes, a outros o céu, sem mais algum abrigo da calma, chuvas e sereno da noite; todos a pé, muitos descalços e despídos, morrendo à fome e a sede aqueles que, pouco havia, deixaram casas tão ricas e abastadas de tudo que mais pareciam servir ao regalo que à necessidade.

Mas não há que espantar serem vencidos os que viviam nesta abundância. Bem ensinava Alexandre Magno aos soldados que a pobreza era a única mestra da milícia, e

---

<sup>31</sup> Página 87 da Carta Anua.

por isso os Macedônios venciam tudo, porque nada tinham; que as cidades com ferro se defendem e não com ouro; com homens armados e não com casas ornadas, como depois de bem experimentado o confessou El-Rei Dario. Bem coube deste trabalho muita parte aos nossos padres, particularmente aos velhos e enfermos, que não podiam aturar o caminho nem suportar a calma. Os mais esforçados chegaram naquele dia à aldeia do Espírito Santo, distante seis ou sete léguas da cidade, e pouco a pouco se juntaram todos, com muito trabalho. Quanto aqui fosse o aperto e a incomodidade bem se deixa ver, pois moravam setenta em casas feitas e repartidas para quatro.

A esta aldeia se acolheu e recolheu naqueles primeiros a maior parte da gente, à qual sacudiu a caridade dos nossos com o que podia, não faltando a ninguém carne, nem farinha, que é o pão da terra, e neste tempo era o maior regalo. O mesmo fizeram todos os moradores da Baía que tinham fazendas fora, que agasalharam com muita caridade, por muitos dias, que cento, quem duzentas e trezentas pessoas, dando-lhes todo o necessário até buscaram remédio. Por esta grande piedade e misericórdia pôs Deus seus piedosos olhos em nós, para nos acudir e temperar o rigor do se castigo.

Depois que a gente despejou e foi menos, nos repartimos nesta e outra aldeia, e alguns currais, com assaz incomodidade, porque a casa era estreita, a cama<sup>32</sup> o sobrado, e, quando boa, uma rede; a mesa tão apertada e pobre que muitas vezes não havia mais que ervas e legumes, e estes às vezes sem sal nem azeite, cozidos somente na água.

A povoação se passou para a aldeia de S. João, mas afastada uma légua, e, como as casas dos nossos aqui não estavam mais que armadas, foi necessário aos irmãos noviços por suas mãos levarem-nas por diante, até onde o remédio da necessidade requeria, e aqui com todo recolhimento possível se conservou a ordem do Noviciado, que no Colégio se guardava. Tudo isto leváramos bem contanto que escaparam das mãos do inimigo o nosso padre provincial Domingos Coelho e o padre Antônio de Matos, que lhe havia de suceder, com nove companheiros, que do Rio de Janeiro traziam, orem ainda nisto foi Deus servido castigar-nos, porque, além de os tomarem, nunca os largaram, sendo assim que a todos os mais religiosos e seculares deram liberdade; e a causa que disto davam era porque os nossos em suas terras lhe fazem muita guerra com as pregações do Sagrado Evangelho. Daqui os embarcaram para

---

<sup>32</sup> Página 88 da Carta Anua.

Amsterdão, com o sr. governador e mais cativos que atrás dissemos, dando-lhes o mau trato que o ódio de muitos anos concebido aos da Companhia os incitava. Ditoso eles, que por tal causa padeceram e padecem.

Depois da cidade tomada, ao quarto dia, vieram doze ou treze índios parentes de alguns que na bateria do forte foram mortos, deliberados a tomar vingança de suas mortes nas vidas dos holandeses; e assim o fizeram nalguns, que andavam desgarrados por fora. Porém um destes, em cujo peito vivia a memória do pai morto, e o amor do mesmo o obrigava a mais, vai-se com seu arco e flechas à porta da cidade, com ânimo avantajado ao do outro Pultão Pinense na guerra da Itália, porque, se este rompeu por meio por meio de inimigos para livrar a vida o pai cativo, o nosso, para vingar a do pai morto, comete a cidade, desafiando a todos, e, depois de ter bem vendida a sua vida e melhor vingada a morte do pai, o acompanhou com a sua, caindo trespassado de uma bala.

Não eram mais em número do que doze, nem traziam diferentes intentos, outros índios que, achando além de Vila Velha, numa casa de palhas, alguns soldados holandeses, os acometeram; e, tendo eles por mais seguros defender se com a casa, atirando de dentro, que defendê-la com pessoas saindo, ao disparar pegou fogo na palha, e onde cuidaram que o evitasse se lhes dobrou o perigo, porque os que fugiam do fogo não escapavam às flechas, e os que temiam<sup>33</sup> estas morriam abrasados; esta foi a causa de os inimigos desampararem logo aquela fortaleza de Santo Antônio. O mesmo dano fizeram ao inimigo, não longe de S. Bento, uns poucos de portugueses com alguns frecheiros, cativando dois e matando sete ou oito, entre os quais foi um capitão de nome. Nem foram só estes; semelhante fim tiveram outros tantos da parte do Carmo, quase ao mesmo tempo.

O sr. bispo, que com os nossos recolhera à aldeia do Espírito Santo, ajuntou alguns desembargadores e oficiais da Câmara, e com eles fez conselho sobre o governo da Bahia, visto que a fortuna do governador preso o tinha em tal estado que, ainda que vivo, se havia de reputar por morto. E por isso se abriu logo a segunda das vias, em que Sua Majestade nomeava por governador deste Estado o sr. Matias de Albuquerque, que ao presente era de Pernambuco; mas, como pela distância de cem léguas faltava a sua

---

<sup>33</sup> Página 89 da Carta Anua.

presença, e os soldados sem capitão presente andavam (como se o não foram) desanimados de desgarrados por diversas partes, pareceu que convinha e era necessário eleger-se capitão-mor, para os ajuntar, animar e resistir às saídas insolentes do inimigo. E logo foi eleito no tal cargo o dr. Adão de Mesquita de Oliveira, chanceler da Bahia, o qual fez tudo que pôde, mas, impossibilitado dos estados das coisas, não pode chegar ao muito que prometeu.

Passados alguns dias, o sr. bispo, que não se esquecia do seu rebanho, antes, como outro Argos, vigiava sobre ele e, como piedoso pai, chorava seus males, vendo que não se ordenavam as coisas à medida do se desejo, e que o inimigo desenfreado não se contentava já somente com a cidade, mas que com grande ousadia se desmandava por fora, sem haver quem lhe pusesse freio a tanto desaforo, e que alguns portugueses se metiam e se faziam amigos com eles, para recuperar o que já perderam ou para não perderem o que ainda possuíam; depois de ver bem e considerar os meios com que, segundo o estado das coisas, se podia acudir para a nossa santa fé Católica e lealdade à coroa real, reprimindo as entradas dos amigos e as saídas dos inimigos, lhe pareceu bem, e determinou, trocar o bago com a lança, e o roquete com a saia de malha, e de prelado eclesiástico fazer-se capitão dos soldados. Feito digno de ânimo não menos pio que esforçado! O que vendo o povo, reconhecendo nele, agora mais que nunca, um extremado zelo, não só para as coisas da honra do seu Deis, mas também para o serviço de seu Rei, todos a uma voz o aclamaram por capitão-mor, e que a ele seguiriam e obedeceriam a tudo. Eleito que foi nesta forma, mandou logo sob pena de vida que ninguém trate com o inimigo, antes que se ajunte toda a gente e preparem armas contra ele; e tanto que teve um moderado número de soldados, assinalou capitães e repartiu companhias, com ânimo de voltar a entrar e cobrar a cidade aos 13 de junho. E parece que se punha ao céu da nossa parte, porque no mesmo tempo viu Nossa Senhora no ar uma bandeira com Cristo crucificado de uma parte, e de outra Santo Antônio, cuja festa naquele dia celebrava a igreja.

Para<sup>34</sup> mais comodidade do assalto, quiseram tomar primeiro alguns rebeldes portugueses que no Mosteiro do Carmo estavam aposentados. Estes, antes que amanhecesse, foram presos, mas antes que fossem, vende-se acometidos, deram com

---

<sup>34</sup> Página 90 da Carta Anua.

um sino rebate aos holandeses, cujos espias eram. Vendo pois os nossos, que fizeram estas boas presas (e não passavam de cinquenta, e deles a maior parte índios), que eram sentidos, arremetem sem conselho à cidade, e soldado de cavalo houve que daquela feita se adiantou até pregar a lança na porta da cidade, ferindo e atropelando os guardas dela; mas, sobrevindo os inimigos e disparando algumas roqueiras, se retiraram.

Com este sucesso pareceu vir a causa a pareceres; e foram os mais acertados que, além da dificuldade grande de entra na cidade, era maior a da conservação dela, porque estavam o inimigo com as forças inteiras no mar, e os nossos poucos e desarmados; que melhor seria porém cerco por terra, impedindo-lhes a saída com assaltos, que aventurar tudo numa hora, pois o que antepuseram o certo ao duvidoso foram sempre mais prudentes. Em todas estas coisas acudiram os nossos padre e a Sua Senhoria com todos os índios das aldeias, assistiram-lhe em conselho, acompanharam-no em todos os caminhos, e até o padre reitor, que era Fernão Cardim, sendo tão velho e fraco, o fez algumas vezes, e os serviram em tudo com muita boa vontade, como tínhamos de obrigação e tão honrado prelado nos merecia.

Estando tudo isto, pois, nestes termos, manda o prelado, como capitão-mor, assentar arraial, com sua igreja, uma légua da cidade, pouco mais ou menos. Faz ajuntar aqui a gente de guerra, os clérigos religiosos, e os oficiais de justiça eu pôde. Aqui se recolhem todos em choupanas ou barracas feitas de palma, e do mesmo feitio era a igreja. Aqui se administram os Sacramentos e justiça. Aqui se curam os enfermos. Aqui se guarda e distribui todo o mantimento dos soldados. Daqui finalmente saem para os assaltos, tornando a demandar o mesmo lugar. Fortifica-se este porto com cavas trincheiras e plataformas nos passos de mais importância, nos quais se assentaram algumas peças de uma nau, que escapou das mãos dos inimigos.

Aplicaram-se logo aos alardes seiscentos soldados, determinados de apagarem com sangue holandês a nódoa das injúrias passadas, e se dividiram com seus capitães nos lugares apontados e mais acomodados para o intento.

Puseram-se em todos os caminhos postas, por tal ordem que do que a primeira desse fé o soubessem facilmente as outras, e avisassem aos capitães subordinados, e ultimamente ao maior de todos.

Eram os capitães vinte e sete, e as companhias de vinte e cinco até quarenta soldados, porque a multidão, em matos e caminhos estreitos, não impedisse<sup>35</sup> ou dificultasse a peleja. Entre todos os capitães só dois eram os principais, a que obedeciam todos os outros, um dos quais tinha à sua conta a porta de S. Bento e o outro a do Carmo.

Para sustentar toda essa gente era necessários grandes gastos, e para eles estava a Fazenda Real nesta capitania impossibilitada; porém, Sua Senhoria deu traça com que houve todo o necessário, obrigando-se a si e a sua renda, por maneira que não faltou nada.

Repartidos os capitães e soldados pela dita ordem, o primeiro encontro, em que deram a conhecer sua apostada determinação ao inimigo, foi que, vindo do porto de S. Filipe, visinho a Nossa Senhora do Monserrate, o seu coronel ou governador, homem intrépido e afamado em uma e outra guerra, naval e campal, assim em Flandres como nas armadas, acompanhados de cem soldados de guarda, rebentaram os nossos de uma emboscada contra eles, e um remeteu com o governador, que vinha a cavalo, e o derrubou. Tanto que este caiu, caiu com ele o ânimo aos pés dos soldados que o acompanhavam, como bem se viu no efeito, porque faltando-lhes às mãos para resistirem, só nos pés lhe sobejou para fugir. Vendo isto os que estavam dentro, dali em diante não saíram como dantes, poucos com poucas armas, mas muitos e bem armados, e sempre em ordem de guerra, com o que tanto e maior gosto davam aos nossos quanto melhor era a ocasião de empregarem suas forças e desejos; e assim estavam alerta e, tanto que os acolhiam fora, invocando o nome de Jesus davam neles, ao princípio com flechas e pelouros, e depois lhe faziam conhecer e sentir o ferro português, se antes de chegar a este ponto, como muitas vezes acontecia, não tinham por mais barato voltar, pois o esperar lhe custava tão caro.

Além destes soldados e capitães havia outros, no recôncavo da cidade, que estavam prestes a socorrer a qualquer necessidade, e divididos pelos portos donde os inimigos podiam sair, em tal ordem que, em qualquer parte que desembarcavam, já os nossos eram com eles, e por boas-vindas os recebiam com uma salva de arcabuzes e frecharia, com que lhe impediam o passo ou lhe tiravam as vidas.

---

<sup>35</sup> Página 91 da Carta Anua.



Tinham eles saído da ilha de Itaparica, fronteira à Bahia, e aqui, levados de furor herético, dera muitos golpes numa cruz que à porta de uma ermida estava arvorada. Tornando poucos dias depois, os nossos, como era de costume, os esperaram, e, encontrado com ele ao saltar em terra, a cruz, que antes estendia os braços de leste a oeste, se foi torcendo do meio para o cima, ficando o pé imóvel, até que os braços se puseram de norte a sul, abertos para os que pelejavam. Parece dava mostras de que os ajudava a vingar suas injúrias. E, se bem experimentaram os nossos este favor, melhor o sentiram os inimigos, porque, ficando quase todos mortos, deixaram um batel e uma lancha com três roqueiras, e a nau em que vinha logo deu volta, temendo que chegasse ao mar a morte quem em favor dos nossos triunfava em terra.

É<sup>36</sup> esta cruz santa agora mui venerada e celebrada dos moradores, porque, além do primeiro milagre, obra Deus de presente muitos outros por seu nome e por seu meio.

Não foi bastante esta ruim aventura do inimigo para se não aventurar outra vez na mesma ilha. Porém, se da primeira lhe foi mal, não saiu bem da segunda, e indo pois um patacho para fazer carnes, investiram-no da nossa parte alguns frecheiros, e com machados o começaram a abrir, metendo-se lhe debaixo da artilharia, aonde nem esta nem alguma outra arma podia ofender, porque estavam continuamente com a frecha no arco e os olhos no bordo, para que, em chegando algum a ele, antes que fizesse dano o recebesse. Mas, como sobreviesse ao Holandês socorro,, e o que os outros esperavam faltasse, foi necessário largar a presa; levaram, porém, uma lancha com duas roqueiras, ficando o navio e alguns deles maltratados.

Saíram mais os inimigos em bom número a Sapetiba, légua e meia da cidade, a roubar uma fazenda que está naquele porto, e provavelmente houveram de tomar o senhor dela, pó ser mui velho e entrevado. Mas neste perigo uma filha sua, a quem a piedade deu ânimo de Enéias, o tomou às costas e o pôs em salvo. Entraram os holandeses nesta fazenda e a roubaram, porque a nossa gente os aguardava noutra parte mui distante, e não pôde logo acudir; acudiram, porém, alguns que lhe fizeram rosto até que lhe chegou socorro e, ainda que tarde, não deixaram de matar perto de vinte.

Ajudavam muito, para os nosso saberem as saídas dos inimigos, três portugueses que o sr. bispo trazia na cidade, um deles bem exercitado na língua holandesa, os quais,

---

<sup>36</sup> Página 92 da Carta Anua.

com passaporte que tinham do Holandês, entravam e saíam livremente; mas, sendo-lhes achada uma carta em que Sua Senhoria mandava perdão aos rebeldes que se quisessem sair, depois de mortos na cidade os penduraram a S. Bento em uma picota por cadeias de ferro, e em cima a sentença escrita em pergaminho, a qual dizia: “Que condenavam à morte, a Manuel Gonçalo de Almeida e Francisco de Figueiredo, por serem tredos ao Conde Maurício, e com seu passaporte entrarem e saírem da cidade a tratar negócios dos Portugueses”. Mas não se passaram muitos dias, sem que pagassem as vidas destes três com morte de quatro, em Tapagibe um, e junto à porta de Santa Luzia, da parte de S. Bento, três que estavam de guarda com alguns escravos; e daí a pouco tiveram o seguinte castigo, mais severo, de nossas armas.

Saíram a Vila Velha mais de duzentos, fora grande número de negros. Encontraram-se com uma bandeira nossa e, posto que muito desigual em número e armas, no que estas faltaram supria o ânimo e esforço português, que venciam todas as desigualdades, ainda que com muito risco; porém, mandando aviso com toda a pressa, foram socorridos de mais três capitães, e, como a diligência na guerra é tudo para com efeito se alcançar vitória, havendo aquela, não podia faltar esta, como não faltou, porque se houveram de maneira que, ficando no campo quarenta e cinco, e um sargento preso, puseram os mais em fugida com morte de um só da nossa parte.

Foi<sup>37</sup> esta vitória tão célebre, e acobardou tanto os contrários, que a todos os nossos alegrou e animou grandemente, e em particular a Sua Senhoria, o qual, além de fazer muitos mimos e honras aos que nela pelejaram, em especial armou cavaleiros a alguns, com as solenidades que as leis militares requerem.

Tanto que se assentou arraial, nele assistiram sempre os nossos padres, dois e quatro às vezes, pregando, confessando, exortando e animando a gente, no que colheram grande fruto, não só do esforço dos soldados, mas também de muitas confissões, umas gerais, outras de muitos anos, outras de muita importância, desarraigando ódios, torpezas e outros muitos pecados.

Enquanto uns faziam isto no arraial, andavam outros em missão pelo recôncavo, fazendo o mesmo fruto com grande consolação da gente. Em particular da mais miserável e desamparada.

---

<sup>37</sup> Página 93 da Carta Anua.

Estas vitórias tinham os nossos alcançado do inimigo, quando chegou ao arraial Francisco Nunes Marinho de Eça, fidalgo de grande entendimento, zelo do serviço de Deus e de El-Rei, e experiência na guerra, no qual proveu o sr. governador Matias de Albuquerque o ofício de capitão-mor da Bahia.

Entregou-lho logo em chegada o sr. bispo, largando-o com tanta vontade no tempo já mais próspero com quanta o aceitar no mais adverso e trabalhoso; varão verdadeiramente de coração generoso e ânimo igual em tudo; pois, em tempo que pudera buscar a quietação que o estado e a inclinação lhe pedia, tomou uma resolução tão pesada para a sua pessoa, e tão proveitosa para todo o Estado, levado somente do zelo do bem comum e da glória de Deus.

É bem verdade que determinou Sua Senhoria, vendo as coisas desta Bahia em tão ruim estado, retirar-se à cidade de Sergipe, distante daqui dez léguas, para, com mais quietação, em companhia dos seus cônegos e clérigos, governar suas ovelhas. Mas, dizendo-lhe os nossos padres que, se Sua Senhoria se ausentava, destruiria o inimigo esta capitania em tal grau que nunca, ou com muita dificuldade, se restaurasse, mudou de parecer e, aparelhando-se como quem ia morrer, fazendo testamento e tudo o mais que para isso era necessário, voltou sobre a cidade, como fica dito. E assim a ele se deve, depois de Deus, o conservar das fazendas; a ele, o apertar e intimidar os inimigos, sendo a uns freio para não conseguirem e a outros espora para o perseguirem.

Gastava ainda o pouco que tinha em premiar os esforçados. A tudo acudia, sempre em pé e incansável; a uns animava, com outros chorava, e a todos mostrava grandes entranhas e excesso de amor, com palavras que significavam bem os intentos santos que tinha, e, como tais, foram sempre mui favorecidos de Deus. Bem claro se viu isto nos evidentes perigos em que nossos se acharam, matando e ferindo muitos contrários sem dano algum seu; e aconteceu muitas vezes darem os pelouros neles desarmados, e caírem-lhes aos pés, como se os peitos de carne, em que davam, fossem de aço ou diamante, o que tudo procedia dos merecimentos do seu bom capitão e santo prelado, porque, enquanto eles com armas combatiam o inimigo, ele dizia missa todos os dias<sup>38</sup> e, em oração, como outro Moisés, com lágrimas e suspiros lhes negociava o favor do céu para alcançarem vitórias quase milagrosas. Mas, como Deus nos quis ainda

---

<sup>38</sup> Página 94 da Carta Anua.

castigar a nós e premiá-lo a ele, foi servido de o levar para si em 8 de outubro de 1624, poucos dias depois de largar o cargo.

Caiu o bom pastor D. Marcos Teixeira em cama, mais de cansaço e trabalho do que doença. Nela esteve oito dias, e em breve foi gozar da coroa, que em menos de seis meses mereceu fosse tão acabada e perfeita como as são as dos outros grandes no céu. Deixou todos os seus súditos tão saudosos que se não sabiam falar nem lembrar senão de suas virtudes, de suas palavras tão santas, e lágrimas tão contínuas, e de sua vida em tudo tão exemplar, trazendo à memória o muito que padeceu; e, enternecendo-se agora mais do que quando o viam pelos matos sem comer, sem beber, vestido de burel, com a barba crescida e com as armas às costas, diziam, levados do grande sentimento, que mais os castigara Deus com a morte do seu prelado que com a tomada da cidade. E com muita razão, pois esta se restauraria, como restaurou, e aquela não poderia jamais ter remédio.

Os índios das nossas aldeias, em particular, choravam mais sua morte, porque de todos ele era pai, defensor e protetor. Nós os da Companhia tivemos razão de a sentir, como sentimos mais que todos, pois na paz e na guerra se ajudou de nós amorosamente, com benévola e íntima afeição, e nós o servimos e acompanhamos até a morte, como tínhamos de obrigação.

Vendo-se os soldado sem tal capitão, não ficaram desanimados, antes mais confiados, esperando lhes alcançasse o defunto, de Deus no céu, maiores vitórias que as que ele houvera vivendo na terra. Nem se enganaram, porque dali por diante tiveram sempre nos mesmos perigos o mesmo sucesso. Estavam acima da Fonte Nova, emboscados numa ilha bem ao revés do que cuidaram; porque, além de morrerem alguns, foi necessário a muitos largar as armas, para tomar às costas os que de malferidos não podiam fugir.

Com esta ocasião mandaram logo muitos negros roçar aquele mato, e, em defesa deles, muitos mais mosqueteiros. Tiveram os nossos disto notícia, e, sem serem vistos, esperaram boa conjunção de os acometer, mas, como pegasse fogo a um arcabus antes do tempo, foi sentida a descoberta a cilada. Contudo, ainda que os inimigos os não via, porque não cuidasse que era falta de ânimo a retirada daquele passo, arremetem com os roçadores e a sua guarda, e aqui se viram juntas, o que raramente sucede, temeridade e boa ventura. Chegaram os portugueses em seguimentos dos holandeses que fugiam, e,

sendo assim que estavam as trincheiras cobertas de defensores e das roqueiras chovia<sup>39</sup> o ferro em abundância, brigaram com o peito descoberto bom espaço de tempo, ficando ferido só um, que já tinha morto dois.

Com estes e outros favorecidos da fortuna, e com o aplauso universal de todos, se foram animando todos os nossos que de todos vieram a desprezar os inimigos, matando e cativando fora de S. Bento alguns holandeses de negros de Guiné. A um destes, depois de ter as mãos cortadas, mandaram à cidade com um escrito ao pescoço, em que desafiavam o inimigo dizendo que, se queriam provar as forças, eles esperavam em campo descoberto, fora de matos e emboscadas. Aceitou o Holandês e, ao seguinte dia, vieram a S. Pedro, fora da cidade, co esquadrão formado, pouco ou mais ou menos quatrocentos soldados escolhidos e armados, para o desafio. Saíram-lhe os nossos intrepidamente, e, na verdade, vendo-se tão poucos em número e tão inferiores nas armas, se resolveram a que estavam num de dois extremos mui perigosos, ou de largar a vida pelejando, ou depor a honra fugindo. E, posto neste aperto, como se foram portugueses antigos, co extraordinário brio acharam que lhes era mais sofrível perder a vida que pôr em risco a honra. Como esta determinação investiram à porfia ao inimigo, e com uma força tão impetuosa que a não puderam sofrer os holandeses, nem se atreveram a sustentar o campo, e logo viraram a costas; para que se entenda e veja bem que o tomarem uma vez a cidade foi mais fraqueza nossa, causada de pecados, que esforço seu, pois os que então uma vez, sem pelejar, lhes fugiram, agora, tantas vezes os faziam fugir pelejando.

Considerando, pois, os inimigos o ruim sucesso que por esta via vinham, mudaram as saídas, mas nem por isso mudaram a ventura. Levaram uma nau com um patacho e lanchas ao Caramuru, e aí, no engenho do Colégio, tomaram algum gado; mas não tomaram muitos mercadores, porque, saindo três ou quatro índios a um batel seu, por sete bois que levavam mataram sete holandeses. Também entraram de paz na vila de Cairu, para contratar com os moradores, mas responderam-lhe que nem queriam nem podiam ser tredos; porém, se quisessem por força fazer o contrato, que seria de pólvora e pelouro.

---

<sup>39</sup> Página 95 da Carta Anua.

Na boca de Matoim, rio do recôncavo da Bahia, acometeram um engenho, com naus e lanchas; acudiram-lhe os nossos e, depois de uma travada e porfiada briga, se recolheram os holandeses com alguns mortos e muitos feridos, e os portugueses todos vivos e sãos. Com o mesmo dano foram rebatidos da entrada de outros dois engenhos, um rio de Iaguaripe, outro na ilha de Frades.

Costumavam eles ter junto ao Forte de Tapagipe, que está uma légua da cidade, uma lancha sobre fateixa, em que se serviram de ir e vir da mesma cidade; cuidavam que estava bem segura, por lhe ficar à porta da fortaleza e nas bocas das bombardas; mas não bastou isso para livrarem de um soldado nosso, o qual a nado o tomou, com duas roqueiras e um barril de pólvora, e, só, a trouxe ao seu capitão, escapando venturosamente dos pelouros, que enquanto o puderam alcançar o perseguiram.

Tanto<sup>40</sup> que nossos viram que eles, forçados da falta da lancha, haviam de vir à cidade por terra, foram esperá-los ao caminho, para lhes fazerem o serviço que costumavam. Porém, eles, que os não temiam menos do que os nossos o pretendiam, engenharam uma jangada em que mandaram dois homens. Contra esta saiu logo outra da nossa parte, com outros dois, mas não teve feito, porque antes de ela chegar, chegou uma lancha sua, a qual, para a tirar do nosso poder, não bastou para a livrar do fogo, porque a seguinte noite, querendo-o os nossos levar, e não podendo por razão da cadeia, a queimaram debaixo das peças do inimigo valorosamente.

Todas estas vitórias sucederam governando Francisco Nunes Marinho de Eça. Para lhe suceder no cargo, chegou nestes comenos, mandado por El-rei, D. Francisco de Moura, fidalgo bem conhecido na guerra e na paz, na Índia e no Cabo Verde; nos sucessos do seu tempo veremos logo a sua boa fortuna. Não houve no ânimo dos nossos mudanças com as dos capitães, antes, com a mesma porfiada continuação, foram sempre avante.

Entre as embarcações com que o inimigo saía pelo recôncavo, a melhor, em ligeireza de remo e concerto de falcões, era um bergantim que fora do sr. governador Diogo de Mendonça Furtado. Por ser tal se determinou um nosso capitão a lho tirar das mãos, e, tendo já de dia marcado o lugar em que entre as naus estava, no meio do silêncio da noite toma a espada da boca, vai-se nadando a ele e, não sentindo gente,

---

<sup>40</sup> Página 96 da Carta Anua.

torna a chamar quatro soldados de esforço, que para o efeito o trouxera. Começaram então todos a levá-lo à sirga e, depois que se viram afastados, saltaram dentro com as espadas empunhadas, mas, faltando em que as empregar, em lugar delas empunharam os remos e trazem o bergantim a um porto nosso. Esta foi a primeira embarcação com que os nossos saíram a receber a armada, apregoando as vitórias passadas e prognosticando as futuras.

Entre estas, não foi de menor louvor a que alcançaram ao Carmo, depois da vinda do novo capitão-mor. Alguns dos nossos encontraram-se com os holandeses e, por causa da muita água, cessou o fogo, não tiveram os arcabuzes lugar, e houve de vir o negócio à espada, ficando de cima, como sempre, a portuguesa, cerrando com os inimigos, matando-os e ferindo-os à vontade. Não ousaram eles resistir a pé quedo, mas, pelo terem mui ligeiro, escaparam alguns, indo muitos malferidos e ficando muitos mortos. Da nossa parte só caiu um, e não erram os que dizem que foi morto pelos nossos, por andar muito metido pelos holandeses, e cuidaram que era deles. Ficou no campo grande número de armas, de que os nossos se aproveitaram igualmente e se honraram. Com estas perdas e desgraças ficou o inimigo oprimido, e tão receoso de ter sempre adiante e pior sorte que mandou lançar bando que ninguém pusesse mais pés fora da cidade; e assim, com duas penas de morte, ambas certas, os ameaçavam de dentro de suas justiças e de fora nossas armas, e os tinham como uma estreita prisão dentro dos limites da cidade.

Mudaram-se<sup>41</sup> os capitães no arraial, mudaram-se também os nossos padres, porque se revezavam, forçados das enfermidades e que caíram por razão do trabalho intolerável que estavam padecendo estando nele; porque dormiam em casas de palhas; as camas eram redes, com pouco fato ou nenhum, para se abrigarem do frio da noite, que no Brasil é mui nocivo; os comeres eram poucos, fracos e ruins; e finalmente padeciam tanto que parecia milagre poderem aturar a pregar e confessar, como faziam com igual admiração e edificação de todos. Principalmente na Quaresma se aplicavam mais, e, pelo tempo ser mais santo, acrescentaram ladainhas, procissões e mais pregações, e fizeram celebrar os ofícios da Semana Santa, desencerrando o Santíssimo Sacramento, assim e da maneira que o fizeram se estiveram na cidade, coisa que

---

<sup>41</sup> Página 97 da Carta Anua.

consolou muito e animou os verdadeiros católicos, que, vendo que os hereges inficionavam a cidade com suas abominações e ritos heréticos, nós em procissões, orações e ofícios santos santificávamos os matos, com o que Deus era mui servido e honrado.

Neste lugar parece que convém ponderar algumas circunstâncias mais particulares, que realçaram as vitórias passadas e as fizeram mais admiráveis e dignas de memória, porque tanto mais de admirar e estimar é o valor e ânimo destes soldados portugueses quanto maiores foram as incomodidades que, no necessário para a vida e para a guerra, igualmente padeceram. Vigiavam todas as noites sem cessar, passavam os dias sem descansar, tinha por casa o céu e a terra por cama, expostos ao frio e à calma, padecendo muitas fomes e sedes. Muitas vezes, particularmente ao princípio, se sustentavam só de farinha de guerra, sem mais do que uma pouca de água, e isto ainda de quando em quando lhe faltava. As folhas das árvores lhe serviam de pratos para comer e de púcaros para beber. Menos sentiam porém esta falta que a de armas e munições, a qual era tanta que o soldado, que disparava o segundo tiro, não tinha com que atirar o terceiro; e não poucas vezes aconteceu levarem o arcabuz ao rosto em vão, para não mostrarem ao inimigo sua pobreza, que não chegou haver em todo arraial mais que um barril mui pequeno de pólvora, com o qual se sustentou o capitão Francisco Nunes Marinho muitos dias, pregoando fingidamente que havia muita pólvora nuns barris, que em casa tinha cheio de areia, a fim de o inimigo cuidar que estávamos bem providos; e os nossos matavam uns holandeses, para poder matar outros, servindo-se da pólvora que tomavam os primeiros para atingir aos segundos. E, com ser tão grande esta falta, nunca nos nossos faltou o ânimo, de sorte que, fossem os holandeses poucos ou muitos, sem armas ou bem-armados, quando saíam da cidade sempre tornavam menos e menos contentes. Finalmente tão bem se houveram que parece refizeram a quebra passada, em que incorreram quando largaram a cidades aos holandeses. É certo que folgara eu muito de aqui os nomear a todos os que o fizeram esforçadamente, dando a cada um o louvor devido, mas, porque não sei a inteireza do que todos fizeram, nem também é do meu intento, por isso o não faço.



Não ficaram<sup>42</sup> aquém nesta empresa os índios frecheiros das nossas aldeias; antes eram a principal parte do nosso exército, e que mais horror metia aos inimigos, porque, quando estes saíam e andavam pelos caminhos mais armados e ordenados em suas companhias, estando o sol claro e o céu sereno, viam subitamente sobre si uma nuvem chovendo frechas, que os trespassavam e, como lhes faltava o ânimo do outro Espartano (que disse pelejaria mais a seu gosto quando as setas do Persa fossem tão espessas que, cobrindo o sol, lhe fizessem sombra), não se atreviam a resistir, porque enquanto eles preparavam um tiro de arcabuz ou mosquete, já tinham no copo despedidas do arco duas frechas, sem outro remédio senão o que davam os pés, virando as costas; mas nem este lhe valia, porque, se eles corriam, as frechas voavam e, descendo como aves de rapina, faziam boa presa; e ainda que não matavam algumas vezes de todo, todavia, com muitas eram ervadas, ai o veneno lavrando por dentro até certo termo, em que lhes dava o último da vida.

Entre estes índios se avantajaram uns na destreza de atirar, outros no ânimo de acometer, mas em geral se experimentou em todos os desta capitania grande ódio ao contrário e maior fidelidade aos nossos, porque, sendo assim que muitos negros de Guiné, e ainda alguns brancos, se meteram com os holandeses, nenhum índio houve que travasse amizade com eles, o que foi muito particular e especial mercê de Deus, e indústria também dos nossos padres, os quais sempre, e agora mais que nunca e com mais eficácia, os instruíam na fé, intimidando-lhes o amor que deviam ter a Cristo, e lealdade a Sua Majestade; grande bem espiritual e não menor temporal para os moradores deste Brasil, porque sem índios não podem viver, nem conservar-se, como todos confessam.

Tornemos aos inimigos, os quais, enquanto presos e encerrados na cidade, não estavam ociosos, porque, entendendo que havíamos de ser socorridos com a armada de Portugal, todo o seu cuidado era fortificar-se quando mais podiam contra ela. Para reforçar os muros da cidade e das suas portas que estavam fracos, levantaram uns montes de terra, tão altos que mais pareciam criados com poder da natureza que levantados à força de braços, e a mesma terra que tiveram abria uma cova, tão profunda quanto era a altura dos baluartes. Fizeram sobressair por cima umas pontas de paus, tão

---

<sup>42</sup> Página 98 da Carta Anua.

agudas e unidas sobre si que dificultavam notavelmente a subida se alguém a intentasse. Pelas quebradas dos três montes, que dissemos cingiam a cidade, represaram as correntes de algumas fontes, e fizeram um tanque, tão largo e alto quanto bastou para impedir a passagem a qualquer força ordinária. Levantaram o forte da praia que estava imperfeito. Por toda a cidade em roda assentaram artilharia nos portos e postos mais importantes. E, porque lhes não faltasse coisa alguma, com que pudessem impedir-nos a entrada na cidade, semearam ao redor dela, e dentro, nas bocas das ruas, uns estepes de ferro, feitos por tal arte que, de qualquer<sup>43</sup> parte que caíam, assentavam três pontas no chão ficando outra para cima, e estes em tal distância uns dos outros que, caminhando, ainda em boa paz, não bastava qualquer tento para assentar o pé em salvo, e, errando o passo, ficava um homem preso e enredado sem remédio.

À vista destas prevenções crescia muito, em todos os nossos, o desejo de ver já o socorro que esperavam. Nas aldeias, onde estávamos os da Companhia, além das orações e penitências que se acrescentavam, todas as sextas-feiras e sábados se fazia uma procissão com ladainhas cantadas, pedindo misericórdia a Deus, até que o mesmo Senhor, no dia da Redenção do Mundo, nos quis mostrar a nossa, antecipando-nos as aleluias com a primeira vista da nossa armada, a qual, dia de Páscoa da Ressurreição, primeiro de abril de 1625, amanheceu toda dentro na baía, posta em ala, para que as velas inimigas que no porto estavam não pudessem sair, nem escapar.

Vinham todas juntas as armadas, a de Espanha, a de Portugal, a de Real de Castela, a do Estreito, e a capitania, de Nápoles, com outros galeões e navios; por todas eram sessenta velas, pouco mais ou menos. Por generalíssimo de todas estas armadas vinha o Sr. D. Fradique de Toledo, general da Real de Castela, e bem afamado pelos anos que há é general, e pelas vitórias que houve ainda contra os mesmos holandeses; esta armada foi a mais poderosa que até agora passou a linha, e nela pudera vir a pessoa real, conforme a fidalguia que de Portugal vinha.

Começou a desembarcar gente em terra sem resistência, porque os nossos de cá tinham tudo por seu, até a cidade, que, a não ser assim, havia de custar as vidas de muitos o desembarcar. Mas esta facilidade e segurança foi causa da desgraça que direi.

---

<sup>43</sup> Página 99 da Carta Anua.

Os que vinham da armada, vendo que eram tantos mil, e que quatro homens tinham em tanto aperto o Holandês, fizeram pouco caso dele, não advertindo que o inimigo quanto mais desprezado mais ousado, e assim se começaram a alojar nas casas de S. Bento, desarmados e como quem estava em sua casa, descansando do trabalho que tiveram em andar uma légua de caminho até àquele posto.

Vendo os da cidade o inimigo, botaram uma manga de duzentos ou trezentos arcabuzeiros, que de repente os acometeram, estando descuidados de tal ousadia; saiu logo cada um com as armas que a pressa lhe ofereceu, e investiram os mais piques. Os inimigos, disparando os arcabuzes, se iam retirando para a porta da cidade, e os nossos seguindo-os; mas, tanto que os descobriu a artilharia da porta, recolhendo-se em salvo os holandeses, deram fogo miúdo, fizeram grande estrago em muitos soldados e alguns fidalgos castelhanos de muita importância e valor na guerra. Entre estes, o mais ilustre foi um espanhol, mestre de campo, chamado D. Pedro Osório, o qual, fazendo uma confissão geral com um dos nossos padres, foi tão venturoso que, sendo absoluto, foi imediatamente morto no mesmo conflito. Parece que Deus o quis salvar, em<sup>44</sup> lhe trazer o padre naquela ocasião, sendo que o chamavam para outra parte e ele se escusou, com intento de concluir aquela confissão.

Desembarcados que foram todos, dividiram-se, juntamente como os soldados da terra, nos três montes, onde se recolheram uns em algumas casas que havia, outros em barracas de palha.

Aqui trabalharam todos, e foram levantando trincheiras de terra e fachina, servindo na obra, além da soldadesca ordinária, os melhores do campo; entre estes se assinalaram muitos fidalgos portugueses, que na armada vinham, particularmente os que vinham por soldados ordinários, que então resplandecia mais neles a nobreza quando, carregados com os feixes de rama ou cestos de terra, andavam servindo entre os plebeus pela glória e honra de seu Deus e rei. Verdadeiramente que nos alegramos, e todos nos enterneçamos, de ver os condes e os senhores titulares feitos mariolas nesta empresa gloriosa, como se foram daquele primeiro Portugal o velho. Não nomeio aqui a todos, dando a cada um os grandes louvores que merece, porque nem posso, nem também

---

<sup>44</sup> Página 100 da Carta Ânua.

pertence ao meu intento, além de que cada um deles merece por si só uma religião inteira.

Esta alegria nos aguava o muito dano que os inimigos nos faziam, não cessando todo o dia e toda a noite de jogar a artilharia, com a qual faziam pontaria aos nossos, por andarem muito amontoados e em montes altos e descobertos. Sobretudo, nos maguou a morte do morgado Martim Afonso de Oliveira, fidalgo tão ilustre, esforçado, conhecido, benquisto; tratou-o tão mal uma bala que, em espaço de três ou dois dias, concluiu a vida. Mas consolou-nos que recebeu todos os Sacramentos, e morreu verdadeiro cristão, como sempre foi.

No mesmo tempo quase, botou o inimigo uma noite duas naus abrasadas em fogo, para que, levadas da maré, dessem pelas nossas e, ateando-se em uma, fosse o fogo saltando às outras de desbaratasse a todas; mas, como estavam prevenidas e preparadas, escaparam largando velas, amarras e âncoras, ainda que com grande perigo das mais vizinhas, das quais livrou Deus uma ou duas milagrosamente.

Por esta ocasião temeram os nossos que, desesperados os holandeses de se poderem defender, intentassem acolher-se nas suas naus, porque, ainda que as nossas tinham bem tomada a barra, com facilidade, particularmente na revolta da noite, podia escapar alguma. Pelo que, chegando mais as nossas às inimigas, e ajudadas também da nossa artilharia de terra, desaparelharam a umas mastros e enxárcias e meteram no fundo outras, por maneira que todas ficaram mancas para navegar.

Impossibilitada ao inimigo esta fuga, estavam já as trincheiras e plataformas levantadas. Plantaram nelas a artilharia, e aos 16 pouco mais ou menos da chagada, que foram tantos outros de abril, começou a bateria formada e mui furiosa a varejar de todas as partes da cidade, derrubando grande parte do muro e muitas casas, que com sua ruína davam a morte a muitos; porque, quantas<sup>45</sup> pedras se batiam e caíam, tantas balas se despediam, as quais não eram de menos efeito que as de ferro, se acertavam. Respondiam-lhe os de dentro com animosa continuação, assestando umas peças com pontaria contra os combatentes e atirando com outras a montão, que, como era muita a gente, não matavam menos que as primeiras, nem lhes desacordava os ânimos a destruição de seus anteparos e baluartes, porque punham tanta diligência em os refazer

---

<sup>45</sup> Página 101 da Carta Ânua.

que, quanto anoitecia derrubado com a bateria do dia, tanto amanhecia ao seguinte reedificado com o trabalho da noite, e não só renovavam o caído, mas faziam mais e novas trincheiras por dentro, que atravessavam as ruas, abocando nelas peças para fora. Mas em tudo trabalhavam debalde, porque a nossa artilharia eram meios canhões, mui reforçados, que com muita facilidade quebravam e arrasavam tudo, e a seu ímpeto não havia força que resistisse, nem reparo que parasse.

Prosseguindo sem descansar o combate, à sombra da artilharia se iam os nossos chegando com trincheiras, para serviço das quais faziam primeiro cavas na terra, por onde pudessem caminhar sem o inimigo dar fé deles, porque o mesmo eram serem vistos dos olhos que pescados dos pelouros. Por momentos se viam cada vez mais apertados, porém maior aperto era o em que os punha a destreza dos nossos bombardeios, que, embocando umas balas pela artilharia deles e outras pelas ruas, com as primeiras descavalgavam as peças, manando os que as governavam, com as segundas levavam quanto havia diante, exercitando grande mortandade e carniçaria cruel.

Passados doze ou treze dias de bateria, vendo o Holandês por terra toda a sua artilharia, e os mais dos artilheiros mortos, em quem principalmente confiava, e que estavam já quase abarbadadas as nossas trincheiras com as suas, considerando como o resistir lhe custava tanto e rendia tão pouco, e que, se quisesse se sustentar o cerco, se arriscava a serem metidos à espada e acabarem miseravelmente todos, houveram por bem render-se e vir a concertos. Pelo que, depois de várias propostas e réplicas de parte a parte, se assentou que entregariam a cidade com todo o recheio e os rebeldes, e que em suas pessoas e no que sobre ti tivessem se não buliria; e que para tornarem às suas terras lhe dariam embarcação, algumas armas e mantimentos, pagando ele holandeses tudo pelo seu justo preço.

Determinadas as coisas nesta forma, dia de S. Filipe e Sant'Iago, que foi o primeiro de maio de 1625, entraram os nossos a tomar posse da cidade, e, abatida a bandeira holandesa, se arvorou a de Portugal e Castela. Gratificou-se a Deus Nosso Senhor o bom sucesso de tão importante empresa, desencerrando-se na Sé e no nosso Colégio o Santíssimo Sacramento, com pregações em ambas as igrejas, e sessão solene, a que se acharam presentes todos os generais, capitães, senhores, fidalgos e mais gente da armada. Na nossa igreja se concertou logo o sacrário, e nele se pôs o Santíssimo

Sacramento primeiro que nas outras igrejas, um ano depois de o tirarmos do mesmo lugar, quando, saindo da cidade, o levamos conosco.

Depois<sup>46</sup> de chegada a nossa armada, e sitiada por ela a cidade e porto da Baía, como era muita gente, eram necessários muitos padres, e assim se vieram, das aldeias do Espírito Santo e S. João, o padre reitor com onze sacerdotes de nossa Companhia, a uma quinta deste Colégio, meia légua da cidade, donde se dividiram e andaram no cerco os padres, repartidos pelas estâncias, exercitando muitas obras de piedade, administrando os Sacramentos de confessar, dizer missa e comungar, para ganharem o jubileu que Sua Santidade concedeu a todos os que se achassem neste cerco; a tudo acudiam com muito fervor e trabalho, e não menor perigo de vida, por serem as balas muitas e os reparos poucos. Muitas vezes escaparam milagrosamente dos pelouros grandes e pequenos que, ora zenindo-lhe pelas orelhas, ora caindo-lhe aos pés e nos lugares onde havia pouco tinham estado, mostravam bem a particular proteção com que Deus os guardava.

Os que ficaram nas aldeias não deixaram também de ajudar, trabalhando por terem o céu propício, com orações diante do Santíssimo Sacramento, que nesta ocasião tiveram lá desencerrado. Em especial nos edificaram muito os quatro padres portugueses que vieram na armada de Portugal, e depois espanhóis que vieram na de Castela, porque não só não faltaram um ponto da obrigação, que tinham, de verdadeiros filhos e obreiros da Companhia, mas trabalharam tanto que só o trabalho, com as incomodidades corporais e falta do necessário, bastara para lhes acabar a vida, se durara mais o cerco.

Bem prova isto que digo a morte gloriosa do nosso padre Antônio de Sousa, o qual (como nos escreveram) teve tão grande caridade para os muitos enfermos da sua nau que, de puro cansaço em lhes acudir e servir, expirou para gozar no céu da coroa, que cá e lá tão valorosamente mereceu.

Ao cerco da cidade vieram também, mandados pelos padres, todos os índios das nossas aldeias, e trabalharam sempre mui bem, assim como o fizeram e todo o tempo antecedente nos assaltos e no arraial. Mas, como todos eram e são poucos, e não passam muito de trezentos, não chegam a quatrocentos, entre a muita gente da armada, que

---

<sup>46</sup> Página 102 a Carta Anua.

cuidavam haviam de ter milhares deles para trabalharem no desembarcar o fato e puxar a artilharia, não apareciam nem avultavam muito. Até os escravos do Colégio, que, por estarem muito desbaratados, eram bem poucos, e, esses, necessários para o serviço e sustentação dos padres, trabalharam no que puderam, no que tivemos assaz de fadiga e opressão. Esta foi muito maior depois de entrados no Colégio, porque, como estava inficionado dos hereges, adoeceram os padres e irmãos quase todos, e, com as enfermidades e falta de bons comeres, padeciam tanto que os sãos cortavam as entranhas; até de quem os servisse havia falta, e de puro cansaço em os servir e lhes acudir adoeceu o enfermeiro e morreu, como fica dito.

Também os nossos capitães e oficiais da Fazenda Real, que no Colégio se achavam depois dos holandeses, nos deram bem enfadamento, por nos tomarem a metade do Colégio e nos meterem, aonde nós morávamos, guardas, com grande tumulto e inquietação.

Mas<sup>47</sup> fez-nos Deus mercê que, por bom modo, os fomos arrumando todos para uma parte do Colégio e, com paus de madeira postos nos corredores, nos separamos, de maneira que ficássemos com quietação e clausura religiosa acomodada ao tempo.

Aliviava-nos tudo a alegria, que tínhamos, de estar de posse da cidade e do Colégio, senão quando, a 26 de maio, chegaram trinta e três ou trinta e quatro velas holandesas, em socorro dos que já se tinham entregues. Demos graças a Deus pelas desviar e deter, de maneira que, se chegasse antes da nossa armada, então custara muito mais sangue a restauração da cidade, e nos alegramos muito, cuidando que nos acrescentasse Deus a mercê passada com nos dar segunda vitória no mar, depois da primeira que se houvera na terra; mas não mereceram nossos pecados tanto bem, porque, vindo entrando as naus inimigas, cuidando que a terra estava pelos seus, lhe saíram os mais dos galeões da nossa armada, à vista dos quais elas voltaram logo as costas e, indo-lhe já no alcance alguns dos nossos para os abalroarem, por receios que houve de darem nuns baixos, se deu sinal com uma peça a recolher, e, na verdade, um galeão nosso deu num baixo e esteve a risco de se perder; desgraça foi esta que muito sentimos e choramos, assim por razão do sucesso, como por haver de ficar ainda a costa infestada dos inimigos.

---

<sup>47</sup> Página 103 da Carta Ânua.

Ficou por isso esta Bahia oprimida com mil soldados de presídio e, para os sustentar, com tributo lançado sobre os moradores. Mas Deus Nosso Senhor nos fez mercê de lançar as trinta e três velas para as Antilhas, castigando-os lá como eles mereciam.

Contudo, ainda esta cidade padece muito, e tarde tornará ao antigo, por falta de navios e não acabar de vir o novo governador. Tudo causam pecados, que agora são mais que nunca.

Deste Colégio se faz o possível por os desterrar, com pregações, doutrinas, confissões e conselhos, e porque há entre os soldados alguns italianos se dedicou um padre italiano para lhes acudir às suas necessidades e para doutrinar e confessar, o que faz com muito fruto, e esperamos em Deus que se tire tanto, de todos os da terra, que se mude de vida e ponha o mesmo Senhor os olhos da sua misericórdia em nós.

### **Colégio do Rio de Janeiro**

Ainda que a tempestade da Bahia nela mesma quebrou toda a sua fúria, contudo, em tempo que a cabeça padecia tanto, não podiam os mais membros estar folgados.

Fortificaram-se<sup>48</sup> todos os lugares deste Estado, esperando pelo inimigo, o qual estava já senhor do principal, segundo as novas certas que corriam. Particularmente na cidade do Rio de Janeiro se pôs todo o cuidado, para não perder agora o bom nome e reputação que antigamente, e que há poucos anos, noutras ocasiões de guerra, alcançaram. A este fim determinou o sr. governador Martim de Sá fortificar em primeiro lugar o recebimento da praia, e para isso pediu aos nossos padres ajuda de índios. Foram chamados com toda brevidade, e com a mesma chegaram e se distribuíram pelos moradores, para que cada um com eles trabalhasse na parte que lhes coube.

Mandou o padre reitor em particular entrincheirar a testada do nosso Colégio e ajuntar grande número de arcos e flechas para, no conflito, acudir e prover os que estivessem faltos de armas. O mesmo cuidado houve da nossa parte em fazer ajuntar os índios para o edifício de uma fortaleza que, no mesmo tempo, se levantou na barra.

---

<sup>48</sup> Página 104 da Carta Ânua.



Gastaram-se nela alguns meses, e do Colégio se dava a maior parte dos mantimentos para os trabalhadores, até que de todo se acabou, e dizem que é a melhor ou das melhores do todo o Estado. Foi tal a obra que todos estimaram muito, e os da Câmara, com os mais principais da terra, e agradecem muitas vezes aos padres; e com razão, porque na verdade, ou se não houvera de fazer, ou ao menos não saíra tão boa e forte, se eles, além de trazer e sustentar os índios, não estiveram presentes, nem assistiram com suas pessoas em todo o tempo que nela se trabalhou.

Não foram estes padres, que então se acharam presentes, de muito empréstimo e proveito somente para aquela fábrica material, mas também, e muito mais, para o espiritual dos soldados, evitando, com sua presença, doutrina e bons conselhos, jogos mui ruins e contínuos juramentos, brigas e murmurações, e assim os preparavam melhor para a guerra que os capitães com as armas e exercícios militares.

Por momentos esperavam pelo inimigo, já repartidos em suas estâncias os nossos padres e soldados e índios, para o que se dispôs, não digo já a rebato, mas a um mínimo sinal, acudissem com suma diligência. E vendo-se todos os nossos padres tão de dentro nestas preparações para a guerra, e que de dois e dois tinham tomado a seu cargo todas as estâncias, animados com tais companheiros, não só se exortavam e provocavam uns aos outros com muito esforço, mas também com grande alegria, para quando chegassem as naus inimigas, e já não sabiam o dia nem a hora em que haviam de chegar.

Alguns sinais e rebates falsos se deram neste tempo, e foi muito para ver a diligência com que todos os padres dos Colégio, os homens e os índios de suas casas corriam, ou, para melhor dizer, voavam, e se punha cada um onde era seu lugar. Como esperavam cada dia pelos inimigos, e temiam todos o perigo em que se podiam ver, foi extraordinariamente a moção que houve nas pregações, doutrinas<sup>49</sup> e confissões, eu os da nossa Companhia faziam. Um havia cinco, outro, doze, outro, vinte e quatro ou mais anos, que encobriam pecados gravíssimos, com que o Demônio os trazia enlaçados.

Estes, movidos e guiados pelos nossos, se confessaram bem e inteiramente, e comungavam com tanta devoção e tais propósitos que se puseram e continuaram dali por diante no caminho da sua salvação.

---

<sup>49</sup> Página 105 da Carta Ânua.

Havia entre certos homens uma contenda de interesse grosso, e cegos com ele não podiam ver a verdade, que a todos persuade a união e amizade cristã, antes pertinazmente levavam adiante o negócio com maus intentos, sem dar orelhas nem às amoestações de uns, nem aos rogos de outros. Entrou com eles um nosso padre e, ainda que com trabalho, depois de lidar largo tempo, os concertou e pôs em paz.

Não foi menor serviço de Deus o que o outro dos nossos atalhou entre dois dos principais do governo; porque, travando-se sobre matérias de jurisdição, vieram a tanto rompimento que, ajuntando cada um da sua parte muita gente de armas, o menos que com fundamento se receava era a morte de um deles. Mas acudiu um nosso padre e, com muita edificação e consolação de todos os da terra, os aquietou e apaziguou.

Além destes socorros espirituais, em que a caridade dos nossos se empregou com os moradores, também, também lhes acudiu com todo o corporal que pôde nestes anos, porque, deixando as esmolas ordinárias, que fazem aos padres e necessitados terra, como por causa das guerras faltaram navios do reino, houve geral falta das coisas dele, à qual se acudiu da nossa parte com o que tínhamos, remediando a todos. E o mesmo fizeram aos soldados que vieram em socorro da Bahia um padre e um irmão que com eles vinham, mantendo os mais deles do necessário que para si traziam.

Nas aldeias a que pertencem a este Colégio, além do trabalho grande em ajuntar e mandar índios para a fortificação da cidade, tiveram os nossos outro muito maior, e foi que, sendo mandados os índios, homens de força, para a guerra, e por isso faltando nelas, ficaram os velhos, mulheres e crianças sem o necessário para passar a vida, que aqueles cada dia lhes buscavam e davam. Mas a caridade dos padres, ainda com padeceram muito, a todos remediou com a sua pobreza, tirando muitas vezes da boca para lhe dar o de que precisamente tinham a necessidade para sua sustentação. Particularmente na aldeia de S. Barnabé se serviu Deus de permitir muitos doentes, e a todos se acudiu com grande cuidado; e por vezes, não podendo eles de fraqueza levar o comer à boca, os ajudavam os nossos, servindo-os em tudo, em lugar dos parentes, que então por asco nada quizeram fazer, e muito menos o ofício de enfermeiros. Um destes, considerando, depois de são, o estado em que estivera, às portas da morte e já ungido, agradeceu muito aos padres o cuidado que puseram em o curar, estimando-o como coisa nova e que só a ele se fizera; mas mais novo foi nele o agradecimento, o qual, porque não fosse só palavra, pediu ao superior da Casa licença para, ele só, varrer a igreja

certos dias<sup>50</sup>, obra que fazia muito a ponto e com muita diligência, consolando os nossos e edificando os seus.

Ocupados em tão boas obras quatro dos nossos na aldeia de S. Barnabé, se serviu Deus de os tirar de um evidente perigo, que foi que, descendo do sertão grande multidão de goitacás, gente feroz e bárbara, que, sustentando-se de carne humana, sem perdoar ao seu próprio sangue, ainda os filhos sacrificam ao apetite da gula, vieram ter à nossa aldeia, que estava despovoada por causa dos rebates e se resistência alguma, nem defesa.

Não deixaram de temer os padres, mas, recorrendo com todo o coração a Deus, com esperança no mesmo Senhor tomaram ânimo, saíram ao encontro a estes bárbaros, convidaram-nos e receberam com muita festa; eles, vendo o som de guerra, se tornaram tão brandos que, de cruéis inimigos, ficaram amorosos e agradecidos. Por várias vezes foram ao mar pescar e ao mato caçar, e depois, do que trouxeram, deram aos padres com muito amor, coisa jamais neles vista. Destes ficaram na aldeia acima dita alguns, e se acomodam já a tratar e viver com os cristãos. Queira Deus abrir-lhes os olhos, para que conhecendo-O e buscando-O, se salvem.

### **Missão dos Patos**

Para a parte do sul, entre Rio de Janeiro e S. Vicente, correr um famoso rio, chamado vulgarmente laguna dos Patos. É cercado, de uma e outra ribeira, com terras tão férteis de trigo que ainda as arcas delas não têm inveja às melhores da Europa, e por suas praias e sertões tem espalhado muito gentio, dividido em aldeotas de duzentos até trezentos índios.

Para acudir ao desamparo destas pobres almas, partiram do Colégio do Rio dois padres, os quais, em certos sítios, distante das principais povoações trinta ou quarenta léguas, fizeram uma pequena casa, onde pudessem dizer missa e dali mais comodamente tratar com esta gente, a fim de os reduzir e ajuntar a todos num lugar, onde recebendo o Sagrado Batismo, vivessem cristãmente, porque é impossível fazerem-no estando tão divididos.

---

<sup>50</sup> Página 106 da Carta Ânua.

No ano de 1624 se partiram desta sua estância para a Alaguna, com determinação de os abalarem e trazerem consigo para aquela igreja, chegados à primeira daquelas aldeias, ainda que ao princípio se mostraram os índios mais duros e menos tratáveis, contudo, num dia solene, lhe fez um dos padres uma prática sobre a importância do Santo Batismo e do que para ele se requer, e mostrando-lhe também de uma parte as penas do Inferno, da outra os bens da Glória, e como depois da sua partida ficavam arriscados a, morrendo, perder estes a ser condenados àquelas, pois não teriam ordem nem ocasião de ser batizados, ainda que muito o quisessem.

Pôs Deus nestas palavras tal eficácia que, rendidos muitos, com grandes desejos no coração e lágrimas nos olhos, começaram a pedir que os fizessem cristãos, de modo que em oito dias foram suficientemente catequizados, e<sup>51</sup> receberam a água do Sagrado Batismo perto de duzentas almas, e tal afeição tomaram, depois de serem batizados, às coisas divinas que, morando muitos deles uma légua distante da igreja, continuaram com muito fervor a ouvir missa todos os dias santos, e ainda em tempo de grandes frios e chuvas, não obstante a declaração que se lhe fez de ficarem totalmente desobrigados.

Entre os convertidos, o mais assinalado foi um, no qual claramente se vê que tem Deus em Sua mão a chave dos corações dos homens, para os abrir e entrar neles quando é servido. Era este índio mui afamado por seu esforço, e o principal nos assaltos que todos os destas partes costumavam dar aos Guaianás, contrários seus, os quais correm por detrás das serras que cingem esta costa; e, quando menos se esperava, mudado totalmente, pediu, posto de joelhos, o Santo Batismo e, no mesmo tempo que o havia de receber, abominou publicamente todas as suas valentias passadas, prometendo de nunca mais tornar a elas, do que se espantaram muitos os outros, porque não podem jamais acabar consigo de fazer o mesmo.

A outra e maior dificuldade, que nestes contra a lei natural reina, é o haverem de deixar suas muitas mulheres que têm. Mas todos os que se batizaram repudiaram as que tinham, recebendo a primeira, segundo o uso da Santa Igreja Católica Romana. Onde se pode inferir que, assim como estes romperam por esta dificuldade, assim o vencerão outros, e que a pertinácia que se vê nuns não é impedimento à conversão dos outros, como bem se experimentou nesta ocasião, além de muitas em que, não se podendo

---

<sup>51</sup> Página 107 da Carta Ânua.

acabar com certo índio aceitasse o Batismo, dizendo queria comer mais, como se os batizados não comessem, sua mulher e filhos e toda mais a família, sem os nossos lhe falarem, o pediram com muita instância e foram batizados com grande alegria e consolação dos padres.

Com este fruto se partiram eles, deixando mui saldosos os índios já cristãos, os quais com lágrimas lhe pediram e instaram muito tornassem logo e os não deixassem de todo. De passagem entraram nas terras de um grande principal chamado Tubarão. Aqui receberam o Batismo vinte e sete, e muitos mais o fizeram, mas faltou o tempo para os catequisar, que era necessário para caminhar. Desceu também o mesmo Tubarão, a chamado dos padres, os quais lhe deram uma bateria para o converter, mas ele, endurecido, acudiu que o Batismo era para as crianças e que Deus não o criara para o Céu, mas para morador da Terra, em testemunho e prova da qual verdade o pusera nesta e não naquele. Parece que lhe tinha o Demônio metido na cabeça aquele versículo dos salmista mas mal entendido: *Coelum coeli Domino, terram autem dedit filiis Hominum*; e assim ficou pertinaz em seus ruins propósitos.

Nas mais aldeias por onde os dois padres passaram até chegar à última do Caibi, o seu cuidado principal era fazer a todos uma prática tocante a importância da salvação, e visitar logo os enfermos, provendo-os com o que podiam e sangrando-os<sup>52</sup>, se não havia outro sangrador, com suas próprias mãos, e quando estavam em perigo, depois de instruídos, os batizavam.

Chegados finalmente a esta última aldeia, começaram a tratar do seu intento principal, que era ajuntá-lo numa igreja, mas muitos deles estavam já embaidos, com os embustes de alguns portugueses de ruim consciência, a não quererem viver juntos, para que assim mais facilmente os possam levar e vender por cativos.

É muito grande dificuldade esta, nem é menor a que outro principal de muita gente põe a seus súditos porque é grande feiticeiro, e lhe tem dito o Demônio que, no ponto e tempo em que os nossos entrarem em suas terras, não terão efeito algum as suas partes. Este principal mandou vários recados aos padres que não passassem avante, nem fossem a suas terras, ao que os nossos responderam que haviam de pôr em execução os mandados de seus maiores, que eram de passarem adiante.

---

<sup>52</sup> Página 108 da Carta Anua.

Nestes termos estava o negócio da conversão até este tempo. Queira Deus por sua misericórdia que tenha bom sucesso, para que se abra por aqui a porta à salvação de inumeráveis almas, que vivem da outra banda do rio.

### **Capitania do Espírito Santo**

Também esta capitania do Espírito Santo sentiu o poder das armas holandesas, ainda que com melhor fortuna. Saíram da Bahia oito naus inimigas para o reino de Angola, com o intento de entrarem a cidade de Luanda, como tão importante para o comércio do Brasil, cuja cabeça estava já rendida. Mas não respondeu o sucesso ao sucesso ao desenho, porque, ainda que um mês inteiro trabalharam na empresa, como empresa, como ânimo dos moradores portugueses era grande e a vigilância igual, nunca lhes foi possível pôr pé em letra.

Voltando, depois, para a Bahia, antes de chegar a ela, cem léguas para o sul, entraram no porto do Espírito Santo a 12 de maio de 1625, assaz confiados que, por bom conserto ou ruim guerra, a vila se lhes entregaria, ou eles a responderiam, publicando por uma parte a altas vozes paz, e por outra, com o disparar das bombardas, ameaçando guerra. Não havia na povoação defesa de artilharia, pelo que, com mosquetes e frechas, se dividiu a gente pelas trincheiras, que fechavam as bocas das ruas nos passos mais necessários, esperando a determinação do inimigo, e foi esta que, por entre o fumo e perturbação dos tiros, aparelhavam sete lanchas, com o melhor dos soldados e ainda marinheiros, os quais, saindo das naus e saltando livremente em terra, começaram a marchar para a estância do capitão Francisco de Aguiar Coutinho, que também o era de vila e senhor dela. Estava aqui uma roqueira (que não havia outra na terra), e, tanto que foi vista dos inimigos, para evitarem o perigo, desfizeram as fileiras e, arrimando-se todos às paredes, continuaram a entrada. Vendo isto o animoso capitão, mandar pôr fogo à roqueira (o que não foi de balde), e logo sucessivamente salta fora das trincheiras, com alguns<sup>53</sup> poucos que o seguiram. Conjecturaram os holandeses que tanto ânimo vinha confiado em maior poder de gente, e, sem fazer rosto, deram as costas e largaram as armas. Os nossos lhe foram dando até à praia, com tal valor e

---

<sup>53</sup> Página 109 da Carta Ânua.

ventura que, além do grande número de feridos, morreram muitos, uns em terra à espada, outros no mar afogados.

Ficaram eles com a desgraça muito sentidos, e bem mostraram os tristes e desconcertados gritos que nas duas naus levantaram e na nossa vila se ouviam. Quiseram no dia seguinte recuperar o perdido nas fazendas que estão pelo rio acima, mas dobraram a perda, porque o capitão Salvador Correia de Sá, governador do Rio de Janeiro – vinha este fidalgo, por ordem de seu pai, dar socorro ao cerco da Bahia com duas caravelas e quatro canoas grandes – não se tendo achado o dia de antes no assalto, por guardar sua estância, os foi esperar e, tendo eles tomado já uma barça, os acometeu com as canoas, e apertou de maneira às frechadas que, sendo mortos quarenta, largando uma lancha à força de remo, escaparam.

Com estes ruins sucessos desesperado já de sua fortuna, o general inimigo mandou ao outro dia, que era o terceiro da entrada, um recado ao capitão, em que lhe pedia um sobrinho seu, que parece ficara preso entre nós, oferecendo resgate, e que os padres da Companhia lhe mandassem algum refresco, pelo bom agasalho que eles fizeram aos outros padres que na Bahia foram tomados. Visto o que, respondeu o capitão que, enquanto ao sobrinho, devia morrer na briga, porque p não tinha preso, e ao segundo, que não havia na terra outro refresco senão o que nos dois dias antecedentes tinham experimentado, e com ele estava aparelhado para os receber a qualquer hora. Ouvida a resposta, levaram ferro no mesmo dia e se fizeram na volta do norte.

Em um outro encontro se acharam os nossos padres; no primeiro, os que residiam na vila, no segundo, dois que em companhia do capitão Salvador Correia vieram do Rio de Janeiro; e assim uns como os outros não faltaram nem à guerra, nem os soldados antes dela. Também os que residiam nas aldeias, no ponto em que souberam os que passava, se partiram com os índios a toda a pressa, posto que, quando chegaram, como a jornada é comprida, não foram necessários. Numa destas aldeias foi Deus servido levar para si o irmão Antônio Fróis, estudando, com uma morte mui repentina, porque, andando achacoso, um dia o acharam morto. Sentiu-se geralmente esta morte, por ser assim apressada, mas muito mais sentida fora se o irmão não andara bem aparelhado como andava; além do que, em toda a sua vida foi muito edificativo e resignado na obediência, e já pode ser que, por obedecer, lhe viesse esta morte, causada das chuvas, passagem de rios e outros muitos trabalhos, que naquela residência, onde

pelos superiores fora posto, continuamente padecia. Faleceu no ano de 1625, de idade de vinte e seis anos, com oito de Companhia.

Os índios<sup>54</sup> Paranaubis, que em nosso vulgar é o mesmo que Mares Verdes, foram buscados por tantos anos, assim dos padres nossos como dos Portugueses, sem serem achados senão neste tempo em que, chegada já a sua hora, desceram para a Igreja. São em número perto de quatrocentos e cinquenta almas, gente belicosa, valente, bem disposta, bem assombrada e de bom entendimento. Viviam cento e trinta léguas metidos pelo sertão, e por isso de poucos conhecia. Acharam-os há pouco tempo um padre nosso, e tinha alcançado deles palavra que, vindo em sua busca, o acompanhariam.

Intentou-se a missão por várias vezes, mas sem efeito, até que finalmente o houve. Não faltaram para impedir grandes dificuldades, não só antes da partida, mas também estando já pelo sertão dentro; porém, com o favor de deus, que queria a salvação daquelas pobres almas, todas, e algumas quase milagrosamente, se venceram. Foi a viagem, parte por um rio, parte por terra, de um mês, com mais trabalho e enfadamento do que alguém pode imaginar, por ser o caminho de terra igualmente trabalhoso que perigoso o do rio.

Chegaram os dois padres e foram de todos recebidos com grandes sinais de amor e alegria, e providos de todo no necessário, que é coisa digna de espanto achar tal humanidade em gente selvagem e bárbara, cuja glória está posta em matar e comer seus inimigos, uns dos quais eram os índios companheiros dos mesmos padres, e isto acrescenta mais a maravilha e exalta mais a onipotência.

Três dias depois da chegada, tendo-se ajuntado a gente que, como o mesmo capitão, andava toda espalhada à caça, se lhe propôs que se lembrassem da palavra que tinham dado; e, para mais os mover, lhes falaram inço índios cristãos, dos nossos, com tanto espírito que bem se via serem movidos do Divino, o qual queria converter aqueles bárbaros, e para isto lhes dava tal eficácia de palavras e tão divinas.

Acabada a prática, respondeu o principal que ele estava prestes para guardar a palavra, e desceria com toda a sua aldeia; e, para mostrar que assim o determinava, deu um sinal manifesto, e foi que, estando cingido com uma faixa larga, de que pendiam muitos fios cobertos de continhas pretas, com os dentes dos tapuias que tinha morto, por

---

<sup>54</sup> Página 110 da Carta Ânua.



remate, esta apresentou aos padres como peça de maior estima, dizendo: “Esta me determinou que fizesse Araroba (que é um dos feiticeiros que eles veneram como a Deus), para que matasse muitos tapuias; já tenho morto dez e alcançado dez grandes nomes”. Outras semelhantes peças trouxeram alguns, de maneira que claramente se via como pouco a pouco iam renunciando *omnibus pompis Diaboli*.

Começaram logo a se aparelhar para a jornada, indo com grande festa uns fazer mantimentos, outros a mato a lavrar as canoas necessárias para o rio, e capazes de toda a gente. Enquanto nos aparelhávamos, foi a aldeia molestada de muitas doenças, que particularmente davam nas crianças, e tais que muitas morreram<sup>55</sup>, as mais delas batizadas, e outras chegaram ao último, e, quando estavam nestes termos, as traziam as piedosas mães aos padres, para que eles lhes dessem saúde. E o que é mais para dar graça à Divina bondade é não se arrependerem com isto, nem lhes vir ao pensamento que aquele mal se lhes pegava dos nossos, como é provável se pegou, antes aqui tomavam ocasião para terem suas terras por muito doentias e as deixarem mais depressa.

Em um mês que aqui houve de detença, foram os nossos tratados sempre dos índios e venerados como homens vindos do céu. Exortavam-se uns aos outros com pregações de dia e de noite, a que se viessem com eles e confiassem neles muito, porque eram homens santos e seus libertadores. Perguntavam-lhes depois de os ver dizer missa: Que lhes dera Deus a sentir acerca da partida? Tendo-os por homens que tratavam com o mesmo Senhor familiarmente. E muitas vezes, quando no terreiro da aldeia passeavam rezando suas horas, vinham logo alguns deles ali a varrer e limpar o lugar por onde eles andavam. Tanto é o respeito e reverência que têm aos padres!

Posto a ponto tudo o necessário para a partida, fez o principal sua prática a todos, exortando-os a que o seguissem, com o que se animaram muito. Puseram fogo às casas e começaram a caminhar sem mostra alguma, nem ainda pequena, de tristeza por deixar sua pátria, antes com muita alegria, porque livrando-se dela se livraram das mãos do Demônio, do qual entendiam que eram perseguidos, e ao mesmo atribuíam as doenças que na aldeia padeceram depois da chegada dos padres, dizendo que se queria vingar, porque se apartavam dele. Assim como eles o entendiam era na verdade, porque

---

<sup>55</sup> Página 111 da Carta Ânua.

trabalhou muito o inimigo pelos fazer tornar atrás, pondo-lhes diante dos perigos do rio, o comprimento e aspereza dos matos e caminhos e outras muitas dificuldades que ele lhes sabia formar na fantasia. Mas logo estas sombras com as luzes das razões dos nossos se desfizessem, eles ficaram quietos e consolados.

Postos a caminho começaram a sentir os trabalhos rigorosos e os perigos dela, porque o rio é de grandeza e velocidade estranha, mormente nas cachoeiras, onde, estreitando-se a corrente entre precipícios de pedra, vai tão arrebatado que não bastava muito número de gente com cordas para ter mãos nas canoas e vencer a força impetuosa das águas, e por esta razão escaparam muitas das mãos e se fizeram em pedaços, e outras se viraram, como foi uma em que vinha um dos padres que correu perigo evidente de se afogar, mas todos se escaparam com vida, mais por milagre do céu que por indústria dos pilotos, cuja arte em semelhantes passos não tem lugar.

Não era nestas cachoeiras menor enfadamento o carregar e descarregar canoas tantas vezes quantas elas eram, e eram muitas, e passar às costas os doentes e velhos, e vez houve em que foi necessário, para evitar um perigo, levar por terra grande espaço as mesmas canoas, que eram quarenta. A estes enfadamentos se ajuntava a falta de todo o necessário, que, com ser sempre muitas nestas missões, nesta foi mais que ordinária, até que enfim chegaram todos com saúde e alegria à aldeia dos Reis Magos, residência desta capitania do Espírito Santo<sup>56</sup>, donde os padres tinham partido. Mas, como acharam esta aldeia infestada de bexigas, ateou-se a peste dela nos novamente vindos, e pouco a pouco começaram a morrer, tendo porém todos recebido o Santo Batismo, e muito poucas horas antes da morte, com certa probabilidade que o Senhor, o qual por tantos trabalhos os trouxera à Sua Igreja, lhes daria a glória mais depressa do que eles puderam imaginar.

### **Colégio de Pernambuco**

Entre outros, que o Senhor visitou com doenças neste Colégio, levou para si ao padre Manuel de Sá, coadjutor espiritual formado, com 72 anos de idade, cinquenta e dois dos quais vivera na Companhia. Quão bem gastados esses fossem dá bom testemunho o grande exemplo de suas virtudes. Entre todas resplandecia nele, com

---

<sup>56</sup> Página 112 da Carta Anua.

avantajado grau, a caridade, a qual não se estreitava dentro dos limites da religião, nem só se lembrava daqueles com quem se tratava, mas estendia-se a todos, particularmente aos pobres, para socorro dos quais, movido de sua inclinação piedosa, ajuntava pela terra esmolas, dando com elas a uns o comer, o vestido a outros, e remediando a todos.

Mas, se era grande o cuidado com que acudia às necessidades corporais dos próximos, com muito maior se empregava nas espirituais, sendo o primeiro nas confissões, perseverando com incansável fervor muitas horas neste santo exercício, e, o que mais é, em tempo que já os anos o desobrigavam deste trabalho e as intensas dores de suas enfermidades bastantemente o escusavam.

Acompanhou a este padre na jornada do céu o irmão Jerônimo de Corte Real, estudante, natural de Angola, a quem na primavera dos seus anos, que não eram mais que dezenove, e dois e meio de Companhia, cortou o fio a morte, com universal sentimento do Colégio e de todos, por se murcharem tão em breve as flores de que ao diante se esperava copioso fruto, porque era excelente na língua latina e na Angola, tão necessária como proveitosa nestas partes. Mas deu-lhe Deus, que tal é a sua liberalidade, antes do trabalho, a paga.

Também faleceu o padre Salvador Coelho, natural da Baía, professo de quatro votos, que, tendo gastado religiosamente quarenta e um anos nos ministérios da Companhia, em dia de Nossa Senhora dos Prazeres, de quem era particular devoto, chamou-o Deus para si a usar da glória que, em cinquenta e oito anos que vivera, tinha merecido. Fez grande fruto nas almas com as suas pregações: disto foram boas testemunhas as lágrimas com que muitos choraram a perda de tal apóstolo, que assim lhe chamavam. Fez-lhes grandes honras o prelado da Administração de Pernambuco, com toda a sua clerezia: entraram pelo Colégio e o trouxeram com tochas do seu cubículo à igreja, onde lhe cantaram um ofício com toda a solenidade e pompa, poucas vezes vistas nem praticada com os da nossa profissão e instituto.

Com<sup>57</sup> ser grande o fruto que dos púlpitos e confessionários tiram os nossos naquela capitania, não é menor o que das práticas familiares se segue, pelo que de um e outro apontaremos alguns casos mais notáveis.

---

<sup>57</sup> Página 113 da Carta Ânua.

Travou o inimigo comum da paz uma discórdia, de que se temiam grandes dissensões e danos, por serem as partes homens ricos e poderosos; eram já passados seis meses, mas não se apartava de seus corações o ódio, antes, como em matéria bem disposta, cada vez se ateava mais este fogo infernal e sempre prejudicial à almas, do qual sabendo um dos nossos padres, acudiu com toda a pressa antes que se levantasse maior incêndio, e, apagando-o com favor divino, por sua boa indústria deixou em seu lugar o que Cristo Nosso Senhor trouxe à terra.

Entre outros se levantou uma demanda grossa e, com a ambição se acompanha sempre do ódio, seguiram-se daqui grandes inimizades. Buscaram-se meios para as atalhar. Interpôs-se a autoridade de muitas pessoas graves, mas tudo em balde; até que finalmente entrou um da nossa Companhia no negócio e lhe deu o fim desejado, que tanto mais vale, para mover corações, a caridade religiosa que a autoridade mundana.

Mas, com ser tanta a diligência que os obreiros de Cristo põem em arrancar a cizânia semeada pelo inimigo, contudo não desiste, antes então, com diabólica astúcia, busca novas traças, e quanto mais perseguido, mais sagaz. Bem se viu isto em dois casados, entre os quais foram crescendo tanto os desgostos, de parte a parte, que se vieram a apartar de todo, sem bastar rogos alguns para que se tornassem à antiga e devida amizade, mas, persuadidos com a boa razão e conselho de um nosso, se reconciliaram, como também o fizeram outros dois em semelhante caso, e, em outros diferentes, se fizeram muitas amizades.

Em dia do santo padre S. Francisco Xavier, veio à nossa portaria, guiado, como ele disse, pelo mesmo santo, um pecador tão esquecido e descuidado até então da vida eterna quão cuidadoso e lembrado da presente. Daquela nenhum caso fazia; para esta se deitava largas contas e, não fazendo nenhuma da que havia de dar a Deus, naquelas se empregava, esquecido do emprego certo para a morte eterna. Mas agora, já tudo mudado e contrário, se confessou geralmente, largando o peso grande dos pecados de toda a vida que, pouco a pouco, o iam abismado no Inferno. A este imitaram outros três que, tendo-se uma vez apartado da graça divina, e reteúdos pelo Demônio no pecado, com que os tinha enlaçado, não buscavam guia para o Céu. Porém, buscados e guiados pelos nossos, e recuperada com a Penitência a antiga amizade de Deus, tornaram ao caminho da sua salvação.

Além disto, como o bem dos índios da terra é o principal fim da nossa Companhia, nesta província se procurava mui deveras ajudá-los no corporal e no espiritual, que de ambos estes meios são igualmente necessitados. Daqui nasceu que os da aldeia de Uná, os quais estavam encarregados a um sacerdote secular, que os não ajudava como eles desejavam, vieram tomar o sr. governador<sup>58</sup> por terceiro para com o padre reitor, que lhes desse padre para residir na sua aldeia. Alcançaram de Sua Senhoria que fosse lá dois dos nossos em missão, e ficaram tão cativos do seu bom trato e conversação que logo despediram o clérigo, e tornaram segunda vez a pedir residência de padres; mas, com o segundo despacho com se fosse o primeiro, replicaram e repetiram a mesma petição tantas vezes que, finalmente, visto seu fervor e perseverança ao serviço grande que nele esperávamos fazer a Deus, se lhes concedeu a residência que pediam. O que efetuou. E concluiu de todo este negócio, foi a resolução com que todos protestaram de se tornar para o sertão, se ficavam frustrados do seu intento. Assaz, enquanto não tinham o despacho, tristes e pensativos andavam os pobres, mas tanto que o tiveram, se toda, com músicas e danças ao seu modo, a recebê-los, como triunfado da vitória que tiveram em os alcançar.

Não foram só estes os que, movidos da caridade dos padres, e zelo de se aproveitarem deles, os pediram; também; os da aldeia de Nossa Senhora da Conceição, em Tabueramá, tanto que souberam serem chegados alguns nossos, dos que a fúria holandesa lançara na Bahia, parecendo-lhes esta ocasião boa para alcançar o que tanto tempo havia que desejavam, foram-se logo ao Colégio e, pedindo-os, lhos concederam, com muita consolação sua. Porém assim como facilmente os tiveram, assim facilmente os perderam, porque, recuperada outra vez a cidade, se tornaram com a sua ausência, tantos os rogos com quem os tornaram a pedir, que foi necessário, para sua consolação, condescender com eles, mudando os da aldeia de S. Miguel para a de Nossa Senhora de Mecugé, ao menos por algum tempo. Imaginaram os de S. Miguel que os deixavam para sempre, e acudiram o Colégio mui queixosos, por várias vezes, alegando sua justiça com tanta instância que, com possuidores, foram restituídos à antiga posse, e se lhes concedeu com grande alegria residência dos nossos como dantes, e ficaram os outros de

---

<sup>58</sup> Página 114 da Carta Ânua.

Nossa Senhora de visita, como sempre estiveram, ainda que assaz sentidos e magoados de não terem sempre consigo os padres, que tanto amam.

Este amor mostraram eles bem agora na revolta dos Holandeses. Tanto que em Holanda souberam que tinham por sua a Bahia, logo trataram de socorro e mandaram, com a maior pressa que puderam, trinta e tantas velas, como já disse acima; mas a nossa armada foi Deus servido que andasse e chegasse mais depressa, e assim, quando os Holandeses chegaram ao porto, acharam outro maior poder, pelo que, virando na volta do norte, desesperados já da Salvador<sup>59</sup> de Todos-os-Santos, surgiram na baía da Traição para aguarda, tendo primeiro intentado entrar na cidade de Paraíba, mas sem efeito, por andar o tempo verde, os mares grossos e a barra a ser infestada de baixos pouco sabidos, nos quais, ainda que navios pequenos nadem, as naus grandes, como eram as dos inimigos, não podiam deixar de tocar. A esta baía acudiram os nossos que puderam, e se entrincheiraram em parte, para impedir o passo ao inimigo, que já tinha muita gente em terra, e, tanto que desembarcaram, procuraram logo em primeiro lugar a amizade dos índios, e alcançaram de algumas aldeias, mas nenhuma delas estava a nosso cargo, nem dos da nossa Companhia, porque nos fez Deus particular mercê que todos os índios da nossa doutrina fossem fidelíssimos.

Desembarcados que foram os Holandeses com os índios amigos, todos juntos, formando esquadrão, começaram a marchar com o desejo de tomar algum fresco de carnes, mas saiu-lhe muito ao contrário, porque rebatidos dos nossos, foram obrigados a se recolher com perda de alguns dos seus. Tanto que disto teve notícia, o sr. governador veio com tanta diligência a este Colégio pedir os índios e religiosos para socorrer esta necessidade por terra, enquanto mandava o governador do Maranhão por mar.

Ordenou logo o padre reitor a dois padres, e um deles mais exercitado na língua, que se partissem a toda a pressa em companhia dos índios, os quais se convidaram uns aos outros, para irem pelejar por nossa santa fé em companhia de seus padres e padecer os mesmos trabalhos que eles padecessem; e não foram estes poucos, por ser no coração do Inverno. Chegaram com quatrocentos frecheiros ao nosso arraial, mas nunca se ofereceu ocasião de provar forças com os Holandeses, porque daí a poucos dias levantaram ferro e deram à vela.

---

<sup>59</sup> Página 115 da Carta Ânua.

Porém, receando-se que o gentio rebelde, tornando-se para a sua terra do Capaoba, fizesse algum dano, pareceu bem castigar suas deslealdades.

Arremeteram os nossos com os rebeldes às frechadas; resistiram eles ao princípio com igual valor, mas, como as nossas frechas iam guiadas pela razão, sempre acertaram mais e fizeram grande estrago nos inimigos, não obstante serem estes e os nossos da mesma nação, e muitos de estreita parentesco, porque o capitão da aldeia de S. Miguel, de três tios, que tinha da parte contrária, deixou dois mortos. Tanto estimaram a fidelidade que a antepuseram ao próprio sangue.

Notável foi também o ânimo que mostrou outro índio capitão, num caso extremado de três rebeldes, os quais amotinavam os das nossas aldeias. Vinham eles, ao que parecia, mandados de propósito, espalhando a fama que a Bahia, Pernambuco e Paraíba estavam destruídos, e com este engano procuravam persuadir os nossos que se rebelassem. Ouviu-os o índio capitão de uma nossa aldeia, e, vendo-se só, dissimulou, tendo-os de olho, e depois que se viu acompanhado dos seus, prende logo a todos três, entrega dois ao capitão de uma nossa aldeia, e, vendo-se só, dissimulou, tendo-os de olho, e depois que se viu acompanhado dos seus, prende logo a todos três, entrega dois ao capitão português da fortaleza do Rio Grande e manda enforcar o terceiro - parece<sup>60</sup> que lhe achou mais culpa - , para que com a morte pagasse o alvitre de semelhantes novas, mostrando no efeito a lealdade devida ao seu Deus e rei à boa doutrina que dos padres aprendera.

Quando os Holandeses, depois de renderem a cidade da Bahia, começaram com raiva herética e desatinada a quebrar as imagens dos santos (como já dissemos em seu lugar), foram à sacristia do Colégio, arremeteram a um crucifixo muito devoto, que nela estava, e, arrastando-o, o lançaram de uma varanda a baixo. Caiu em terra, quebrou-se a cruz de pau e com a força do golpe se fez em pedaços, e a imagem (coisa maravilhosa), que não era de metal mais forte, antes mais fraco, ficou tão inteira como se a terra dura, em que caiu, estivesse alcatifada de colchões ou cochins brandos. Aqui esteve jazendo dois dias, à falta de quem o levantasse; nem faltou quem, levado de uma fúria mais que herética e infernal, lhe fizesse mil injúrias, até que, enfim, quis o libertador dos homens que um o fosse seu.

---

<sup>60</sup> Página 116 da Carta Ânua.

Passaram por ali acaso dois soldados portugueses; um deles, movido de compaixão, deita-se, com piedade cristã, aos pés do seu Deus, toma-os nos braços com muitas lágrimas e suspiros, envolve-o numa capa de baeta, e passa-se com ele ao lugar onde se recolhe, sofrendo mil injúrias e ouvindo mil blasfêmias dos hereges.

Parece nos quis o Senhor dar a entender, com o luto da baeta, o muito sentimento que tinha nos nossos pecados, pelos quais éramos justamente castigados, e ele quase obrigado a deixar as igrejas e altares em que o venerávamos.

Dali a alguns dias, oferecendo-se embarcação para Pernambuco, embarcou-se o soldado, levando consigo o Senhor. Chegou, e, tanto que a terra soube do grande tesouro que em si tinha, não se pode facilmente explicar o alvoroço e devoção com que todos desejavam e o ver e venerar. Foi depositado na sua casa da Santa Misericórdia, enquanto se lhe restituía a cruz, e na primeira domingo de julho o levaram em procissão, com grande solenidade, ao nosso Colégio, onde foi colocado na Capela de Jesus. Pregou o padre reitor com grande abalo do auditório, e, por razão da guerra, estava então na vila gente junta de todas as partes; concorreu toda e, por isso, foi o maior concurso que de muitos anos a esta parte se viu na terra.

Determinou logo o prelado da Administração de Pernambuco, à petição de muitas pessoas de respeito, que esta tão assinalada mercê se gratificasse a Nosso Senhor, dizendo-se todas as sextas-feiras daquele ano ao santo crucifixo uma missa cantada, para o qual efeito se elegeram por mordomos quatro homens graves, os quais se tiveram por muito ditoso em ser os primeiros no serviço de tal Senhor. Agora, com a nova confraria e indulgências que Sua Santidade concedeu, se continua a mesma devoção com grande fervor.

Pareceu conveniente vir de Pernambuco uma nau em socorro à Bahia, e por capitão dela Jerônimo Cavalcante de Albuquerque. O mesmo capitão em pessoas foi ao Colégio pedir com muita instância alguns padres, que fossem em sua companhia, com que iriam seus soldados e ele muito mais animados para<sup>61</sup> qualquer encontro que sucedesse. Concederam-lhe um padre e um irmão, e não se enganou o homem, porque,

---

<sup>61</sup> Página 117 da Carta Ânua.



indo na volta da Bahia, achou uma nau holandesa de maior porque a sua. Travaram-se ambas e pelejaram das seis da manhã até às cinco da tarde. No tempo da briga acudia o padre no espiritual a todos, confessando-os e animando-os com um crucifixo nas mãos, e o irmão, que entendia bem de cirurgia, se ocupava e curar os feridos e em lhe acudir com o comer necessário para se esforçarem.

Sucedeu aqui um caso milagroso, e foi que pôs o padre na câmara da popa uma relíquia do santo padre José Anchieta; e, sendo assim que todos os pelouros, que deram nas outras partes de nau, passaram fazendo muito dano e matando alguns, quantos deram no lugar, onde estava a santa relíquia, resvalaram para fora, sem prejuízo da nau naquela parte, e das vidas dos que na mesma estavam, antes dando um de mosquete, no peito desarmado de um soldado, lhe caiu aos pés. Tudo se atribuiu, com muita razão, aos merecimentos do santo padre José Anchieta. Sua canonização se espera e deseja com grande alvoroço de toda esta província, assim dos de casa como dos de fora, e não duvidamos de haver de ser um grande meio para uns se emendarem e outros se melhorarem.

A este fim ajudou também a beatificação do santo padre Francisco de Borja, a qual se celebrou neste Colégio, da Pernambuco no ano de 1625, com a solenidade que pôde ser, de vésperas, missa cantada e pregação, jubileu, muitas confissões e comunhões, e também houve algumas luminárias.

Nos outros dois Colégios, da Bahia e Rio de Janeiro, se fez quase o mesmo, e, pelo menos, em ambos houve vésperas, missa cantada e pregação.

Isto é o que me pareceu referir a Vossa Paternidade deste dois anos, depois de se fazerem todas as diligências possíveis para tirar a limpo a verdade, que as guerras, de ordinário, não só pretendem esconder, mais sopeiam e atropelam.

Peço santa benção e santos sacrifícios de Vossa Paternidade. Bahia, 30 de setembro de 1626.

Por comissão do padre Vice-Provincial:

Filho indigníssimo em Cristo de Vossa Paternidade.

Antônio Vieira

